VIDA
DE
D. PAULO
DE LIMA PEREIRA

CAPITAM MO'R DE ARMADAS do Eſtado da India, onde por ſeu valor, e esforço nas batalhas de mar, e terra, de que ſempre conſeguio glorioſas vitorias, foy chamado

O

HERCULES PORTUGUEZ.

AUTHOR

DIOGO DO COUTO

Chroniſta, e Guarda mór da Torre do Tombo do Eſtado da India, bem conhecido por ſuas Décadas.

COM HUMA DESCRIPÇAÕ, que de novo deixou feita o meſmo Author deſde a Terra dos fumos até o Cabo das Correntes, para muitos util, e para todos grata.

LISBOA:
Na Officina de Jozé Filippe, 1765.
Com as licenças neceſſarias.

INDEX
DOS CAPITULOS,
Que contém este livro.

da

ria

XXXV.

LICENÇAS.

DO SANTO OFFICIO.

PO'de-ſe imprimir a obra, de que ſe trata; e depois voltará conferida para ſe dar licença, que corra, e ſem ella naõ correrá. Lisboa 23. de Julho de 1765.

Trigozo. Carvalho. Mello. Thor.

DO ORDINARIO.

CENSURA DO M. R. DIOGO Barboſa Machado Abbade de Sever, Academico, e Cenſor da Academia Real, e da Liturgica, &c. &c.

EXC.^mo E REV.^mo SENHOR.

ESta Hiſtoria he duplicadamente acrédora de ſe immortalizar

talizar nos Faſtos da Poſteridade pelo beneficio da luz publica, naõ ſómente por ſer glorioſo aſſumpto della o invencivel D. Paulo de Lima Pereira, como por ſer ſeu Author o grande Diogo do Couto, devendo Portugal á eſpada de hum, como á penna do outro agradecidas memorias, e eternos elogios. Naõ pedia menor Curcio aquelle Alexandre, que ſuperior ao Macedonico, teve como elle por theatro das ſuas façanhas o Oriente, onde lhe ſepultou toda a gloria, que com profundo ſilencio adorou o Mundo. Deſde a primeira idade aſpirou a coroar-ſe com vitorias, e triunfos, e eſtimulado de taõ generoſos eſpiritos repreſentou a ſeu Pay, que na liçaõ das Chronicas Portuguezas, e Hiſtoria da India Oriental achara que ſeus Avós tinhaõ obrado eſpantoſas façanhas em obſequio da Patria, e lhe parecia

cia degenerar de ſeu filho em os naõ imitar, e ſendo certo que tinha braço para empunhar a eſpada, brio para defender a honra, e eſpiritos para conſervar o claro nome dos *Limas*, de que eraõ eternos pregoeiros os Faſtos Orientaes. Conhecendo o Pay que nelle tinha gerado hum Heróe, promptamente deferio a taõ honrada ſupplica. Partio para o Oriente, onde ſeguindo os bellicoſos veſtigios daquelles animados rayos de Marte os Cunhas, Albuquerques, e Caſtros, em breve tempo lhes podia ſervir de exemplar. Naõ dependia do tempo a celeridade com que ſe coroou vitorioſo, já na reduçaõ das Fortalezas de Onor, e Barcellor; já nas duplicadas vitorias dos Malabares em Dabul, e Mangalor; já no triunfo dos Reys de Collé, e Sarcetas na Fortaleza de Aſſarí; ſendo a ultima coroa dos ſeus bellicos

licos trabalhos a conquiſta da Ci-
dade de Jor preſidiada de oito
mil ſoldados, e ſoccorrida por tres
Principes authorizadas teſtemu-
nhas do ſeu heroico valor, que
mereceo ſer publicado pelas bocas
de mais de mil peças de artilharia de
bronze, que foraõ parte do deſ-
pojo. Voltando para a Patria a re-
ceber o premio a taõ altos mere-
cimentos, conjurada a fortuna ad-
verſa contra elle, permittio que
naufragante finalizaſſe a vida na
coſta da Cafraría digna de fim
mais glorioſo, quando contava
cincoenta e hum annos de idade,
e muitos ſeculos de gloria. Para
eterno monumento de Varaõ taõ
eminente publique-ſe eſta Hiſtoria,
em que ſe relataõ as ſuas heroicas
proezas, principalmente, quando
naõ contém clauſula alguma, que
offenda a pureza da Fé, e a obſer-
vancia dos bons coſtumes. Eſte
he

he o meu parecer, que ſerá judicioſo ſe merecer o beneplacito de V. Exellencia. Lisboa o 1. de Agoſto de 1765.

Diogo Barboſa Machado.

VIſta a informaçaõ, póde-ſe imprimir o livro, de que ſe trata; e depois torne para ſe dar licença para correr. Lisboa 4, de Agoſto de 1765.

D. J. A. de Lac.

DO

DO PAÇO.

QUe se possa imprimir vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario; e depois de impresso tornará á Mesa para se conferir, taixar, e dar licença que corra. Lisboa 4. de Março de 1761.

Com cinco Rubricas.

DO SANTO OFFICIO.

PO'de correr. Lisboa 29. de Outubro de 1765.

Com quatro Rubricas.

DO ORDINARIO.

PO'de correr. Lisboa 30. de Outubro de 1765.

D. J. A. de Lac.

DO PAÇO.

QUe possa correr, e taxaõ em trezentos reis em papel. Lisboa 31. de Outubro de 1765.

Com cinco Rubricas.

VIDA DE D. PAULO DE LIMA PEREIRA.

CAPITULO I.

Quem era D. Paulo de Lima Pereira, e das partes, e calidades que tinha, e em que anno ſe embarcou para a India.

ESCREVEREY brevemente de hum Fidalgo Soldado, e Capitaõ, que neſte Eſtado da India militou mui-

 tos

tos annos, no qual alcançou ſempre grandes, e famoſas victorias, pelas quaes lhe pudéra eu pôr algum ſobrenome grande; mas contento-me de lhe dar o de venturozo Capitaõ, que he o mais alevantado, e o que os Romaõs ſobre todos eſtimavaõ; porque naõ buſcavaõ para Conſules, e Dictadores, ſenaõ os que tinhaõ eſte dom da natureza. Direy ſua vida toda, e ſua morte; porque em fim veo acabar em huma piedoſa tragedia, que ſe porá aos olhos de todos para ſe recearem dos revezes da fortuna, e eſcarnéos do Mundo, porque naõ ſey quem ſahiſſe de ſuas mãos livre delles. Eſte Capitaõ, ſeja D. Paulo de Lima Pereira, a quem a natureza deo as partes, que logo direy, e aſſim como o Mundo lhe meteo nas mãos occaſiões

de

de grandes honras, de que ſe elle ſoube aproveitar com grande valor, aſſim lhe deo outras de grandes deſgoſtos, trabalhos, perſeguições, e por fim morte muito para laſtimar.

Naſceo eſte Fidalgo a ſinco de Dezembro de mil e quinhentos e trinta e oito. Foy filho natural de D. Antonio de Lima Alcaide mór de Guimarães, e de Anna de Souza, huma mulher muito nobre, e com quem elle deſejou caſar, por fazer legitimo hum filho taõ honrado; tanto que começou a moſtrar, que merecia bem ſer filho de taõ illuſtre pay: mas deixou de o fazer por huma certa occaſiaõ, e depois caſou com D. Maria de Vilhena, filha de Chriſtovaõ de Mello, e de D. Anna da Sylva, da qual houve D. Anna de Lima Pereira, que hoje he caſada com

D. Antonio de Ataide, neto de outro D. Antonio de Ataide, primeiro Conde da Caſtanheira, o grande Privado d'ElRey D. Joaõ o III. Criou-ſe D. Paulo de Lima em caſa de ſeu pay, como ſeu filho, e como teve idade, começou a aprender as primeiras letras, e veo a ſer taõ bom Latino, que podia julgar dentre eſtilos, e eſtilo. E porque, como dizem, as letras naõ embotaõ a lança, aprendeo juntamente as armas, em que ſahio bem exercitado. Era eſte Fidalgo dotado de muitas partes da natureza, muito gentilhomem, e bem diſpoſto, aviſado, de muito bom conſelho depois de ter diſcurſo da guerra, e taõ animoſo; que nunca ſe lhe enxergou medo algum, achando-ſe em muitos trances, onde outros muitos, em que nunca

ſe

ſe deſcobrio, o moſtraraõ bem.

Sendo de dezoito annos de idade o negociou ſeu pay para paſſar á India a ſervir ElRey, e ſe embarcou na Armada, de que veo por Capitaõ mór D. Luis Fernandes de Vaſconcellos, filho do Arcebiſpo de Lisboa D. Fernando de Menezes na ſua propria náo chamada Santa Maria da Barca, na qual ſe embarcaraõ muitos Fidalgos, e dos que me lembra ſaõ os ſeguintes. Luis de Mello da Sylva, o que ſe perdeo no Marinho, filho de Ruy de Mello o velho, com quem eſte D. Paulo tinha algum parenteſco, e em quanto foy ſoldado ſe agazalhou com elle: D. Pedro de Almeida, que trazia a Capitanìa de Baçaim, que ſervio, e depois a de Dámaõ; D. Felipe de Menezes, irmaõ de D. Joaõ Tello de

de Menezes, hum dos Governadores, que foraõ do Reyno por morte do Cardeal D. Henrique; Nuno de Mendonça, Henrique de Mendonça feu irmaõ, Hieronymo Correa Baharem, Henrique Moniz Barreto, filho de hũ irmaõ de Antonio Moniz Barreto, que foy General da India, e outros Fidalgos.

Esta náo estando no rio abrio huma grossa agoa, de que chegou a ter quatorze palmos, e desconfiados de se lhe poder tomar, se fizeraõ as outras náos de sua companhia á véla, as quaes eraõ quatro: Santo Antonio Capitaõ Cid de Souza, d'Assumpçaõ Braz da Sylva, da Framenga Antonio Mendes de Castro, e da Aguia Joaõ Rodrigues Salema de Carvalho; e destas Assumpçaõ, e Santò Antonio chegaraõ a Goa, e as outras duas huma ficou inver-

vernando em Moçambique, e outra em Milinde. Eſte anno ſe houve por aſſinalado, aſſim pela morte do noſſo bom Rey D. Joaõ o III, que falleceo depois da partida das náos em onze de Junho, dia de S. Bernabé, em idade de ſincoenta e ſinco annos, tendo reinado trinta e ſinco, como pela morte do Emperador Carlos V. da glorioſa memoria, que falleceo em Outubro ſeguinte em idade de ſincoenta e oito annos e ſete mezes; e aſſim quaſi em hum meſmo tempo ſe eclipſaraõ ao Mundo eſtas duas Luminarias, que o allumiavaõ.

CAPI-

CAPITULO II.

Do que aconteceo a esta náo Santa Maria da Barca na viagem até chegar a Goa.

PArtidas as outras náos de Lisboa, como disse, ficou a Capitania no rio, e para lhe tomarem a agoa se despejou, e revolveo toda, para verem se lhe achavaõ por onde a fazia. Na gente do mar da Cidade de Lisboa assim a que acostumava a ver a India, como os pescadores de Alfama começou háver grandes borboínhas, e affirmavaõ que Deos queria castigar o Capitaõ mór, por o Arcebispo seu pay lhe ter aquelle mesmo anno defezo aquellas grandes, e antiguas festas, que faziaõ a S. Fr. Pedro Gonçalves em

em ſeu dia, em cuja veſpera acoſtumavaõ os peſcadores todos veſtirem-ſe de melhores roupas, que tinhaõ, com muitas cadêas douro, muitos tangeres; e bailes, e cargo de fogallas levavaõ o *S*anto ás hortas de Xabregas, onde paſſavaõ aquella tarde em grandes folguedos, e ſe recolhiaõ todos coroados de coentros verdes, e cingidos com muitas capellas, e aſſim ao meſmo Santo, e o tornavaõ á Igreja. E por parecer iſto ſuperſtiçaõ gentilica, a mandou o Arcebiſpo defender, do que os peſcadores andavaõ paſmados; e ſuccedendo o caſo de fazer agoa a náo de ſeu filho D. Luis, diziaõ publicamente que fora caſtigo de Deos, que por interceſſaõ do *S*anto lhe viera, por lhe vedar ſuas antiguas ceremonias.

E por-

E porque me naõ lembro ver escrito esta veneraçaõ, que tem a este Santo, e de como tem quasi por fé, que algumas exhalações que apparecem nas náos em tempos tormentozos, que he o mesmo Santo, que naquelles trabalhos os vem visitar, e consolar, direy aqui alguma couza disto. E assim tanto que acertaõ de ver aquellas exhalações, que parecem lumes pequenos, acodem todos com grandes festas, e gritas ao salvar, e em vozes altas o acclâmaõ todos, dizendo: *Salva, salva, ó Corpo Santo*; e affirmaõ que quando lhe apparece nas partes altas, e duas, tres, ou mais daquellas exhalações, que he final que lhe dá de bonança; mas se apparece huma só, e pelas partes baixas, que denuncía naufragio. E taõ crentes, e firmes

estaõ

eſtaõ niſto, que quando aquellas exhalações apparecem ſobre os maſtaréos, ſobem os marinheiros acima, e affirmaõ que achaõ pingos de cera verde. Mas elles os naõ trazem, nem os moſtraõ; ao menos nós os naõ vimos nunca, paſſando algumas vezes eſta carreira. E ſe os Religioſos, que vem na náo, lhe querem ir á maõ, e a dar rezões para lhes moſtrar, que aquillo ſaõ exhalações, dando-lhes as cauſas naturaes, por que ſe géraõ, naõ lhes falta mais, que tomarem as armas, e alevantarem-ſe contra quem lhe contradiſſer aquella ſua fé, que por tal a tem. A feſta deſte Santo ſe faz, e celebra nas Outavas da Paſcoa, e aquelle dia he o de maior triunfo de todos os peſcadores, que todos os do Mundo, e em que elles fazem mores gaſtos, e deſpe-

despezas, que em todos.

Esta pequena luz, que estes mariantes Portuguezes veneraõ em nome do Santo Fr. Pedro Gonçalves, e os Estrangeiros no de S. Telmo, he taõ antigua sua veneraçaõ, que ja em tempo dos Gregos se celebrava. Porque segundo muitos Autores seus contaõ, quando aquelles famosos Argonautas hiaõ na demanda do Velocino de ouro, em huma grande tormenta que tiveraõ no mar, appareceo aquella luz sobre a cabeça de Castor, e Poluz, e que logo lhe cessára aquella tormenta; o que moveo aos homens a terem estes dous irmãos em tanta veneraçaõ, que os contaraõ no numero dos deoses. E assim Plinio no segundo livro da Natural Historia, fallando desta luz, affirma que se vira muitas vezes nas pon-

tas

tas das lanças dos ſoldados em os exercitos, e que o meſmo apparecia em as náos, e lhe chamavaõ *Stella Caſtoris*, porque appareceo ſobre a cabeça de Caſtor, como acima diſſemos. E tornando aos noſſos mariantes, quando viraõ que ſó a náo do filho do Arcebiſpo deixára de fazer viagem, creraõ que o Santo ſe quizera ſatisfazer niſſo da offenſa, que o Arcebiſpo lhe fizera, em lhe defender ſuas taõ antiguas feſtas, e aſſim o affirmaraõ ao meſmo Arcebiſpo; o qual vendo tamanha fé, e devaçaõ, movido daquelle zelo lha tornou a conceder.

Depois que ſe achou a agoa, porque nas voltas que lhe deraõ foy hum marinheiro dar com hum furo de hum prego na quilha, que eſtava deſtapado; porque por deſcuido

cuido deixaraõ os calefates de
lhè pôr prego, e quando a brea-
raõ ſe tapoù o buraco, e por al-
li fazia aquella agoa. E permit-
tio Deos Noſſo Senhor, porque
aquella náo ſe naõ perdeſſe á ida,
fizeſſe no porto aquella agoa;
porque ſe fora no mar, nenhum
remedio tinha. Em fim a agoa
foy tomada com grande alvoro-
ço, e tornou a carregar; porque
diſſeraõ os officiaes que ainda ti-
nha tempo, e que quando naõ
pudéſſe paſſar á India, ficaria in-
vernando em Moçambique; e aſ-
ſim deo á véla a dous dias do
mez de Mayo, e foraõ ſeguindo
ſua derrota, e na coſta de Guiné
acharaõ tantas calmarias, que os
deteve ſetenta dias, e tomando
parecer ſobre o que fariaõ, aſ-
ſentaraõ que foſſem a invernar
ao Braſil, porque era muito tar-
de;

de; e logo ſe fizeraõ na volta da Bahia de todos os Santos, aonde chegaraõ a quatorze de Agoſto veſpera de Noſſa Senhora.

D. Duarte da Coſta, que alli eſtava por Governador, foy logo deſembarcar o Capitaõ mór, e os Fidalgos, que hiaõ na náo; que eraõ: Luis de Mello da Sylva, D. Pedro de Almeida deſpachado com a Capitanía de Baſſar, D. Felipe de Menezes irmaõ de D. Joaõ Tello, hum dos Governadores do Reyno, D. Paulo de Lima, Nuno de Mendonça, e Henrique de Mendonça ſeu irmaõ, Hieronymo Correa Baharem, Henrique Moniz Barreto, e outros Fidalgos, que agazalhou, banqueteou, e deo pouzadas á ſua vontade, e o meſmo fez a toda a mais gente da náo, a que deo mantimentos em quanto alli
eſte-

esteve. Como chegou a monçaõ de partirem para a India, deraõ á véla providos de tudo bastantemente, porque o Governador D. Duarte da Costa deó a tudo ordem; e seguindo sua derrota, foraõ tomar Moçambique, aonde os achou D. Constantino de Bragança, que tinha partido do Reyno por Viso-Rey em Março de mil e quinhentos e sincoenta e oito, e em sua companhia foraõ tomar Goa na entrada de Setembro, e nesta Cidade se agazalhou D. Paulo de Lima com Luis de Mello da Sylva, que lhe era muito affeiçoado por suas partes, e brio.

CAPI-

CAPITULO III.

Embarca-ſe D. Paulo de Lima para o Malabar com Luis de Mello da Sylva, e acha-ſe na deſtruiçaõ da Cidade Magalor.

EStando aſſim eſte Fidalgo em Goa, chegaraõ novas ao Viſo-Rey que nos Mouros de Cananor havia movimentos contra a noſſa Fortaleza, e que ſe armavaõ muitos parós para ſahirem a roubar. Ao que o Viſo-Rey acodio com deſpedir em Outubro Luis de Mello da Sylva por Capitaõ mór de nove navios, e para lá ajuntar a ſi ſinco, com que tinha partido diante Ruy de Mello homem fidalgo, caſado em Cananor; e de huns, e outros eraõ Capitães Gonçalo Sanches, Bel-

chior Godinho, Diogo Barbacho, Pedralves, hum Fuaõ Pimentel, Sebaſtiaõ Gonçalves, Alvaro Dias, Domingos de Coimbra, Antonio Mouro, Joaõ Luis, Diogo Lourenço, e o Capitaõ mór Luis de Mello da Sylva em huma eſcuſa galé, com o qual ſe embarcou D. Paulo de Lima, alguns Fidalgos, e pela Armada outros muitos mancebos. Aos quaes neſte tempo naõ faziaõ Capitães de navios, porque ſe dava a Cavalleiros velhos, e de experiencia daquella coſta; e aſſim aquellas Armadas ſe recolhiaõ todos os Verões com quarenta, ſincoenta, e ſeſſenta parós tomados, e neſtas eſcolhas dos veteranos aprendiaõ eſtes primeiro alguns annos para ſe exercitarem; mas tirados hoje do peito das amas, e metidos em Capitães de navios, que rezaõ daraõ

raõ de ſi, ſenaõ a que vemos ha alguns annos.

Partido Luis de Mello de Goa, foy correndo a coſta até Cananor, onde recolheo a ſi os navios, que lá trazia Ruy de Mello, e com todos foy correndo a coſta Malabar, e lançando eſpias em terra, para o aviſarem dos rios, em que ſe armavaõ coſſarios; com o que ſe enfrearaõ alguns, e naõ ouſaraõ a ſe arriſcar. Os Mouros hiaõ-ſe preparando para fazer guerra á noſſa Fortaleza, e ſolicitaraõ com El-Rey meter-ſe na liga; no que tiveraõ maõ Coge Semaſſadi, hum Mouro noſſo amigo, que alli eſtava, e Pocaralle Naire Jangada da noſſa Fortaleza, que aviſavaõ ao Capitaõ, que era D. Payo de Noronha, de tudo o que ſe trata-

va entre elles. Cabeça dos Mouros era o Rajáo de Cananor, que foy toda a occaſiaõ das guerras, que fizeraõ os Mouros á noſſa Fortaleza, por hum antiguo odio, que nos tomou, pela morte de Pocaralle ſeu tio, que os noſſos lhe deraõ em tempo do Governador Martim Affonſo de Souza, que naõ convém recitar, por naõ ſer da eſſencia do que eſcrevo.

Luis de Mello andou por aquella coſta fazendo aos Mouros toda a guerra que pode; e ſabendo que para o Norte eraõ paſſados alguns coſſarios, voltou apoz elles com muita preſſa. E chegando ao rio de Mangalor, ſoube eſtar dentro hũ pagel grande dos Mouros de Cananor: mandou dous navios de ſua companhia, que lho foſſem trazer; e achan-

achando-o varado em terra, trataraõ de o lançar ao mar; e andando nesta obra, ajustaraõ-se ós Mouros do pagel, e appellidaraõ os da terra, e dando nos nossos, os fizeraõ embarcar escalavrados. Sabendo Luis de Mello o caso, entrou o rio com toda a Armada, e desembarcou em terra com muito boa ordem, e foy cometendo a Cidade, q̃ era grande, e fermosa, a qual foy entrada com muito valor, e dentro nella fizeraõ os nossos espantosas cruezas, naõ perdoando a sexo, nem a idade, nem ainda ás alimarias. Luis de Mello ficou na entrada de huma rua, e com elle D. Paulo de Lima, q̃ sempre em quanto foy soldado nunca largou os seus Capitães móres, e outros soldados, que tambem seguiaõ a bandeira Real; e sendo avisado do que os nossos andavaõ fazen-

fazendo pela Cidade, receando-ſe que houveſſe alguma deſordem no ſaco della, os mandou recolher por D. Paulo de Lima, e que déſſe fogo por algumas partes á Cidade, para com iſſo obrigar aos noſſos a ſe recolherem; o que D. Paulo de Lima fez com tanta ordem, como ſe tivera muito curſo da milicia; e como deixou o fogo ateado, ſe recolheo ao Capitaõ mór, que eſtava, onde diſſemos, dando ordem ao que era neceſſario.

O fogo tomou tanta poſſe da Cidade, que meteo em todos terror, e eſpanto. Os Mouros, e moradores vindo fugindo de ſuas chammas, foy hum bom eſcoadraõ delles arrebentar pela rua, onde o Capitaõ mór eſtava, diante do qual vinha hum velho de mais de ſetenta annos com o ca-

bello ſolto, e huma manopla de aço, e huma adaga de mais de dous palmos, e ſó a ſua vizagem pudéra meter temor; e dando com o Capitaõ, ou o conheceſſe, ou lhe ficaſſe mais perto, endireitou com elle, e lhe deo huma adagada por hum braço, e ao meſmo tempo ſe liou com elle: Luis de Mello lhe lançou maõ aos cabellos, e o arremeçou de ſi, dizendo aos que eſtavaõ perto: *Tomay lá eſſe diabo*; e logo foy alli morto. D. Paulo de Lima vendo o cardume de inimigos, que alli ſobrevieraõ, arremeteo com alguns companheiros a elles, e com huma eſpada, e rodella ſe meteo no meio fazendo valentias dignas de eſpanto, e dando naquellas primeiras moſtras grandes ſinaes do que depois veo a ſer; e aſſim apertou elle, e os mais com os inimigos,

migos, que com morte da mór parte delles os puzeraõ em desbarato, a Cidade ficou toda abrazada, e hum fermosissimo pagode de grande fabrica, cujo tecto, e curuchéos eraõ cobertos de telha de cobre, e lataõ, com grandes bolas, e grimpas em cima, tudo isto dourado fermosamente; e destes metaes recolheraõ os soldados tanta quantidade, que quasi se carregaraõ os navios. Feito isto, tocou o Capitaõ mór a recolher, e se embarcou; o que se fez com perda de hum Capitaõ chamado Gonçalo Sanches, e seis, ou sete companheiros.

CAPITULO IV.

Como ſe achou D. Paulo de Lima na tomada de huma Armada do C,amorî, de que era Capitaõ hum Rume, que chamavaõ o do Rabo.

REſidia neſte tempo em Calecut a ſerviço do C,amorî hũ Rume, que ſe chamava o do Rabo, de que me naõ ſouberaõ dar rezaõ deſte appellido; por onde eu cuido, que devia de trazer por penacho na touca algumas plumas de rabos de garças, ou de outros páſſaros. Fez-ſe eſte grande roncador entre aquellas gentes; natureza de Rumes, que querem entre todos ſerem os melhores. E chegando a Calecut as novas do incendio da Cidade de Mangalor, ſen-

ſentio-a o C,amorî tanto, quẽ deo occaſiaõ ao Rume para ſe lhe ir offerecer a ir buſcar a noſſa Armada, e desbaratalla, e entregarlha, dando-lhe para iſſo quatorze, ou quinze navios. O C,amorî aceitou-lhe o offerecimento, e mandou negociar ſete galeotas; porque o Ade Rajáo de Cananor lhe tinha mandado offerecer outras ſeis, que ſe preparavaõ em hum de ſeus rios, de que havia de ſer Capitaõ mór hum valente Mouro chamado Cutimuſſa, parente do meſmo Ade Rajáo. Eſtes navios ſe ajuntaraõ em Calecut, donde ſahio o Rume, taõ cheo de ſoberba, como de bandeiras. Neſtes treze navios hiaõ mais de mil e ſeiscentos homens de guerra, muita artilharia, eſpingardaria, e munições; e ſabendo que àndava a noſſa Armada pela coſta de Magalor eſpe-

eſperando pelos pagéis dos Malabares, que haviaõ de vir de Cambaya, aſſentou com o Cutimuſſa de a irem buſcar, e aſſim ſe fizeraõ á véla; e hũa legoa antes, donde chamaõ a Palmeirinha, houveraõ viſta as Armadas huma da outra.

Eſtando Luis de Mello ſurto a terra, e ja ſobre aviſo, por cartas de Cananor, daquelles coſſarios, em havendo viſta delles, deſpedio Pedro Godinho, por ter hum navio muito ligeiro, para ir reconhecer aquelles navios, e ſendo os que eſperavaõ, lhes fizeſſe ſinal com huma bombardada. Os coſſarios tanto que viraõ apartar aquelle navio da noſſa Armada, entendendo o que era, lhe ſahiraõ alguns muito ligeiros; mas o Pedro Godinho até os naõ reconhecer muito bem, naõ quiz voltar,

tar, ſenaõ depois de abarbado com elles, e fez o ſinal com hum falcaõ. Luis de Mello em o ouvindo, mandou tirar as vélas a todos os navios, e eſtendelhas por ſima dos bancos de popa a prôa, e as mandou baldear muy bem, para que as panellas de polvora, de que os Malabares muito uſaõ, lhes naõ pudéſſem fazer damno; e aſſim encadeou os navios todos huns nos outros, ficando a ſua eſcuſa galé no meio, e huma galeota, Capitaõ Manoel da Sylveira, por huma das eſquadras: porque áquelle tempo naõ tinha mais que ſete navios, por ter apartados os mais a negocios, que importavaõ, e neſta ordem foy buſcar os inimigos, que com grande determinaçaõ vinhaõ tambem demandar os noſſos. Luis de Mello hia no meio da coxia da ſua galeota com hũ mon-

montante nas mãos, e a barba, que era comprida, feita huma trança com hum nó na ponta. A prôa encarregou a D. Paulo de Lima com alguns companheiros, e a D. Joaõ de Lima a parte desf-tebordo, e a de bombordo a D. Joaõ de Almeida irmaõ de D. Braz de Almeida com ſoldados, que lhe eſcolheo; e neſta ordem chegou aos inimigos a tiro de falcaõ. Os quaes vinhaõ tambem todos em ála, e a galeota do Rume no meio, e elle em ſima do toldo veſtido em huma cabaya deſcarlata com huma touca de muitas voltas, hum cofo, e tarçado aos pés, e elle com huma cana na maõ mandando remar os marinheiros.

O Condeſtabre do Capitaõ mór, que era hum Framengo, bom official, dizendo-lhe o Capitaõ que diſparaſſe a peça da co-

xia,

xia, que era hum camelo com huma róca de muitos leixos, e pedregulho, lhe respondeo que elle faria seu officio quando lhe parecesse. Os inimigos vieraõ dando sua salva com muito furor, e como se passou a fumaça, que ficaraõ descobertos os navios, e a tiro pouco mais de huma pedra de funda, poz o Framengo fogo á peça, e quiz sua ventura que tomasse a galeota do Rume de prôa a popa, que a destroçou de todo; e ao mesmo tempo disispararaõ os nossos navios seis falcões, que tambem fizeraõ grande estrago. Passada aquella espessa nuvem, viraõ os nossos os navios dos inimigos desencadeados, e divididos, e o do Rume com a quilha para sima, e o Cutimussa com os seus navios ir-se apartando para fóra, porque naõ ousou a esperar aquella furia;
e có-

e como os noſſos hiaõ voga arrancada, e com ella os do Rume, logo ſe inveſtiraõ, ficando dous encalhados pela prôa do Capitaõ mór, e outro por huma das bandas, e como cada navio trazia mais de cento e ſeſſenta Mouros darmas, logo ſe lançaraõ muitos dentro. Os que entraraõ pela prôa, acharaõ ao encontro aquelle valeroſo Soldado D. Paulo de Lima com humas couraças, e eſpada, e rodella, com que os recebeo, e com os mais que tinha comſigo fizeraõ nelles grande eſtrago, e matança.

A galeota dos Mouros, que ſe abordou pela parte onde eſtava o D. Joaõ de Lima, que tambem era bom ſoldado, logo lhe lançou gente dentro, a pezar de muitos golpes, que os noſſos lhe deraõ, e ño bordo pelejaraõ como deſeſperados com lanças muy compridas,

das,

das, em que todos saõ muy déstros: o D. Joaõ de Lima naõ quiz perder o lugar, e perdeo antes nelle a vida; com o que aquella parte enfraqueceo de feiçaõ, que foy necessario a Luis de Mello acodir lá, e na chegada recebeo huma lançada pelos peitos, que deo com elle na coxia; e tornandose a levantar, deo com impetuozo furor nos Mouros, e os fez lançar ao mar, e os nossos se baldearaõ no seu navio, e nelles mataraõ quantos acharaõ.

Na prôa, onde pelejava D. Paulo de Lima, havia mór trabalho, porque havia nas duas galeotas mais gente; e assim estiveraõ alli perdidos os nossos com fazerem maravilhas nas armas, e sempre passaraõ mal, senaõ foraõ soccorridos daquelle Fidalgo D. Joaõ de Almeida, e de outros Fidalgos, a que

a que naõ achey os nomes, que todos juntos com D. Paulo fizeraõ tantas cavallerias, que deitaraõ os Mouros fóra da galeota, parte no mar, e parte nos navios; e em hum delles se baldeou D.Paulo com alguns soldados, e á espada, e rodella o despejou. O outro navio foy tambem entrado de outros, que lhe ficou nas mãos. E naõ pelejou menos que todos o Capitaõ mór, antes como qualquer soldado se meteo no perigo, e fez grandes destroços nos inimigos, custando a vida a doze, ou quinze dos da galeota, em que entrou o D. Joaõ de Almeida, que recebeo huma fréchada pela testa, que lhe passou os miolos, de que logo cahio morto.

Os mais navios ferraraõ de cada hum seu paró, e posto que houve nos nossos trinta mortos,

todavia ficaraõ-lhes todos os navios nas mãos, e o Cutimussa vendo o caso ao contrario do que esperava, deo á véla, e foy-se acolhendo, ficando os seis navios do Rume por preza dos nossos, e elle nunca appareceo mais. Luis de Mello ficou ferido em hum pé, e mandou curar os feridos, e lançar os mortos ao mar. Ao corpo de D. Joaõ de Almeida, que foy amortalhado em huma colcha, aconteceo hum caso notabilissimo, que foy andar sobre a agoa seis dias, e no cabo delles entrar pelo rio de Challe dentro, trinta e quatro legoas donde o lançaraõ ao mar, e foy á porta da Igreja dos Frades de S. Domingos taõ inteiro, e sem corrupçaõ, que parecia vivo; porque parece que ordenou Deos, que pois elle morreo por sua Santa Fé, naõ fosse seu

ſeu corpo comido dos monſtros do mar, e que tiveſſe honrada ſepultura em terra. A qual D. Jorge de Caſtro Capitaõ daquella Fortaleza lhe mandou dar, porque acodindo á praya, foy conhecido de todos: enterraraõ-no muito honradamente, e com eſpanto, porque naõ ſabiaõ o caſo, nem como alli fora ter. Dos Mouros morreraõ ao redor de quatrocentos, e ſe foraõ mais de quinhentos feridos.

CAPITULO V.

Chega D. Paulo de Lima a Goa com Luis de Mello, e torna-ſe a embarcar com elle para Cananor, e da grande, e temeroſa batalha, em que ſe achou.

VEndo-ſe Luis de Mello com muitos feridos, e deſtroça-

dos, tomou os navios dos inimigos á tôa, e deo á véla para Goa, onde chegou alguns dias andados de Abril; e como o Viſo-Rey D. Conſtantino tinha cartas de novo das preparações, que todo o Malabar fazia para ir contra a Fortaléza de Cananor, tomado de Luís de Mello ſe vir della, o mandou prender no Caſtello de Pangim; porque em materia deſta qualidade naõ ſe tem reſpeito a ninguem, e mandou que a Armada naõ entraſſe dentro, porque determinava de a tornar a mandar com outro Capitaõ; para o que cometeo os principaes Fidalgos, que havia, que nenhum quiz aceitar por amor de Luis de Mello, dizendo ao Viſo-Rey que ſe lhe fazia aggravo, e que ſe reconciliaſſe com elle. Porque eſte primor havia entaõ na India, e depois vi mexiricarem-ſe

cârem-ſe huns aos outros, e inimizarem hũ eleito para huma Armada com o Viſo-Rey para lhe pedirem a jornada. Em fim o Viſo-Rey foy-ſe logo a Pangim, e ſe reconciliou com Luis de Mello, e o tornou a deſpedir com muitos provimentos, e dinheiro para paga dos ſoldados, e lhe deo mais alguns navios; e quinhentos homens. D. Paulo de Lima com ſer mancebo, vendo Luis de Mello prezo, prendeo-ſe com elle no Caſtello, ſem o deixar huma hora, e com elle ſe tornou a embarcar. E chegando a Cananor, havia ja novas, e receios de huma grande conjuraçaõ, que os Mouros do Malabar tinhaõ feito contra a noſſa Fortaleza: pelo que ſe poz em terra, e tomou poſſe das tranqueiras de fóra, que eraõ de taipa, e ordenou quatro eſtancias

de

de cem homens cada huma, pelas quaes repartio os soldados, e Capitães para lhe darem mesas, que eraõ D. Antonio de Vilhena, Manoel Travassos, e outro a que naõ achey nome, e para si tomou Luis de Mello huma guarita com outros cem soldados, a que deo mesa, onde se meteo com D. Paulo de Lima, que nunca o quiz largar de si, pela confiança que tinha em seu esforço, e affeiçaõ a suas partes, e nella mandou lançar fóra a bandeira, que tomou ao Rume, que era de tafetá verde, e no mesmo lugar arvorada a de Christo.

Ade Rajáo cabeça desta liga convocou todos os Mouros do Malabar, e ordenou muitas escadas, e petrechos de guerra, porque determinava de tomar a Fortaleza por assalto. E tudo prestes, sendo quinze de Mayo, no quarto

to da Lua deste anno de quinhentos e sincoenta e nove, sahio da Cidade com toda a potencia, que se affirma serem da ventagem de cem mil Mouros, em que entravaõ dez mil espingardas, e em breve espaço rodearaõ as tranqueiras de mar a mar, e logo arvoraraõ nellas mais de cem escadas, pelas quaes começaraõ a subir com tantos alaridos, gritos, e coqueadas, como lhes elles chamaõ, que parecia se assolava, e confundia o Mundo; e com aquella furia se puzeraõ em sima das tranqueiras pela parte, que estava a cargo de D. Antonio de Vilhena, e logo deraõ mais de duzentos comsigo nos quintaes das casas.

Os nossos, que já estavaõ sobreaviso, acodiraõ como leões; e D. Antonio de Vilhena, que era muito bom Cavalleiro, remetteo com

com os Mouros, que eſtàvaõ ſenhores dos ſeus quintaes, e com elles travou huma áſpera batalha. Luis de Mello da Sylva, e junto delle D. Paulo de Lima acodio com a bandeira de Chriſto, e com trinta homens, que guardou para ſi, foy correr as eſtancias todas; e achou em ellas, e de redor das tranqueiras os noſſos ſoldados taõ vivos, e expertos, que folgou de os ver; e pelas ſiteiras deſparavaõ ſua arcabuzaria, e como davaõ no cardume dos Mouros, que eſtavaõ apinhoados ao redor dos muros, naõ ſe perdia tiro, antes houve muitos que com os pilouros, e munições derrubaraõ dous, e tres. E como os noſſos ſoldados eraõ muitos, e naõ havia ſiteiras para todos, eſtavaõ outros detrás dos que as tinhaõ occupadas, e tanto que deſparavaõ,

vaõ; que haviaõ de tornar a carregar, ſem quererem largar os lugares, lhes pediaõ pelo amor de Deos que em quanto carregavaõ lhes deixaſſem matar hum Mouro. O Capitaõ mór chegou á eſtancia de D. Antonio de Vilhena, e ſabendo eſtarem dentro os Mouros, mandou a D. Paulo de Lima com alguns companheiros para que foſſem dentro; onde acharaõ D. Antonio de Vilhena fazendo brabozidades, e dando todos nos Mouros, mataraõ a mór parte, e os mais ſe lançaraõ do muro abaixo; fazendo aqui D. Paulo o officio de ſoldado valeroſamente. E feito iſto, ſe tornou a Luis de Mello, que andava correndo tudo em roda, porque em todas as partes lhe era neceſſaria ſua preſença; porque houve partes, em que a tranqueira era taõ rota, e fraca, que
ſe

ſe paſſava da banda dos Mouros com as lanças, e outras em que lhe puzeraõ os hombros, e deraõ com ellas em baixo: como fizeraõ na eſtancia de Manoel Travaſſos, onde os noſſos ficaraõ pelejando com os Mouros de barba a barba, a que acodio o Capitaõ mór, e D. Paulo de Lima, que ambos ſe meteraõ no meio daquelle cardume, fazendo taõ altas cavallarias, que naõ tenho palavras para as relatar; e muitas vezes ſe travaraõ huns com outros a braços na porfia, que os Mouros tiveraõ de entrar dentro pela quebrada. Sobre iſto foraõ os alaridos, gritos, e eſtrondos das armas, que parecia que ſe confundia o mundo; e cauſava iſto tamanho terror dentro na Fortaleza, que andavaõ as mulheres pelas ruas deſcabelladas pedindo a Deos miſericordia.

Os

Os Padres de S. Francifco eftavaõ em todo efte tempo no Coro com grandes difciplinas, e orações, e houve hum que no tirante da Igreja vio o Efpirito Santo em figura de pomba cheio de grande refplendor: ao que alevantou a voz chamando pelos Padres, que o viffem, e adoraffem; e acodindo todos, fe lhes infundio hum taõ novo furor, e efpirito, que arvorando hum Crucifixo, fahiraõ pela Fortaleza fóra, e fe foraõ meter no meio da briga, e começaraõ a animar os foldados, affirmando-lhes que o Efpirito Santo andava entre elles em feu favor. Os foldados vendo a Chrifto crucificado alevantado no ar, e ouvindo as palavras dos Padres, dando-lhes huma nova furia, foraõ-fe muitos ao Capitaõ mór, e lhe pediraõ mandaffe abrir as portas, porque

porque queriaõ ir pelejar em campo aberto com os inimigos, para mais á ſua vontade ſe ſatisfazerem delles. Luis de Mello lhes louvou aquelle animo, e lhes pedio ſe quietaſſem, que aſsáz muito faziaõ em defender ſuas tranqueiras.

A importunaçaõ dos Mouros hia creſcendo cada vez mais, porque quanto mór dano viaõ fazer nos ſeus, tanto mais trabalhavaõ por arrematar aquelle conflicto, e aſſim onde cahiaõ dez, ſe punha cento. Luis de Mello, e ſeu companheiro D. Paulo de Lima ſempre ſe acharaõ nos maiores trances, e perigos, em que ſe aſſinalaraõ, e diſtinguiraõ de todos. E por fim, naõ podendo os Mouros ſoffrer tanto dano, vendo os eſtragos, que lhes tinhaõ feito os valeroſos Portuguezes, que á ferro, e fogo os hiaõ conſumindo,

ſe

ſe recolheraõ, ſendo ja quatro horas da tarde, deixando as eſcadas, e os pés das tranqueiras taõ entulhados de corpos mortos, que quaſi por ſima delles podiaõ ſubir acima; porque ſe averiguou perderem-ſe quinze mil Mouros. E naõ podiaõ ſer menos, pelo eſtrago que ſeiscentas eſpingardas podiaõ fazer em doze horas, que a briga durou, fóra outros muitos generos de fogo, e outros eſtromentos. Recolhidos os Mouros, foyſe Luis de Mello com todos os ſoldados aſſim cheios de ſuor, e ſangue para a Fortaleza a dar graças a Deos, indo diante os Padres cantando o *Te Deum laudamus*. Dadas as graças, fez curar os feridos, e enterrar os mortos, que naõ paſſaraõ de vinte e ſinco, e mandou repairar as cercas muito bem; mas os Mouros como foraõ

taõ

taó cortados , naó quizeraó mais provar ſua ventura , e aſſim invernaraó os noſſos na Fortaleza quietos.

CAPITULO VI.

D. Paulo de Lima vay por Capitaõ de huma galé para o Malabar.

ATégora moſtrámos a D. Paulo de Lima Soldado , daqui por diante o veremos Capitaõ , e logo Capitaõ mór, e taõ intrepido, e valeroſo , que poucos houve em ſeu tempo que ſe lhe igualaſſem. Paſſada parte do Inverno , teve o Viſo-Rey aviſo de como pelos rios do C,amorî, e de ElRey de Cananor ſe faziaõ muitos parós para ſahirem a roubar; pelo que eſcreveo a Luis de Mello ſe deixaſſe ficar , que no começo do Veraó lhe mandaria Armada , que tomaſſe

todos

todos aquelles rios, e os encurrilasse dentro, assim para ficarem com as despezas feitas, como para que naõ fizessem prezas; que era a mór guerra, que se podia fazer; e que elle sahisse no cedo de Cananor com a Armada que lá tinha, para que lhe andasse rondando os rios até lhe chegar toda a mais Armada. O que Luis de Mello fez na entrada de Setembro com os navios, e Capitães, que já dissemos, que com elle foraõ de Goa; e lhe mandou dinheiro para paga dos soldados, marinheiros, e mantimentos, e deixou em Cananor D. Paulo de Lima dando mesa a cem homens; com os quaes navios andou os mezes de Setembro, e Outubro, em que lhe chegou mais a Armada seguinte. D. Felipe de Menezes irmaõ de D. Joaõ Tello em huma fermosa galé, outra

outra para D. Paulo de Lima, que foy a primeira embarcaçaõ que teve; porque por ſeu procedimento naquella guerra lhe deo logo galé, couza que ſe faz a poucos Fidalgos mancebos: tres caravellas latinas antiguas, com que a India ſe ganhou, de que era Capitaõ Gonçalo Pires Dalvellos, Miguel Rodrigues Coutinho Fios Secos, e Alvaro Reinel, Cavalleiros velhos, caſados em Goa, e ricos (que eſtes eraõ os de que ſe ElRey ſervia naquelle tempo, e naõ ja mancebos, como depois vi) e oito fuſtas, cujos Capitães me naõ lembraõ os nomes.

Chegada eſta Armada ao Malabar, a repartio Luis de Mello pelos rios, em que ſe armavaõ parós, por èſta maneira. No rio de Marabia do Reyno de Cananor D. Felipe de Menezes com a ſua galé,

galé, e tres navios para o ferviço; D.Paulo de Lima em outro rio daquelle Reyno com a fua galé, e outras tres fuftas; no rio de Tremapataõ Manoel da Sylveira com a fua galeota, e tres fuftas; Gonçalo Pires Dalvellos no rio Demas na fua caravella com tres fuftas; no rio do Canharoto com outras tantas fuftas outro Capitaõ; e Alvaro Reinel no rio de Pudepataõ; e o Capitaõ mór com doze, ou quinze navios de remo ficou correndo a cofta; e affim a teve todo o Veraõ taõ bem guardada, que naõ fahiraõ parós, fenaõ alguns formigueiros, que naõ fizeraõ dano. E além de lhe tomar os pórtos, houve poucas povoações, em que o Capitaõ mór naõ mandaffe dar, e que naõ fentiffem os Malabares o flagello Portuguez. E nefte exercicio continuaraõ todo o

 Veraõ,

Veraõ, até toda a Armada se recolher a Goa, onde invernou D. Paulo de Lima, no qual ja os Viso-Reys traziaõ os olhos para o encarregarem de couzas grandes. Deixou Luis de Mello alguns navios com seus Capitães, e soldados em Cananor, e Challé; e depois mandou o Viso-Rey a D. Antonio de Vilhena, Fernaõ de Crasto, Manoel Travassos, e Hieronymo de Sá, filho de Gaspar Gonçalves de Riba Fria, Porteiro da Camara de ElRey D. Joaõ, com quatrocentos homens mais, para invernarem em Cananor, e darem mesas a cem soldados cada hum, e dinheiro para seu pagamento, as quaes mesas lhes deraõ todo o Inverno.

CAPI-

CAPITULO VII.

Vay D. Paulo de Lima por Capitaõ de huma galeota com o Viſo-Rey D. Conſtantino, e do ſucceſſo deſta jornada.

ESte Inverno, que foy o do anno de quinhentos e ſeſſenta, gaſtou o Viſo-Rey D. Conſtantino em aperceber huma Armada para ir a Jafanapataõ a caſtigar aquelle Rey, por culpas que tinha cometidas; e para mudar para aquelle Reyno os moradores da povoaçaõ S. Thomé, por eſtarem alli offerecidos á vontade do Rey de Biſnagá, cuja a terra era, e cada vez que quizeſſe, os cativar, avexar, e roubar, como algumas vezes tinha feito. E tanto que foy a ſete de Setembro veſpera de Noſſa Senhora ſe fez á

véla com doze galés, dez galeotas, e sessenta navios de remo, fustas, e catures, e pagou geralmente a todos os homens, que foraõ mais de tres mil.

Os Capitães das galés eraõ: o Visc-Rey da Real, D. Antonio de Noronha, que foy Viso-Rey da India, Martinho Affonso de Miranda, André de Souza, Fernaõ de Souza de Castello-branco, Gonçalo Falcaõ, Leonel de Souza, Luis de Mello da Sylva, D. Lioniz Pereira, e Ayres Falcaõ. Capitães das galeotas foraõ: Duarte de Soveral, D. Antonio de Vilhena, que tinha invernado em Cananor, Francisco de Mello Canaviada, D. Jorge de Menezes, que depois foy Alferes mór, Ayres de Saldanha, Martim Affonso de Mello Ombrinhos, Jorge de Moura, Fernaõ Gomes Cordovil, Louren-

ço Pimentel, e D. Paulo de Lima. E os outros Capitães das fustas: D. Joaõ de Castello-branco, Henrique de Sá, Francisco de Souza Tavares o Manco, Garcia Rodrigues de Tavora, D. Francisco de Almeida, que hoje está no Tribunal da India; D. Felipe de Menezes, Alvaro de Mendoça, Pedro de Mesquita, Pedro Peixoto da Sylva, Nuno de Mendoça, Nuno Furtado de Mendoça, D. Payo de Noronha, Fernaõ de Crasto, Tristaõ de Souza filho natural do Governador Martim Affonso de Souza; Fernaõ de Miranda Dazevedo, D. Pedro de Castro, Joaõ Lopes Leitaõ, Manoel de Mendanha, Affonso Pereira de Lacerda, Gil de Goes, Martim Affonso de Souza, Pedro de Mendoça, Bastiaõ de Rezende, Antonio Ferraõ, Agostinho Nunes, Bertholameu

lameu Chanoca Secretario, Vicente Carvalho, Francisco da Cunha, Manoel da Sylveira, André de Vilhalobos, e outros muitos.

Dada esta Armada á véla, chegou a Cochim, onde negociou algumas couzas, e a Cidade tinha prestes seis navios para o acompanharem; o que quiz fazer o Bispo de Cochim D. Jorge Temudo, porque lhe pareceo lhe convinha achar-se naquellas couzas, por ser aquella Ilha de Ceilaõ da sua jurisdiçaõ. E passado o Cabo Comorî, despedio o Viso-Rey as galés para Cochim, pelas naõ arriscar nos baixos, e os Fidalgos dellas se passaraõ ás fustas; e chegando sobre a Cidade de Janafapataõ, cometeo o Viso-Rey a desembarcaçaõ meia legoa antes da Cidade, porque as outras partes, em que podia desembarcar, estavaõ muy

fortifi-

fortificadas, e ordenou ſinco bandeiras.

A gente da Armada, que eraõ mil e duzentos homens, tendo recebido em Goa da ventagem de quatro mil; porque neſte tempo quando hum Viſo-Rey hia fóra, pagava-ſe geralmente a todos os caſados, até os macanicos, e com eſta largueza, e liberalidade ſe ganhou, e ſuſtentou a India, e depois que houve tacanheza, e eſtreiteza, que tiraraõ os ſoldos aos homens, e que naõ venceriaõ, ſenaõ quando embarcaſſem, logo tudo foy para peior. Os Capitães das bandeiras foraõ: Luis de Mello da Sylva, a que D. Conſtantino tinha dado a dianteira, ao qual acompanhou D. Paulo de Lima em toda eſta jornada; D. Antonio de Noronha, que foy Viſo-Rey da India, Martim Affonſo de Miranda,

da, Gonçalo Falcaõ, e Fernaõ de Souza Caſtello-braneo, e o Viſo-Rey havia de ir na retaguarda com duzentos homens, e muitos Fidalgos aventureiros, e com elle o Biſpo. E cometendo a deſembarcaçaõ, poyaraõ em terra, onde os veo receber o Principe Branco com dous mil homens para lha defender; mas os navios com os falcões franquearaõ a terra, e os imigos ſe foraõ recolhendo para os matos: e o primeiro Capitaõ, que deſembarcou, foy Gonçalo Falcaõ; o que fez por huma deſconfiança, com que ficou de humas palavras, que no Conſelho teve com o Viſo-Rey. Poſtos todos em terra, foraõ marchando para a Cidade, levando Luís de Mello a dianteira, e á ſua ilharga D. Paulo de Lima: D. Antonio de Noronha foy-ſe deſviando, e metendo pelo mato, por

por onde appareceo o Principe Branco; e quando tornou a ſahir ao caminho, ficou diante de Luis de Mello, e parando, lhe mandou dizer que paſſaſſe avante, que elle eſtava eſperando para o acompanhar. Que tal era o primor daquelle tempo, que naõ queriaõ aquelles Capitães honras em prejuizo huns dos outros; o que hoje he bem ao contrario, porque todos andaõ (como lá dizem) a furtalho o fato.

Luis de Mello foy marchando até haverem viſta da Cidade, que tinha por aquella parte huma muito fermoſa, e eſpaçoſa rua, no meio da qual eſtavaõ duas peças groſſas de artilharia cubertas de folhas de palmas; e cometendo Luis de Mello a rua, lhe diſſe D. Fernando de Menezes, o que chamavaõ cá o Narigaõ, Fidalgo da Caſa

Caſa de Penella, que viſſe como hia, porque aquillo parecia artilharia. E ainda o naõ acabava de dizer, quando ſe poz fogo a huma das peças, que quiz Deos que ſobrelevaſſe, por ſer o ponto alto, porque ſe aſſim naõ fora, fizera muito dano. Luis de Mello vendo que ficava outra por diſparar, deo ordem aos ſeus para que ſe encoſtaſſem aos alpendres, que havia de huma, e outra parte; o que naõ puderaõ fazer taõ apreſſadamente, que naõ vieſſe pela rua abaixo outro pilouro com grande terremoto, e tomando pelo meio da rua, levou por eſſes áres o Alferes da bandeira de Luis de Mello, que ſe chamava Foaõ Sardinha, e outras tres, ou quatro peſſoas, e alguma pequena de ferruge alcançou a Luis de Mello pela maçãa do roſto, que lhe fez huma peque-

pequena ferida, de que lhe corria muito ſangue, com o que ficou muito gentilhomem. E ao tempo, que o Alferes foy eſpedaçado; acodio João Peſſoa filho de Antonio Peſſoa; e alevantou a bandeira, e arvorou no ar, e foy andando até a pôr ſobre as peças de artilharia. Luis de Mello tornou a pôr a ſua gente em ordem, e foy marchando para a Cidade, rompendo por nuvens de pilouros de eſpingardas, que vinhaõ pela rua abaixo, de que alguns foraõ eſcalavrados; e D. Felipe de Menezes levou huma arcabuzada pelo nó da garganta, e foy taõ venturozo que reſballou, deixando-lhe ſó huma nodoa.

O Principe Branco acodio áquella rua, e teve com os da dianteira huma arrezoada briga, que durou pouco, porque os noſſos os arran-

arrancaraõ logo della por força; aſſinalando-ſe aqui muito D. Paulo de Lima, e outros Fidalgos, e Cavalleiros. Os noſſos chegaraõ ao cabo da rua, e á maõ direita ſe fazia outra, pela qual foy tomando Gonçalo Falcaõ, e por ella foy dar com a gente do Principe Branco, com a qual teve huma muito creſpa, e arriſcada briga; porque de ſima dos telhados, e das paredes dos quintaes das caſas frèchavaõ os noſſos á vontade. O Viſo-Rey veo entrando por aquella parte em hum fermoſo cavallo á eſtardiota, armado todo de fortes armas, com o guiaõ de Chriſto cercado de muitos Fidalgos, e Cavalleiros. Dando-lhe novas que Gonçalo Falcaõ eſtava em aperto, diſſe áquelles Fidalgos, e Capitães que o ſoccorreſſem, e foy a tempo que chegava a elle D. Anto-

nio

nio de Noronha, e ouvindo as palavras ao Viſo-Rey, lhes diſſe: *Naõ ſe inquietem, que eu ſó baſto*; e foy entrando pela rua até chegar a Gonçalo Falcaõ, que com ſua chegada ficou tudo franco, e elles paſſaraõ adiante, e acharaõ huma peça de artilharia, que alli deixaraõ os inimigos, a qual lançaraõ pela rua adiante, que hia até o Caes dos elefantes, onde eſtava todo o poder, e dando-lhe fogo, foy fazer entre elles grande deſtruiçaõ.

O Rey que eſtava no terreiro de ſeus Paços com o mór poder, vendo a couza taõ mal parada, recolheo-ſe aos ſeus Paços, que eraõ muy fortes, com toda a gente que o ſeguia, com tençaõ de ſe defender nelles. Luis de Mello chegou ao cabo da rua, que hia ſahir ao terreiro dos Paços, e parou para eſpe-

esperar pelo Viso-Rey ; para saber o que lhe mandava que fizesse. O Viso-Rey chegou a elle ja tarde, e assentou-se alli que ficassem aquella noite na boca daquella rua, onde se podiaõ fortificar bem, e que ao outro dia cometeriaõ os Paços. Temendo-se o Rey do furor, e esforço, que nos Portuguezes tinha visto, naõ quiz mais provar sua ventura, e se foy com todo o recheio, e mandou dar fogo aos Paços, e se recolheo a huma Fortaleza, que estava dalli legoa e meia. O Viso-Rey ao outro dia entrou a Cidade, e se senhoriou della, e tomou muitas peças dartilharia, e os soldados ficaraõ com bom quinhaõ do saco, que dera a Cidade, onde acharaõ aquelle dente de bogio, por que o Rey do Pegú dava quinhentos mil cruzados.

Entregue D. Constantino da

Cida-

Cidade, foy logo marchando apoz ElRey, e chegou á Fortaleza, em que se tinha recolhido; a qual achou despejada, porque naõ ousou nella a esperar os nossos. E dalli mandou Luis de Mello, com que tambem foy D. Paulo de Lima, Martim Affonso de Miranda, Gonçalo Falcaõ, e Fernaõ de Souza com suas bandeiras apoz ElRey: e porque o Viso-Rey ficava, e estes Fidalgos naõ queriaõ ser governados doutrem, ordenou o Viso-Rey que cada dia lançassem os dados, e que o que deitasse mais pontos, esse governasse só aquelle dia. Levou Luis de Mello a dianteira, e assim foraõ ensacando aquelle Rey até fóra do seu Reyno; e vendo-se elle sem remedio, mandou pedir misericordia, e concedeo ao Viso-Rey tudo o que lhe pareceo justo, fazendo-se vassal-

vaſſallo de ElRey de Portugal, e deo de refens o Principe ſeu filho.

Aqui paſſaraõ outras couzas, que deixo, por abreviar, e depois de ordenar o Viſo-Rey o que lhe pareceo, ſe partio para Cochim, onde achou aquella terra em revolta, por eſtar a noſſa Fortaleza de Cranganor de cerco, e os Principes de Calecut, que ſe haviaõ de ir criar em caſa de ElRey de Cranganor, que os tinha prefilhados, ſobre a Ilha de Paribalaõ; o que ſeria cauſa de ſe perder a noſſa Fortaleza. Pelo que lhe mandou acodir por D. Franciſco de Almeida, que hoje eſtá no Tribunal da India, com dez, ou doze navios, que neſta jornada fez quanto hũ bom Capitaõ podia fazer; e depois mandou Luis de Mello da Sylva com quinhentos homens, e com elle foy D. Paulo de Lima, e tiveraõ

os noſſos grandes batalhas com as gentes do C,amorî, que em fim lhe entrarað a Ilha, e a tomarað, e deitarað os imigos fóra. Na qual jornada fizerað os noſſos muitas, e grandes cavallarias, e Luis de Mello recebeo huma eſpingardada em hum braço junto do hombro, de que ſempre ficou reſentindo-ſe, e os imigos ficarað vencidos, e a Ilha ſe entregou a ElRey de Cochim. E neſta campanha me diſſerað peſſoas de credito que virað D. Paulo de Lima pelejar com valor, e esforço admiravel.

CAPITULO VIII.

Acha-ſe D. Paulo de Lima nas viſtas, que o Conde de Redondo teve com o C,amorî.

O Anno de quinhentos e ſeſſenta e dous determinou o

Conde de Redondo D. Francisco Coutinho, que tinha chegado o anno atrás por Viso-Rey, de se ir ver com o C,amorî, e jurar com elle as pazes; e posto que esta jornada naõ foy de mais effeito, será para mostrar como sempre D. Paulo de Lima servio, e se achou nas couzas principaes em companhia dos Viso-Reys. Partio o Conde de Goa na entrada de Dezembro deste anno com mais de cento e quarenta navios, em que entraraõ dez galés, nas quaes levava de ventagem de quatro mil homens, a mais limpa, e lustrosa gente, que vi na India. Porq̃ pagou dous quarteis a todos geralmente, e me affirmaraõ que dispendera nesta Armada mais de duzentos mil pardáos, sem oppressaõ, e sem a India render duas partes, do que hoje rende; porque como Deos ainda

anda-

andava na India, tudo ſobejava: e ſe me quizerem dizer que naõ havia tantas tenças, e ordenados, enganaõ-ſe; porque ſe iſto creſceo mais, mingoaraõ logo doze, ou quinze galeões, que havia na India, dez galés, e mais de duzentos homens de mar, e Armadas groſſas todos os annos aos Eſtreitos de Meca, e outras muitas expedições, além das ordinarias. E deixando iſto aſſim indeciſo, ſem ſe moſtrar donde vem, tornarey á Armada do Conde, cujos Capitães eraõ: D. Franciſco Maſcarenhas, que depois foy Conde de Santa Cruz, que era Capitaõ mór do mar da India; Luis de Mello da Sylva, com quem hia embarcado D. Paulo de Lima, D. Joaõ Pereira irmaõ do Conde da Feira, Alvaro Paes de Sottomaior, D. Joaõ de Caſtelbranco, D. Jorge de Me-

nezes Baroche, Ayres Telles de Menezes, D. Diogo de Menezes, D. Pedro de Caſtro, D. Lioniz Pereira, Ayres de Saldanha, D. Franciſco Henriques, André de Souza, D. Luis de Almeida, Alexandre de Souza, D. Pedro de Menezes, Heitor da Sylveira Drago, Alvaro Pires de Tavora, ſeu irmaõ D. Franciſco de Moura, Simaõ de Souza, Manoel de Mendanha, Manoel Freire, D. Tello de Menezes, D. Luis de Menezes, Luis da Sylva filho do Governador Franciſco Barreto, D. Franciſco Lobo, Pedro de Mendoça Furtado, que eſteve no Tribunal da India, Joaõ de Mendoça ſeu irmaõ, D. Diogo Fernandes de Vaſconcellos, D. Martinho de Caſtelbranco, Antonio Botelho, D. Franciſco de Almeida, Fernando de Souza de Caſtelbranco, D. Miguel da

da Gama, Franciſco de Miranda Henriques, Manoel Pereira da Sylva, Pedro Lopes Rabello, Gil de Goes, Franciſco de Siqueira, Jorge Cabral de Bombaim, Manoel Travaſſos, Franciſco de Brito, Hieronymo Dias de Menezes, Hieronymo de Carvalho, Jorge de Moura, Hieronymo Correa, Jorge Barreto, Gaſpar de Sá, Hieronymo de Sá de Riba Fria, Fernando de Miranda de Azevedo, Chriſtovaõ de Brito, Jorge Toſcano, Diogo Soares de Albergaria, Henrique Moniz Barreto, Manoel Freire, Antonio Correa, Hieronymo d'Olanda, Antonio Fernaõ, Vicente de Carvalho, Miguel Rodrigues Coutinho Fios Secos, Ruy Godinho, Roque Fernandes, Pedro Alvares, Fernando Farto, Antonio Martins, Apolinario de Val da Rama, Balthazar

zar da Coſta, Braz Fragoſo, Bernardo Rodrigues, D. Theodoſio Embaixador de Ceilaõ, Manoel Leitaõ Secretario, Belchior Serraõ Veador da Fazenda, Henrique Jaques Ouvidor geral, Domingos de Meſquita, Alvaro Monteiro, Diogo Borges de Avellar, Antonio Rodrigues, Antonio Martins, e outros muitos.

Com toda eſta potencia foy o Conde ſurgir defronte de Calecut, enchendo todo aquelle mar de embarcaçóes, que foy a mais fermoſa couza, que allì ſe vio; e aſſentado o dia, em que ſe haviaõ de ver, deſembarcou o Conde em terra, e ordenou primeiro toda a gente repartida em bandeiras por aquelles Capitáes velhos, e embandeirou-ſe toda a Armada, que ſe poz com a prôa em terra, com toda a gente ordenada em fileiras

por

por húma, e outra parte. O Conde efteve na fua manchúa, e tanto que lhe deraõ recado, que ElRey apparecia, defembarcou acompanhado de muitos Fidalgos velhos, e de todos os Officiaes, e Guardas, feus Porteiros, e officiaes diante, e ao pôr os pés em terra o falvou toda a Armada, com tanto terror, e efpanto, que parecia tremer o Mundo, e o ar todo fe efcureceo por hum grande efpaço, com que tudo ficou efcondido na efpeffura do negro fumo; e chegando o Conde a paffar pelo meio das fileiras, eftas lhe deraõ tambem huma fermofa falva, porque paffaraõ de tres mil efpingardas, que hiaõ na Armada, que muitos difpararaõ duas, e tres vezes, indo o Conde devagar, porque chegaffe ElRey, que fe vejo apreffando por chegar ao Conde, trazen-

trazendo comsigo mais de quarenta mil Naires, que tambem se puzeraõ em ordem, e o Rey vinha rodeado de seus Regedores; e elle começando a entrar pelo meio das nossas fileiras, tornou a Armada a disparar aquella tormenta infernal, que acanha, e abate todos os grandes esforços, e apoz ella tornou a soldadesca a dar salva, a que tudo ElRey parou; e acabado, começaraõ os estromentos bellicos de tambores, pifaros, trombetas, e ataballes, o que tudo se tocon com tanto estrondo, que ensurdeciaõ a todos.

Acabadas as salvas, foy ElRey passando adiante, e a meio das nossas fileiras se encontrou com o Conde. Hia ElRey nú da cinta para cima, e della á meia perna cingido com hum panno de ouro, e ceda, e pelos braços todos, pescoço,

coço, e cabeça pedraria, que naõ tinha eſtimaçaõ o ſeu valor. O Conde hia com huma roupa rozagante de brocado, rico collar de pedraria, eſpada, e adaga de ouro; e encontrando-ſe ambos, ſe abraçaraõ, e de pé tiveraõ ſeus cumprimentos, e alli tambem de pé lhe deo o Secretario os Capitulos das pazes, que o Lingua lhe declarava, os quaes elle concedeo, e logo alli ſe juraraõ por ambos confórme o coſtume de cada hum, de que ſe fizeraõ autos aſſinados por todos. Iſto acabado, ſe recolheraõ logo, e o Conde foy a Cochim, e depois de ordenar alli algumas couzas, e deſpachar as náos, ſe foy para Goa.

CAPI-

CAPITULO IX.

D. Paulo de Lima Pereira vay por Capitaõ mór de alguns navios para a coſta do Malabar, encontra-ſe com o coſſario Canatale, tem com elle huma eſpantoſa batalha, em que todos ficaraõ deſtroçados.

AGora começaremos a moſtrar eſte Fidalgo Capitaõ mór de Armadas, porque na Milicia correo todos os rumos. Recolhido da perdiçaõ, em que ſe achou ao ſahir da Barra, logo a tres de Setembro de mil e quinhentos e ſeſſenta e quatro chegou á Goa D. Antaõ de Noronha, que vinha por Viſc-Rey da India, que depois de tomar poſſe, preparou mais a Armada para o Malabar, de que elegeo

geo por Capitaõ mór Gonçalo Pereira Marramaque, que com elle viera despachado com a Fortaleza de Ormuz, para ir succeder naquella costa a D. Francisco Mascarenhas, que depois foy Conde de Santa Cruz, porque se havia de vir fazer prestes para ir entrar na Capitania de C,ofalla, e Moçambique. E depois de lá andar, porque a guerra com os Mouros de Cananor se hia proseguindo, quiz o Viso-Rey mandar mais alguns navios a Gonçalo Pereira Marramaque, dos quaes elegeo por Capitaõ mór a D. Paulo de Lima, que partio no fim de Fevereiro do anno de sessenta e sinco; elle na galeota S.Joaõ Baptista, na qual se embarcou tres vezes, e de todas sempre pelejou com os Malabares, porque parece que tinha nella o seu genio. Levou mais tres navios,

vios, de que eraõ Capitães Bento Caldeira, Pedralves de Cananor, e Bento Caldeira natural d'Almada. E indo navegando por ſua derrota, ſendo tanto avante, como os Ilhéos de Batecalá, houveraõ viſta de ſeis navios ja perto da noite, e parecendo a huns, e outros parós, por haver novas de ſer paſſado para o Norte hũ grande coſſario Malabar chamado Canatale com ſete navios muy reforçados, que foy o primeiro que paſſou aquella coſta; pelo que huns, e outros ſe prepararaõ, e ſendo ja perto, ſe conheceraõ os noſſos, e foraõ juntos ſurgir na barra de Batecalá. Deſtes ſeis navios eraõ Capitães Manoel de Brito, Manoel de Saldanha, Ayres Gonçalves de Miranda, que hoje eſtá por Capitaõ de Cananor, Fernaõ Gomes da Grã, que foy Guarda mór das náos,

náos, Nuno Velho Pereira, e Mem Dornellas, os quaes Gonçalo Pereira Marramaque tinha defpedido da cofta do Malabar em bufca de D. Paulo de Lima, por faber que ficava, pelas novas que havia do Canatale. Levava D. Paulo de Lima bandeira de Chrifto pela quadra, que naõ enrolou, de que os outros Capitáes fe tomaraõ tanto, que lhe differaõ que fe queria ir para o Malabar, fenaõ que fe iriaõ elles; ao que refpondeo D.Paulo q̃ os foldados hiaõ com toda a roupa fuja, que a lavariaõ, e que ao outro dia fe partiriaõ. Mas elles como eftavaõ pezados com a fua bandeira, naõ quizeraõ aguardar, e fem mais cumprimentos deraõ á véla, e fe foraõ.

Ao outro dia, que ifto paffou, eftando D.Paulo de Lima furto na bahia, appareceo a Armada

do

do Canatale, que vinha do Norte carregada de prezas, e vendo os nossos navios juntos á sua galeota, os foy cometer. Foy a ventura deste Fidalgo grande em estar ainda sem a sua gente ter desembarcado, porque se ella estivera em terra, naõ fazia o Canatale mais, que chegar, e dar tôa aos navios; e certo que segundo a pouca disciplina dos homens da India, e desordens dos soldados, he mais necessario a seus Capitães domar-lhe seus appetites, que naõ aos inimigos; que estes vencem-se com as armas, e os soldados nem com ellas, nem com rezaõ. Em fim huns, e outros se cometeraõ muy determinadamente, e se deraõ a primeira salva de bombardadas. D. Paulo levava na sua galeota hum fermoso camelete com huma róca de pedra, o qual se disparou, e tomou pelos

pelos navios, que vinhaõ juntos; e nelles fez grande deſtroço, e dano. Os inimigos como vinhaõ com aquella furia, paſſaraõ por tudo até inveſtirem os noſſos navios, e logo nas primeiras pancadas abrazaraõ os Malabares o navio de Bento Caldeira, e mataraõ todos os Portuguezes: os outros dous navios vendo que lhes podia acontecer ſemelhante deſgraça, puzeraõ o remedio no remo, e foraõ-ſe acolhendo, deixando ſó o ſeu Capitaõ mór, com o qual abordou o Mouro Canatale, que era valente Cavalleiro, e por cada ilharga huma das ſuas galeotas, ficando o Canatale para a prôa. D. Paulo de Lima vendo-ſe inveſtido por todas as partes, tratou de vender ſua vida muito bem, e aſſim o perſuadio aos companheiros, que o fizeſſem, repartindo elle

elle pessoas de mais confiança pe-
los passos mais necessarios, e to-
dos se puzeraõ em defensaõ, fa-
zendo tantas couzas em armas,
e dando taõ desmedidos golpes,
que custando a vida a muitos dos
Mouros, naõ se atreveraõ, ou naõ
puderaõ entrar na galeota. D. Pau-
lo de Lima andava na coxia arma-
do em couraças encarnadas em ve-
ludo carmezim com huma espada,
e rodella animando os seus com pa-
lavras dignas daquelle trance, e
na parte, em que via maior tra-
balho se apresentava diante de to-
dos, e alli o sentiaõ logo os ini-
migos em suas carnes, e de hum
bordo passava a outro, onde via
que era mais importante sua pre-
sença, andando ja sangrado em
algumas partes. Os Mouros, que
eraõ mais de quinhentos, ora en-
travaõ na galeota, ora tornavaõ a
os

os lançar fóra os noſſos mal tratados; e D. Paulo de Lima vendo que os noſſos perdiaõ na prôa alguma couza, acodio lá, e achou o Canatale poſto em cima do eſporaõ, diante do qual ſe apreſentou o valeroſo D. Paulo, e tantas couzas fez em armas, que o lançou fóra, e aſſim aos outros, que eſtavaõ das ilhargas, com mais de trezentos mortos; porque os noſſos ſincoenta ſoldados, ou ſincoenta Heitores, naõ faziaõ mais que carregar eſpingardas, e deſcarregallas nos inimigos, e houve tal tiro, que derrubou dous, ou tres, por eſtarem muy apinhoados: outros, a quem ſe encómendavaõ as panellas da polvora, naõ faziaõ mais que cevar, e lançallas entre os inimigos, de que ficavaõ os navios ardendo em labaredas, e por entre as chammas eraõ as lança-

das, e eſpingardadas tantas, que pareciaõ pelejarem iguaes Armadas. Os Mouros tambem, como eraõ muitos, faziaõ ſeu emprego, e aſſim foraõ derrubando mais de trinta dos noſſos, ficando os outros, ainda que feridos, ſupprindo a falta dos companheiros. D. Paulo de Lima fez tudo quanto hũ esforçado Soldado, e valeroſo, e diſcreto Capitaõ podia fazer, até lhe darem huma bombardada por huma coxa, de que ficou inhabilitado para poder acodir onde foſſe neceſſario; e aſſentando-ſe na coxia, chamou pelos ſoldados, que eraõ ja menos de vinte, lembrando-lhes como em ſeus braços eſtava o remedio de ſuas vidas, e aſſim pelejavaõ com tanto valor, que quando D. Paulo cahio, ja havia mais de duzentos Mouros mortos, e a maior parte delles feridos. Em

fim

fim chegaraõ os Mouros a tanta consternaçaõ, que houveraõ por seu partido afastarem-se, porque lhes parecia que naõ tinhaõ combatido com huma galeota, senaõ com hum muito forte baluarte.

D. Paulo de Lima vendo os inimigos afastados, naõ fez termo algum de que elles sentissem, que os receava; antes se deixou estar muito seguro, e aos poucos soldados que tinha exhortou á constancia, e que se fizessem prestes, porque ainda tinhaõ muito por passar; e mandou aos escravos que tomassem lanças, e as arvorassem pelos bordos, e ao seu tambor mandou pôr apar de si, e esteve esperando a determinaçaõ dos inimigos. Os quaes depois de afastados tomaraõ conselho entre si, e assentaraõ que era cobardia naõ acabarem de render aquelle navio, que ja estava

deſtroçado de todo, e que por mais huma hora de trabalho o tinhaõ ſeguro; e aſſim tomando o remo em punho tornaraõ a voltar contra a noſſa galeota todos em ála. D. Paulo de Lima vendo aquella determinaçaõ mandou aos marinheiros que tomaſſem o remo, e fizeſſem depeſſoa, que elle lhes pagaria bem; e aos eſcravos que foſſem com grandes gritos cometer os inimigos; os quaes ouvindo aquelle alarido, e eſtrondo, e vendo aquella determinaçaõ, naõ ouſando a eſperar os noſſos, ou naõ o permittindo Deos, que era o mais certo, porque tinha guardado eſte grande Capitaõ para outras couzas, voltaraõ, e foraõ-ſe acolhendo deſtroçados de todo, ficando o noſſo Capitaõ ſenhor do campo, e com a vitoria, que foy das maiores daquella qualidade, que

na

na India houve; e vendo que os inimigos hiaõ desapparecendo, mandou dar á véla para Goa, e foy-se curando elle, e os mais, o melhor que puderaõ, e ao outro dia entrou pela Barra de Goa dentro, e pelas embarcações pequenas, que chegaraõ á galeota, se soube o caso, e logo teve o Viso-Rey rebate delle, e o mesmo todos os Fidalgos da India, que acodiraõ ao Caes. Martim Affonso de Mello Pereira foy-se ao Viso-Rey, e lhe pedio licença para levar D. Paulo para sua casa; do que o Viso-Rey se escusava, dizendo que havia de ser seu hospede, e que elle o havia de curar: e todavia fez tanta instancia Martim Affonso, que lho concedeo o Viso-Rey, e o foy esperar ao Caes dos Paços com hum palanquim, tendo ja em sua casa os Cirurgiões, e todo o necef-

necessario para o curarem. D. Paulo chegando ao Caes foy tirado nos braços de todos aquelles Fidalgos, e deitado no palanquim o levaraõ a casa de Martim Affonso, onde foy curado com muito cuidado; e seus soldados foraõ levados ao hospital, onde se teve com elles muita conta. O Viso-Rey foy logo visitar D. Paulo, e o abraçou, e teve com elle palavras muito honradas, e de grandes offerecimentos, de que logo poz muita parte por obra; porque lhe mandou muito trigo, e o mesmo fez aos soldados, que escaparaõ: porque isto he o que faz nos homens crescer o brio, e gosto, para se aventurarem a muitas couzas, e por isso naquelle tempo se faziaõ aquelles, e outros successos, que neste naõ vemos.

CAPI-

CAPITULO X.

D. Paulo de Lima vay por Capitaõ mór de huma Armada para o Norte; acha-se na destruiçaõ de Collé, e Sarseta, e toma dous parós de Malabares.

MUito durou a enfermidade de D. Paulo de Lima, porque a bombardada foy grande, e esteve arriscado a perder a perna; pelo que ficou inhabilitado para o serviço. Porém quando chegou D. Luis de Ataide por Viso-Rey da India em Setembro de sessenta e oito, ja o achou em disposiçaõ de o poder occupar, e assim em Dezembro seguinte o elegeo por Capitaõ mór de oito navios para ir ás partes do Norte, por serem lá passados os cossarios Malabares, e haver

ver neceſſidade, e aſſim ſe fez á véla, indo elle embarcado na meſma galeota, em que pelejou com o Canatale. Os mais Capitães foraõ: Antonio de Azevedo, Martim Affonſo de Mello Pombeiro, Gaſpar de Mello, Manoel Pereira de Figueiredo, Gomes da Rocha, Eſtevaõ de Valadares, e outros. E levou Regimento para ir a Baçaim a ajuntar-ſe com Jorge de Moura, que lá andava com outros navios, para todos em companhia de Martim Affonſo de Mello Capitaõ de Baçaim irem dar hũ grande caſtigo ao Rey de Collé, pelas affrontas, tyrannias, e roubos, e avexações, que tinha feito nas terras de Baçaim da juriſdiçaõ do Eſtado. E aſſim foy correndo a coſta até aquella Cidade, onde ja achou aquelle Capitaõ preſtes com Jorge de Moura, e todos os moradores,

dores, que na terra havia, e os ſoldados de ambas as Armadas, que por todos ſe ajuntariaõ oitocentos homens, e mais de mil peães da terra, em que entrava Beitarane com quinhentos de ſua obrigaçaõ, e alguns trinta de cavallo. Era eſte homem Gentio, e quando Nuno da Cunha tomou poſſe daquella Cidade, por lha conceder Soltaõ Badur; os avós deſte homem poſſuhiaõ humas aldeias groſſas naquella terra viſinha á Galiana, as quaes o Governador lhe concedeo para todos os ſeus deſcendentes, com obrigaçaõ que acodiriaõ ás neceſſidades de Baçaim em havendo guerras, com certo numero de cavallos, e peães, como ſempre fizeraõ com muitos gaſtos, e deſpezas ſuas, dando ſempre grande prova de ſua fidelidade. Ordenadas todas as couzas, parti-

partiraõ todos para aquella jornada, levando o Capitaõ de Baçaim o guiaõ de Chriſto com cento e tantos homens de cavallo: com os dous Capitães D. Paulo de Lima, e Jorge de Moura ſe repartio toda a ſoldadeſca, que levavaõ ſuas bandeiras de campo; e por mar aſſim nas Armadas, como em outras manchúas foraõ pelo rio de Agaçaim acima até a Fortaleza de Manorá, onde deſembarcaraõ, e foraõ buſcar os inimigos, que eſtavaõ alojados na aldeia; porém tinha o Rey de Collé em ſeu favor o Rey de Sarſeta, e entre todos havia ſete, ou oito mil homens, com mais de quatrocentos de cavallo, em que entravaõ muitos Mogores, e outra gente branca. E marchando os noſſos em muito boa ordem, chegaraõ aos inimigos, e os acometeraõ com grande deter-

determinaçaõ, rompendo o Capitaõ com os de cavallo, e os dous Capitães D. Paulo de Lima, e Jorge de Moura na multidaõ da gente de pé, em que os noſſos fizeraõ grandes provas de cavallaria, e notaveis façanhas, que os inimigos foraõ desbaratados, e os noſſos ficaraõ ſenhores de todo o arrayal com todo o recheio, em que os ſoldados ſe cevaraõ bem; e tomando alguma folga, foraõ apoz os inimigos, e lhe entraraõ por ſuas terras, pelas quaes foraõ queimando quantas aldeias acharaõ, até chegarem á Cidade Darija, a qual ſaquearaõ, e abrazaraõ, e o meſmo fizeraõ a outra chamada Verém; e depois de ſe haverem ſatisfeitos com tantos danos, ſe tornaraõ a recolher em muito boa ordem.

O Capitaõ com a gente de cavallo na vanguarda, e D. Paulo de

de Lima, e Jorge de Moura na retaguarda, governando hum hum dia, e outro outro; e como o caminho, por onde haviaõ de paſſar, era por entre ſerras por paſſos muito eſtreitos, e difficultoſos, os foraõ os inimigos atalhar por cima das ſerras, donde fréchavaõ os noſſos, e derrubavaõ alguns: mas a noſſa eſpingardaria tãbem fez nelles bem de emprego, e foy a couza de feiçaõ, que quaſi eſtiveraõ os noſſos deſordenados, ſe naõ fora o esforço de D. Paulo de Lima, e Jorge de Moura, que neſta jornada moſtraraõ todo o ſeu valor; e depois que ſahiraõ daquellas eſtreituras, ſe deixou ficar atrás Manoel Ferreira de Figueiredo, hum Capitaõ da Armada de D. Paulo de Lima, com toda a gente do ſeu navio; e os Mouros de cavallo, que hiaõ ja fugindo dos noſſos, foraõ dar

dar com elles, e posto que se puzeraõ em resistencia, foraõ alanceados, e mortos; o que D. Paulo de Lima sentio muito pela desordem do seu Capitaõ. E assim foraõ os nossos com esta vitoria ter a Baçaim, onde D. Paulo de Lima se embarcou na sua Armada com aquelle navio, e outro menos; e andando na paragem de Tambona, encontrou com sinco, ou seis parós de Malabares, os quaes cometeo com grande determinaçaõ, e houve entre todos huma muito arrezoada batalha, em que D. Paulo de Lima fez o officio de quando pelejou com o Canatale, que foy o de esforçado Soldado, e valeroso Capitaõ; e por fim rendeo hum navio, ou dous, e os mais se acolheraõ. Na briga o desamparou hum Capitaõ seu, que vio os touros de longe. D. Paulo chegou

gou a Goa, onde o Viſo-Rey o recebeo com muitas honras, e a ſeus Capitães, e ſoldados fez mercês; e ao Capitaõ, que o deixou, indo ao Viſo-Rey a beijar-lhe o ſayo, lhe diſſe que foſſe beijar a maõ a ſua mãy: porque era filho de Goa, fidalgo, e muito mimozo.

CAPITULO XI.

D. Paulo de Lima vay por Capitaõ de huma galeota duas vezes, huma em companhia de D. Luis Dataide a tomar a Fortaleza de Barcellor.

A Cidade de Barcellor na coſta Canará he a mais antigua da India. Governa-ſe por Senadores como Republica: he izenta, ſó ao Rey de Biſnagá tem huma certa ſumiſſaõ, porque o tem tomado por

por ſeu Protector; e aſſim pelo governo, que ſempre teve, ſe ſuſtentou, e creſceo tanto, que naõ havia em toda a coſta da India outra, que tanto ſe conſervaſſe, e foſſe taõ rica. Porque quando nós deſcobrimos a India, havia nella muitos chatins, que ſaõ mercadores, que tinhaõ dous, e tres candins de pagodes douro, que ſaõ ſeſſenta alqueires; moeda mais pequena que tremoços ſecos; e poſto que vieraõ a desfallecer muito, porque lhe tomaraõ os Portuguezes o trato do mar, que elles poſſuhiaõ, e por elle enriqueceraõ tanto, naõ perderaõ nunca a ſoberba, porque ſempre a tiveraõ grande. E porque aquelle rio he grande eſcala de arroz, e noſſas náos hiaõ carregar alli para Ormuz, e noſſas Armadas a proverſe, nos faziaõ elles grandes ſemrezões,

rezóes, e havia cada dia muitas alteraçóes, e com iſſo proviaó os Malabares de todo o arroz neceſſario; porque deſtes rios levavaó elles no cedo, primeiro que noſſas Armadas ſayaó fóra, todo o que lhe era neceſſario. E a reſpeito dos Portuguezes tinhaó feito hũa Fortaleza no rio ſobre hum tezo, para defenderem aos noſſos a paſſagem para a ſua Cidade, que ficava mais acima; e ſuccedendo invernar os annos atrás alli naquelle rio huma caravella noſſa, que hia para Ceilaó, e haver entre os Portuguezes, e chatins muitas differenças, por eſtas rezóes aſſentou o Viſo-Rey D. Luis Dataide de ir ſobre aquella Cidade, e caſtigar aquelles levantados, para a qual jornada ſe começou a fazer preſtes.

Tanto que as náos do Reyno vieraó, convocando ajuda das Cida-

Cidades da India, donde lhe acodiraõ muitos Fidalgos, e Capitães, e navios ás ſuas cuſtas; e depois de deſpachar as náos, de que veo por Capitaõ mór Jorge de Mendoça, no anno de ſetenta em Dezembro ſe embarcou, levando huma muito groſſa Armada, cujos Capitães eraõ os ſeguintes: o Viſo-Rey na galé Baſtarda, D. Franciſco Maſcarenhas o Palha na galé Vitoria, D. Jorge de Menezes Baroche na galé S. Sebaſtiaõ; D. Fernando de Menezes de Vaſconcellos neto do Arcebiſpo D. Fernando na galé Santa Catharina, Antonio Botelho na galé S. Jorge, D. Pedro de Caſtro na galé Chagas, Ayres Telles de Menezes na galé S. Tiago; D. Manoel Rolim na galé S. Miguel, Ruy Gonçalves da Camera na galé Loreto, e D. Pedro de Menezes na galé Peſ-

ſoa. Sete galeotas mais, de que eraõ Capitães Luis de Mello da Sylva, D. Paulo de Lima Pereira, D. Nuno Alvares Pereira filho do Conde da Feira, D. Franciſco de Almeida, que ainda hoje eſtá no Tribunal da India, Fernaõ Telles, que foy Governador da India, D. Diogo de Menezes, que foy tambem Governador da India, Chriſtovaõ de Bobadilha filho de Antonio de Saldanha, D. Franciſco da Coſta, e Manoel de Mello, que foy Monteiro mór.

Dos mais navios, fuſtas, e catures foraõ eſtes Capitães: D. Lourenço Dalmeida, D. Diogo de Caſtro, Antonio Cabral, D. Franciſco de Souza, Luis da Coſta, Diogo Ribeiro Cahema, Duarte Pereira, Pero Pereira, Joaõ Dornellas, Pedro Coelho da Sylva, Joaõ de Figueiredo, Joaõ de Freitas,

tas, D. Francifco de Noronha, Aleixo de Souza, Francifco Botelho, Triftaõ da Cunha, Gonçalo Vaz de Camões, Gafpar de Sá, Ruy de Souza, Ruy Pereira de Sampayo, Vicente de Saldanha, Miguel Telles, Jorge da Sylva, Joaõ Correa de Brito, Joaõ da Sylva Barreto filho baftardo do Governador Francifco Barreto, D. Luis de Caftelbranco filho de D. Fernando de Caftelbranco Camareiro mór de ElRey, D. Diogo Dataide filho de D. Alvaro Dataide, irmaõ baftardo do Conde da Caftanheira, Manoel de Siqueira, Chriftovaõ Juzarte Texaõ, Henrique Barbofa, Manoel de Oliveira de Azevedo, Joaõ Barriga Simões, Alvaro Lopes da Cofta, Pedro da Sylva de Menezes, Chriftovaõ do Amaral, Vicente Carvalho, Joaõ de Abreu Sargento mór, Chrifto-

vaõ Fernandes homem da terra em huma galeota ſua, com que veo de Cochim. Levou dous galeões de provimentos, Capitães Franciſco Barradas, e Amador Gilaõ. Levaria neſta Armada tres mil homens, ou mais.

Chegando a Barcellor, o Viſo-Rey entrou o rio, e deſembarcou com toda a gente poſta em armas, e ordenada em bandeiras, e foy marchando para a Fortaleza, que eſtava ſobre hum tezo, no qual os inimigos eſtavaõ muy fortificados. Começaraõ a diſpender ſua artilharia, e grande numero de arcabuzaria, que veo foſtigando por entre os noſſos, e foy a couza de feiçaõ, que diſſe hum certo Fidalgo ao Viſo-Rey, que paraſſe, que lá hia adiante quem rebateſſe as forças aos inimigos. Luis de Mello, que hia perto do Viſo-Rey, que

ouvio aquillo, refpondeo alto: *Ide, Senhor, por diante, e fe vos matarem, de redor de vós levais mais de vinte Capitães, que podem fer Vifo-Reys do Mundo.* Chegando á Fortaleza os que hiaõ diante, a acharaõ defpejada, que naõ oufaraõ os inimigos a efperar nella os noffos, e affim entrou dentro o Vifo-Rey, e tomou poffe, e lhe poz o nome Santa Luzia, por entrar naquelle dia, e nomeou por Capitaõ della a Antonio Botelho feu primo com irmaõ, e fortificou aquella Fortaleza muito bem, e a deixou provida muy baftantemente, e com navios no rio: dalli fe paffou ao rio de Onor, onde fez outra Fortaleza, a que poz nome Santa Catarina, cuja Capitanía deo a Jorge de Moura colaço do Principe D. Joaõ, pay de ElRey D. Sebaftiaõ, e como foy tempo fe recolheo a Goa.

CA-

CAPITULO XII.

D. Paulo de Lima Pereira Capitaõ de huma galeota em companhia do Viſo-Rey D. Antonio de Noronha do ſoccorro a Damaõ.

PAra dar rezaõ deſta jornada he neceſſario repetir brevemente, donde naſceo a occaſiaõ do Viſo-Rey D. Antonio de Noronha ir ao Norte, que foy eſta. O anno de 53, ſendo Viſo-Rey D. Antonio de Noronha, e Rey de Cambayà Soltaõ Mamede, o que poz cerco á noſſa Fortaleza de Dio em tempo de D. Joaõ de Caſtro, que em cruezas, e maldades paſſou por ſeu tio ElRey Soltaõ Badur: pelo que tratou de o matar hum moço, que elle criára chamado Barandim, de que ſó ſe fiava, e dormia na ſua camera; ou que o demonio lhe meteſſe em cabeça que podia ſer

Rey,

Rey, ou fosse induzido de alguns Capitães, em fim como quer que fosse, elle o matou huma noite ás punhaladas, e logo se apoderou dos Paços, por lhe acodirem alguns Capitães de sua valia, porque tinha ja muita posse pela privança d'ElRey. Divulgada a morte d'ElRey, acódiraõ ao Paço outros Capitães, entre os quaes foy hum chamado Xavascaõ de casta Guzarate, homem muito destimido, e achando a Barandim no trono Real, que lhe cometeo lhe fizesse veneraçaõ como a Rey, embebeo hum arco, e o passou pelos peitos com huma fréchada, de que logo cahio morto; e indo-se recolhendo lhe deraõ com outra pelas espádoas, que tambem o derrubou da mesma maneira. Ficaraõ assim as couzas té acodir Madre Maluco Senhor de Baroche com dez,

ou

ou doze mil cavallos, e o mesmo fizeraõ outros dous Capitães Thimitichan, que de Gentio se fez Mouro, e Cide Bombareque com mais de vinte mil homens, e chegando á Corte, se compuzeraõ todos tres, e repartiraõ entre si os thesouros, e mandaraõ buscar hũ moço de sete, ou oito annos, chamado Amed Xá, que diziaõ ser filho do Soltaõ Mamede, e o levantaraõ por Rey, ficando este em poder de Madre Maluco, que governava tudo absolutamente. Foy isto máo de soffrer a Thimitichan, e ajuntando grosso poder, entrou em a Cidade Amadavá, e lançou maõ do Rey, e o Madre Maluco fugio para Baroche: depois teve tanto artificio, que tratou com o Rey moço que fugisse para elle, como o fez; e estando lá algum tempo, naõ se achando á sua vontade,

tade, tornou a fugir para Thimitichan, em cujo poder esteve té este anno de setenta e tres, sendo ja homem o pobre Rey, que era como huma estátua. E porque começava háver entre os Capitães grandes uniões sobre lhe darem o seu Rey, receando-se o Thimitichan que o matassem, despedio Correios ao Hecbar Rey dos Mogores, que estava em Agará, pelos quaes lhe escreveo, e pedio viesse tomar posse daquelle Reyno, que elle lho entregaria com o Rey. O Mogor vendo que lhe offereciaõ sem golpe de espada couza tamanha, e que tanto desejava, partio-se muito apressado com sincoenta mil cavallos, e entrou pela Cidade Amadabá, e se apoderou do Rey, e do Thimitichan, que logo mandou em boa guarda para Agará; e depois de se senhoriar

da

da Casa Real, foy correndo as Cidades do Reyno, e sojugando-as todas até Baroche, e Surrate, e de todas tirou thesouros innumeraveis.

Estava em Dámaõ por Capitaõ daquella Cidade D. Luis Dalmeida filho de D. Lopo Dalmeida, o qual sendo avizado do poder do Mogor, e como se vinhaõ avisinhando seus Capitáes ás terras de Dámaõ, vendo-se com muros rotos por todas as partes, e sem outra fortificaçaõ mais, que humas tranqueiras de páos metidos em huns vallos de hervas leiteiras, houve-se por perdido, e despedio logo recados apressados ao Viso-Rey, e a Baçaim, e Chaul, para que lhe acodissem; e entretanto se ficou fortificando o melhor que pode. O Capitaõ do Mogor, que com quinze mil cavallos chegou

chegou a Balſar, mandou hum Inviado a D. Luis, em que lhe mandava, *que logo deſpejaſſe aquella Cidade, que era de ElRey Hecbar, ſenaõ que a iria tomar.* D. Luis entendendo que o mais, que lhe podia danar, era a deſconfiança, valeo-ſe dos termos da prudència, e lhe mandou reſponder: *Que elle tinha avizado ao ViſoRey da India, ſem cujo recado naõ podia fazer couza alguma; e que em chegando a reſpoſta, lhe entregaria a Cidade, ſe elle o mandaſſe; que entretanto viſſe o que lhe cumpria delle, que eſtava preſtes para o ſervir.* Com iſto ſe entreteve o Mouro, havendo que ſem duvida lhe entregaria a Fortaleza, e andou fazendo ſeu negocio, ſugeitando as Comarcas Poari, Naſami, e outras.

O recado de D. Luis chegou

gou em breves dias ao Viſo-Rey; e vendo as cartas, chamou a conſelho logo; e as lêo, e diſſe que ſe fizeſſem preſtes, porque elle havia de acodir em peſſoa áquella neceſſidade; e aſſim ſe começaraõ a preparar, e de ſe lançarem navios ao mar, e meter-lhes dentro provimentos; e no principio de Janeiro de quinhentos e ſetenta e tres ſe embarcou, e ſe fez á véla em huma das mais potentes Armadas, que na India ſe fizeraõ, que foraõ ſinco galeões, cujos Capitães eraõ: D. Pedro de Caſtro, D. Franciſco Henriques, Manoel de Brito, Ayres de Souza, e Mem Lopes Carraſco. Quinze, ou dezaſeis galés, e galeotas grandes: Capitães, o Viſo-Rey na Baſtarda, D. Jorge de Menezes, Diogo de Azambuja, D. Pedro de Menezes, D. Henrique de Menezes, D. Miguel de Caſ-

Caſtro filho do Viſo-Rey D. Joaõ de Caſtro, Rodrigo Homem da Sylva filho de Vaſco Fernandes Homem, D. Joaõ da Gama, Franciſco da Sylva de Menezes de Campo Maior. Galeotas: D. Paulo de Lima Pereira, D. Diogo de Menezes, D. Antonio de Souza, Gaſpar de Brito do Rio, Joaõ de Mello de S. Payo, Manoel Furtado irmaõ de André Furtado, Fernaõ de Albuquerque. Fuſtas mais de ſeſſenta, Capitáes: D. Joaõ da Coſta, D. Franciſco Maſcarenhas, D. Rodrigo de Souza, D. Felipe de Caſtro, Alexandre de Souza, D. Antonio de Caſtro, D. Martinho da Sylveira, D. Franciſco de Souza, Ayres Falcaõ, Antonio Maſcarenhas, Jorge da Sylva Pereira filho de Ruy Pereira, D. Lioniz Pereira, Martim Affonſo de Mello, Diogo Lopes de Meſquita,

ta, Nuno de Mendoça, Antonio Botelho, Manoel de Miranda, Antonio de Souza Coutinho, Pedro Furtado de Mendoça, Manoel de Souza Coutinho, que foy Governador da India, Pedro Juzarte, Alvaro de Abreu Pereira, Manoel de Mello, Christovaõ de Tavora, Antonio Telles de Menezes, Diogo de Mello Coutinho, D.Luis de Menezes irmaõ de D. Diogo de Menezes; D. Sancho de Vilhena, Manoel de Saldanha, Pedro Botelho Meirelles, Lopo Vaz de Siqueira, o Inquisidor Bertholameu da Fonseca, Francisco de Mello de Sampayo, D. Joaõ Principe de Ceilaõ, Sufocan filho de Mialecan, Agostinho Nunes filho do Fisico mór, Gaspar Tavares, Polinario de Val da Rama, Estevaõ de Pina, Manoel Alvares, Pedro Fernandes, D. Garcia Malabar, Diogo

Dias

Dias do Prefte, Francifco Peffoa, Eftevaõ Gonçalves Capitaõ dos Inhames, Pedro Fernandes Brochado, Gregorio Botelho, Luis Freire de Cochim, Chriftovaõ de Araujo Evangelho, Joaõ Fernandes da Cofta, Fernaõ Dalvares Doriente, Gafpar de Sá, Luis de Souza, Gonçalo Guedes de Reboredo, Antonio Defpinola, Francifco Paim de Mello, Joaõ Gomes de Abreu de Lima, Nuno Cordeiro, Jeronymo Carvalho, Miguel Dias Picoto, Fernaõ Gomes Cordovil, Diogo da Sylva, Lopo Pereira, Damiaõ Furtado, Diogo Collaço, Joaõ Ferreira Fialho, Alvaro Ferreira, Vicente Dias de Vilhalobos Veador da Fazenda, Cofmo Duarte, Rodrigo Monteiro, Antonio Correa Ouvidor geral, Diogo do Quintal, o Capitaõ da guarda com os alabardeiros, e outros.

Dada

Dada á véla esta Armada, em poucos dias chegou a Baçaim, e dalli despedio D. Diogo de Menezes com vinte navios, para que fosse a Dámaõ, e com D. Luis puzesse em conselho aquelle negocio de sua ida lá: porque os mais dos Capitães darmada eraõ de parecer que o Viso-Rey naõ passasse de Baçaim, e que mandasse a Dámaõ todo o poder, porque com o Mogor ter o olho em elle estar em Baçaim, havia de cuidar que ficava com elle o maior poder. Mas o Viso-Rey partio de Goa deliberado a se ir em pessoa meter em Dámaõ, porque na Barra de Goa meteo no corpo huma malha, e dizia aquelle verso: *Damas, armas, amor.* E tanto que despedio D. Diogo, ficou em terra esperando recado, onde tornou a pôr em conselho sua ida; e posto que foy contrariado de

de muitos, todavia os mais ſe acomodaraõ ao deſejo, que lhe ſentiraõ. D. Diogo chegou a Dámaõ, em caſa do Capitaõ fez ajuntar conſelho, e aſſentou-ſe nelle que o Viſo-Rey acodiſſe, porque os inimigos vinhaõ entrando pelas terras. Com eſta reſoluçaõ voltou, e deo os pareceres ao Viſo-Rey aſſinados; com que ſe embarcou logo, e em breves dias chegou a Dámaõ, em cujo rio entrou com toda aquella potencia, que aſſombrava o Mundo, ficando os galeões fóra, e deixou-ſe eſtar na ſua galé, ſahindo todos os dias fóra a viſitar a Cidade, e fortificaçaõ; e porque achou a cerca muy grande, a cortou, e a fez mais reſtringida, e de melhor fórma para ſe poder defender. O Capitaõ Mogor, que eſtava ja em noſſas terras, tanto que ſoube ſer

o Viſo-Rey chegado, naõ paſſou adiante, e deſpedio hum recado a lhe pedir ſalvo conducto para o mandar viſitar, o qual o Viſo-Rey lhe mandou; e porque lhe quiz moſtrar ſua potencia, o eſperou no mar, e mandou meter os galeões no rio, e as galés no meio delles, e toda aquella maquina de fuſtas de longo da terra de huma, e outra parte, que naõ havia lugar, em que pudéſſe chegar huma almadia. O Mogor deſpedio o Embaxador, que era hum grande Capitaõ (diziaõ que da coſta dos antiguos Reys) trazia ſinco, ou ſeis mil cavallos, e o dia, que havia de ver ao Viſo-Rey, mandou elle embandeirar a galé, e pôr-lhe ſeu toldo de veludo, e brocado, e alcatifar toda de popa a prôa, e ordenou que todos os Capitães ſe foſſem para elle armados, e o mais cuſto-

custosamente que pudéssem; e assim acodiraõ mais de duzentos.

O dia que o Mogor havia de entrar na galé, que era huma manhãa, e que entrou tambem D. Paulo de Lima muy bem armado, o Embaxador se embarcou na manchúa do Viso-Rey, em que foy Antonio Cabral, que era Capitaõ da sua galé, e o meteo dentro com os que escolheo, e no toldo della se assenton em huma cadeira de brocado, e desaferrando da terra para a galé, começaraõ os galeões suas salvas, e apoz elles as galés, e logo todas aquellas fustas, com taõ grande terror, e espanto, que se arrependeo o Mogor de se ver metido no meio daquelle labyrinto; porq̃ como a manhãa era fresca, e o rio ficava muito mais baixo que a terra, fazia por elle hum estrondo aquella artilharia, e huns

écos taõ medonhos, que metiaõ medo. Durou isto mais de duas horas, ficando a Cidade, a terra, a Armada, e ainda o Ceo, escondido tudo no meio daquellas châmas, e fumo, que naõ sabiaõ por onde hiaõ; e assim se deteve o Mogor, sem passar adiante até aclarar o tempo, e como se descobrio, chegou á galé, e entrou pela prôa dentro, levando-o de maõ Antonio Cabral, e foy passando pela coxia, olhando de huma, e outra parte aquella bizarria daquelles Fidalgos, e Capitães, que estavaõ todos armados, e muitos darmas brancas inteiras, e como o Sol começava a nascer, que feria em seus corpos, deitavaõ de si tamanho resplandor, que cegavaõ; e assim foy até á estanteiróla, onde estava em pè D. Jorge de Menezes Alferes mór, armado de ponto em bran-

branco de armas riquiſſimas, e na cabeça huma gualteſpa de aço da feiçaõ de huma vieira, cuja lua vinha ſobre a teſta com grandes plumagens, e nas mãos hum montante, e como elle era hum dos grandes, e fermoſos homens do ſeu tempo, paſmou o Mogor de o ver. Ao entrar do toldo ſe lhe alevantou o Viſo-Rey, que era hum homem agigantado, armado com huma ſaya de malha, e por cima hum tabordo, e o recebeo com honra, e o fez aſſentar em huma cadeira raza, e o Viſo-Rey na ſua de eſpaldas: alli lhe perguntou pela peſſoa de ElRey, e de ſeus filhos, e pela do Chanchana, que era o Capitaõ que o mandava; e com iſto lhe fez muitos offerecimentos; e depois de paſſada a viſita, o deſpedio com peças muy ricas, que lhe deo, e lhe diſſe apoz elle

elle hia logo ſeu Embaxador a viſitar ElRey; e ao ſahir da galé o tornaraõ a ſalvar com o meſmo eſtrondo, de maneira que quando o Mouro chegou a ſeu arrayal, hia taõ aſſombrado, que nem fallava, nem ouvia, e lá diſſe o que vira, do que eſpantou a todos.

O Viſo-Rey deſpedio logo Antonio Cabral por Embaxador ao Rey Hecbar, e lhe mandou hũ rico preſente, e foy muy bem acompanhado de muita gente de cavallo, e em companhia daquelles Capitães Mogores foy a Baroche, onde ElRey eſtava, o qual o mandou receber por ſeus Capitães, e elle o fez com grande mageſtade; e depois de muitos cumprimentos, tratou do ſubſtancial, que era; mandar-lhe dizer o Viſo-Rey que ElRey de Portugal ſeu Senhor era muy grande ſeu amigo, e que deſejava

ſejava muito ter com elle paz, e amiſade, e que elle em ſeu lugar ſe lhe mandava offerecer para tudo, o que cumpriſſe a ſeu ſerviço com aquella Armada, e poder; a que tudo o Mogor reſpondeo em fórma, e veo a concluir que queria ſer amigo de ElRey, e do Eſtado, e lhe mandou logo paſſar hum ſoberbo formaõ, em que concedia a ElRey de Portugal a Cidade de Dámaõ com todas as ſuas terras, e juriſdiçaõ, aſſim como as poſſuhia; e defendia que nenhum Capitaõ ſeu inquietaſſe ſuas terras ſobpena de morte. E com iſſo jurou as pazes, o que fez Antonio Cabral tambem em nome do Viſo-Rey, e ſe deſpedio muito ſatisfeito, e muito mais o ficou o Viſo-Rey de ſegurar aquella Cidade, e terras, que correraõ muito riſco, ſe naõ acodira a ellas em peſſoa.

CAPI-

CAPITULO XIII.

De hum omizio, que ſuccedeo a D. Paulo, pelo qual lhe foy neceſſario ir-ſe para Ormuz, onde ſe caſou.

Envejoſa a fortuna das felicidades deſte Fidalgo, e das que mais podia ter, ſe as naõ atalhaſſe, o fez por hum caſo, que lhe deo bem de trabalho, cortando-lhe o fruto quando ſe hia ſazonando, e ſuccedeo aſſim. Ja diſſe como eſte Fidalgo era muito gentilhomem, e com outros doens, que a natureza com elle repartio liberalmente; e como neſte tempo eſtava na flor de ſua idade, que ſeria de trinta e quatro annos, em que o appetite ſenſual reina mais, fez algumas traveſſuras da carne, por que ſe pudéra

déra paſſar, ſe naõ foraõ com algumas caſadas, principalmente neſte tempo em que ſe embarcou com huma mulher de muita fermoſura, que he o cebo da mancebia, a qual era caſada com hum homem rico, e abaſtado. E correndo os amores, e continuando-ſe as viſitas, a derradeira em que a fortuna, como diſſe, lhe tinha armado, tendo-o ella recolhido em huma torre de ſuas caſas, foy o marido avizado, e como tinha muitos eſcravos Jáos, Chinas, e outros, deo-lhes armas, e elle as tomou, e cometeo a porta, que D. Paulo lhe defendeo com muito valor com huma eſpada, e rodella, em que era muito déſtro. E vendo-ſe apertado, em que era forçado morrer, determinou a ſer no meio daquellas armas, e naõ encurilhado, e aſſim pondo o remedio

no

no braço, rebentou pela porta, e cortou pelo meio daquellas lanças, e alabardas, de que me naõ lembra se foy sangrado, e varando pelas portas, que estavaõ abertas, sahio á rua quasi sem folgo. A triste mulher vendo a desaventura, com o temor da morte se deitou por huma janella fóra, e em baixo se despedaçou; cuido que ainda assim a acabou o marido, o qual ao outro dia foy dar huma querella de D. Paulo de Lima; pelo que lhe foy forçado passar á outra banda da terra firme, fronteira ao Paço de Naroá, e alli esteve algum tempo com dez, ou doze soldados, criados, e escravos com espingardas, partezanas, e lanças. E como aquelle sitio era muito custoso, e arriscado, e naõ poderia aturallo, tratou por todas as pessoas graves assim seculares, como Reli-

Religiosos de seu perdaõ; e o mais que puderaõ acabar com o que o accusava foy, que lhe perdoava com condiçaõ, que se fosse fóra de Goa; o que elle aceitou; e assim se passou á Fortaleza de Ormuz, aonde esteve algum tempo. Havia naquella Cidade hum Fidalgo de Portalegre chamado Fernaõ de Montaroy de muitos serviços, e merecimentos, e hum dos avizados homens, com que na India falley, e que mais sabia da Corte, e dos homens, que todos, o qual fora alli ter darmada, e naquella Cidade casou com huma filha de Garcia de la Penha, gente muito nobre, e rica, e assim o tempo, que alli viveo, foy dos principaes, e mais abastados da terra. Tinha havido nesta mulher huma filha muito fermosa, como o foy sua máy, chamada D. Beatriz, que seria

ria de dezoito annos; e vendo alli aquelle Fidalgo perseguido da fortuna, e que ja estava despachado com a Fortaleza de Chaul, tratou de o casar com a filha, e assim o veo a effeituar, dando-lhe dez; ou doze mil cruzados em casamento; e posto que este Fidalgo naõ estivera taõ acossado da fortuna, e em tanta necessidade, naõ pudéra casar melhor, havendo de o fazer. Viveo algum tempo em Ormuz, e parecendo-lhe que era necessario tratar de seu livramento, porque se lhe chegava o tempo de sua Fortaleza, veo-se para Goa com sua mulher, cuido que em principio do governo do Conde da Touguia da segunda vez, ou antes delle no de D. Diogo de Menezes; e porque ficava quebrado o perdaõ, andou escondido, e o Viso-Rey, Fidalgos velhos, e Re-

ligiosos

ligiosos muy graves, trataraõ muitas vezes de seu perdaõ com aquelle homem, buscando-lhe todos os meios possiveis para isso, sem o poderem acabar com elle. Até que hum dia de grande Jubileo no Mosteiro de S. Domingos, estando este homem lá, e tendo os Prelados avizo do negocio, chegou a mulher de D. Paulo a elle, e se lhe lançou aos pés, e com infinitas lagrimas lhe pedio pelas Chagas de JESU Christo quizesse perdoar a seu marido, porque andava desterrado, e ella descasada delle; que bem conhecia a rezaõ, que tinha para tudo; mas que acabassem com elle aquellas lagrimas, e aquelle Christo, por cujo amor lho pedia. Os Prelados acodiraõ alli, e fizeraõ seu officio muy bem. O homem vendo aquella mulher taõ desconsolada, e aferrada com seus

pés,

pés, lhe reſpondeo que por amor de Chriſto, por que lhe pedia, e por amor della elle lhe perdoava; mas que lhe pedia que ſe naõ encontraſſe com elle, nem paſſaſſe pela rua, em que vivia. Ficou D. Beatriz conſolada, e fezſe-lhe perdaõ naquella fórma, que D. Paulo cumprio á riſca; porque entendeo bem a muita rezaõ, que o homem tinha da ſua parte. Eſte auto alegrou a todos, porque éra D. Paulo de Lima muito amado geralmente do povo por ſuas qualidades, e aſſim ſe acabaraõ ſeus deſterros, e ficou habilitado para entrar em ſua mercê.

CAPI-

CAPITULO XIV.

D. Paulo de Lima Pereira Capitaõ de dez navios ao Norte, e entra em Dabúl, onde pelejou com outros dez de inimigos, que destruío, e desbaratou, e queimou muitas povoações pelo rio dentro.

PRimeiro que trate da jornada, que D. Paulo fez ao Norte, o farey das rezões, porque foy eleito para esta Armada, e a que effeito o mandou nella o Conde da Touguia D. Luis Dataide. Andando alguns navios nossos aventureiros na costa do Norte, dos quaes eraõ Capitães D. Jeronymo Mascarenhas, D. Diogo da Sylveira, D. Antonio seu irmaõ, e outros; entraraõ no rio de Dabúl, quarenta e duas

e duas legoas de Goa, a ſe refazerem de algumas couzas, e todos eſtes Capitães, ſómente D. Jeronymo Maſcarenhas, deſembarcaraõ em terra, pelos mandar convidar Melique Tojar Tanadardali, e foraõ ao banquete ſem armas. E eſtando em ſua caſa, tendo a gente ja para aquella treiçaõ, mandou dar nelles, e mataraõ a maior parte, e os que puderaõ fugir para as fuſtas, o fizeraõ, e com aquelle impeto chegaraõ apoz elles á praya, e entraraõ de romania a fuſta de D. Jeronymo Maſcarenhas, a que elle acodio com huma eſpada, e rodella com alguns ſoldados, que tinha, e brigou taõ valeroſamente com os Mouros, que os lançou fóra do ſeu navio, e ſe veo para Goa.

Vendo o Governador D. Diogo de Menezes aquella maldade, e trei-

treiçaõ, eſtando de paz comnoſco, deſpedio a D. Pedro de Menezes filho de D. Manoel de Menezes, para ir invernar a Chaul, e negociar huma Armada, com que nella ſahiſſe a eſperar as náos, que haviaõ de vir de Meca, e para fazer na coſta do Idalxá toda a guerra, que pudéſſe. O que D. Pedro de Menezes fez muito bem, e pelejou com duas náos, que fez dar á coſta, por ſer o tempo muito groſſo. Andando elle neſta obra, chegou D. Luis da Taide Conde de Atouguia ſegunda vez por Viſo-Rey da India em o fim de Agoſto de ſetenta e oito; e informado do que tinha acontecido aos noſſos, ordenou a D. Pedro proſeguiſſe na guerra, mandando outras Armadas áquella coſta para iſſo, e fazendo-a o Viſo Rey em peſſoa ao Idalxá pelos rios de Goa dentro em

ſuas povoações; o que continuou até o Idalxá pedir pazes, e dar ſatisfaçaõ ao Eſtado com degradar de Dabúl o Melique Tojar autor da morte daquelles Fidalgos, e que nunca mais tornaria a Dabúl. E ſendo informado, que neſte anno de oitenta e hũ tornára o Melique Tojar ao cargo de Tanadar de Dabúl, e que fazia preſtes huma náo para Meca, para a deitar fóra ſem cartaz a deſpeito do Eſtado, contra o tratado das pazes, quiz acodir áquillo, e defender-lhe a navegaçaõ, e ainda deſtruir-lhe ſua coſta. Para eſta jornada elegeo D. Paulo de Lima Pereira, porque ſabia, que havia de fazer o que elle pertendia muito bem; e aſſim o deſpedio com dez navios, em que entravaõ duas galeotas, em que ſe embarcou a melhor, e mais luſtroſa ſoldadeſca da India, e lhe deo o titu-

o titulo de Capitaõ mór, e General de toda a costa do Norte, com poder sobre todas as Armadas, e navios, que por ella andassem; dando-lhe por Regimento que entrasse o rio de Dabúl, e queimasse a náo, que se fazia para Meca, e que fizesse toda a guerra, e hostilidades, que pudésse, por aquella costa. Os Capitães, que o acompanharaõ, saõ os seguintes. Jorge da Sylva Coelho, Duarte de Mello, Gonçalo Coelho, Ignacio Nunes, Gonçalo Tavares, Nuno Vaz de Castelbranco, Duarte da Sylva, D. Francisco de Sá, e outros.

Seguindo este Capitaõ sua derrota, aos quatro dias chegou perto de Dabúl, onde tomou algumas almadias de pescadores, os quaes mandou meter a tormento, para saber delles o modo de como o Melique Tojar estava fortifica-

do, e o eſtado, e lugar, em que a náo eſtava, de que lhe naõ deraõ verdadeira informaçaõ, ao menos a ſeu goſto; pelo que foy paſſando adiante até chegar ao rio de Dabúl, cuja entrada eſtava taõ perigoſa, que ſe naõ fora cahir aquillo no peito deſte grande Capitaõ, que ſe naõ rendeo nunca a medo, naõ ſe poderia cometer, pelas muitas carrancas, que ſua entrada moſtrava, de fortes, e grandes baluartes de todas as partes, tranqueiras, e fortificações muy intricadas, guarnecidas de groſſa, e poderoſa artilharia, e entulhados da gente de guerra, e de muita arcabuzaria; e pela terra de longo da praya ſeis mil homens de cavallo, que ja meteraõ de outra vez eſpanto, e terror a quatro Armadas, que ſobre aquella Barra eſtiveraõ, que quando entraraõ, foy com gran-

grandes receios, e perigo de ſe perderem. Em fim D. Paulo de Lima, que levava Regimento que entraſſe o rio, e queimaſſe a náo, nada do muito que vio o eſpantou; antes tomando o remo em punho, foy entrando pelo meio daquelles perigos, e por entre fumo taó eſpeſſo das groſſas, e ameudadas bombardadas, que lhe eſcondiaó o caminho, por onde havia de paſſar; o qual elle, como Capitaó valeroſo, foy diante moſtrando aos ſeus, chovendo ſobre os navios coriſcos, e bombas de temeroſo fogo, que de todas as partes lhe atiravaó; e aſſim por entre tanto genero de morte paſſou até o largo do rio, onde ſurgio. E ſabendo que a náo, que havia de vir para Meca, eſtava metida pelos eſtreitos dentro, e deſcarregada, pelo receio que teve da Armada; porque

porque lhe naõ ficasse aquella entrada sem alguma satisfaçaõ, foy logo cometer duas náos do Idalxá, que estavaõ na povoaçaõ da Nactiaria envazadas, e cheias de agoa, e com muita gente dentro, e artilharia, e por terra todo o mais poder, correndo de huma, e outra parte para as favorecer. E chegando ao lugar da bataria, descarregou nellas por grande espaço muitas cargas, que fizeraõ nellas grande destroço, e dellas foy tambem muy bem fustigado, e da terra o mesmo; e vendo que na parte, em que estava, naõ havia desembarcadouro para as poder ir queimar, foy-lhe necessario retirar-se, e depois de descançar, foy pelo rio acima com a maré, e desembarcou em muitas partes, em que queimou, e abrazou muitas povoações, aldeias, mesquitas, pagodes,

godes, e tomou dous navios de remo, que mandou logo desfazer; e assim se deixou andar alguns dias por aquelle rio fazendo muito espantosa, e cruel guerra ao inimigo. O qual vendo os notaveis danos, que tinha recebido, além da affronta grande de lhe entrar em sua casa pelo meio de tantas fortificações, determinou de se satisfazer, e despedio huma manchúa ligeira a chamar Cartale, e Mandavirai, dous cossarios Malabares, que com sinco galeotas andavaõ para a parte de Chaul, mandando-lhes cometer grandes partidos para virem pelejar com a nossa Armada; e entretanto ficou armando outros sinco navios, que tinha, os quaes forneceo de Parseos, Turcos, de Canís, e outras nações, e lhes meteo sua artilharia, e muita espingardaria para se ajuntarem
aos

aos Malabares, que logo chegaraõ muy ſoberbos, e ſe foraõ ſurgir na Cidade, onde ſe viraõ com o Melique Tojar, o qual os perſuadio a irem pelejar com os noſſos, affirmando-lhes que eſtavaõ faltos de munições, pelas terem gaſtadas na bataria, que deraõ ás náos, e dando outras rezões, com que lhe facilitaraõ tanto a vitoria que haviaõ, que a tinhaõ nas mãos; entregando-lhes os outros ſinco navios, que tinhaõ preſtes com mais de quinhentos homens das caſtas que diſſe. E além diſſo mandou ajuntar grande numero de parós, e almadias, para em quanto a peleja duraſſe, os mandar cevar com gente, e munições; o que tudo foy no meſmo dia, em que chegaraõ, por eſtar tudo preſtes. Logo arrancaraõ todos juntos da face da Cidade com grandes gritos, vo-

zearias,

zearias, tabalinhos, trombetinhas, e outros inſtrumentos, de q̃ uſaõ, e pela terra fervia a gente de cavallo, e as almadias pela praya, para verem aquelle eſpectaculo, que eſperavaõ, e vitoria, que cuidavaõ que tinhaõ nas mãos.

D. Paulo de Lima com ver aquelle caſo taõ repentino, naõ perdeo por iſſo o animo; antes com muita ordem preparou os ſeus navios, pondo-os em ála., e nos cabos cada huma ſua galeota as mais poſſantes, e elle com a ſua no meio, fazendo, o mais breve que pode, huma falla aos Capitães, e ſoldados, em que lhes lembrou as obrigações que tinhaõ a pelejarem pela Ley, pelo Rey, e pelas vidas; e como os inimigos ſe vinhaõ chegando, diſſe aos Capitães que naõ diſpendeſſem a muniçaõ, ſenaõ depois dos inimigos deſcar-

descarregarem suas cargas. E com grande confiança se poz ao pé da estanteiróla armado de armas ligeiras, e fortes, e huma espada, e rodella, taõ seguro em seu animo, que me affirmaraõ algumas pessoas da sua galeota q̃ se lhe naõ enxergou mudança alguma, senaõ muita alegria, e gosto de se ver naquelle estado, em que esperava de lhe dar Deos Nosso Senhor huma muito honrosa vitoria.

Os inimigos, que vinhaõ com sua determinaçaõ, chegando a tiro de berço, despararaõ a tormenta de sua artilharia, que era muita, por serem as galeotas dos Malabares de camellos; e depois de passado o nevoeiro, que ficaraõ os inimigos descubertos, descarregaraõ os nossos navios com grande ordem toda a sua carga, que como estavaõ ja mais juntos,

fez

fez nos inimigos maior emprego, e com aquella furia se investiraõ todos; e como eraõ iguaes em numero, mas naõ em poder, pelo seu ter tres vezes dobrado, pegou cada hum de seu navio, e assim como lhe cahio a lanço D. Paulo de Lima, investio huma das galeotas Malabares, que mostrava mais bizarrisse, e trazia mais galhardetes, e ficando abordados, poz D. Paulo os olhos nos seus, e levantou a voz, dizendo aquillo de David: *Propitius esto mihi maximo peccatori.* E remetendo com os inimigos, chamando pelos seus soldados, que o seguissem, lançou-se na galeota acompanhado dos principaes, e entre os Mouros fez tantas cavallarias, taõ alegre sempre, e risonho, que causava nos seus dobrado animo, e assim em breve espaço axorou a galeota, metendo á espa-

á eſpada a maior parte dos Mouros, e a outra ſe lançou ao mar bem eſcalavrados todos.

Os outros Capitães cada hũ rendeo a que lhe cahio em ſorte com muito valor, e esforço; e Duarte da Sylveira o fez a huma galeota a que deo tôa, e vindo-ſe com ella ao Capitaõ mór, encontrou outro navio dos inimigos abrazado em fogo, do muito que lhe lançou o Capitaõ, que com elle pegou, e chegando ſe a elle, tambem lhe deo tôa, e com ambos ſe foy ao Capitaõ mór, que ja eſtava com a vitoria arrematada, e o meſmo fizeraõ os outros Capitães com o que rendeo: ſó hum eſcapou, que ſe acolheo a levar novas a Melique Tojar da grande deſtruiçaõ, que ficava feita na ſua Armada, de que eſcaparaõ poucos, ſem da noſſa haver dano notavel,

mais

mais que dous, ou tres mortos, e alguns feridos.

D. Paulo de Lima vendo tamanha mercê de Deos, deo-lhe graças poſtrado por terra, e logo correo todos os ſeus navios, e com palavras muito honradas, e prudentes deo muitos louvores aos Capitães, e ſoldados, e mandou curar os feridos, e naõ quiz botar ao mar os mortos, por irem ter a terra, e depois o fez no mar largo. Concluido tudo, ſahio ſe o meſmo dia pela Barra fóra por entre todas aquellas carrancadas dos fortes, tranqueiras, e baluartes, que o Melique Tojar tinha reforçados; e ao ſahir mataraõ hum ſoldado chamado Fabiaõ Magro, ao qual tinhaõ dado huma eſpingardada, cujo pilouro lhe ficou metido na firma dos calções, ſem cahir, nem lhe fazer dano; e moſtrando-o

trando-o elle a Nuno Vaz de Caſtelbranco, que foy para lhe tirar o pilouro, lhe diſſe elle que lho deixaſſe ficar, porque lho naõ havia de tirar dalli, ſenaõ ſua dama: e como Deos he Juiz juſto, e lhe aborrecem muitas ingratidões, vendo que lhe naõ déra graças nenhumas em ſeu coraçaõ pelo livrar daquelle perigo, antes hia com o tento em ſuas maldades, e torpezas, encaminhou hum pilouro, que o foy matar, eſtando deitado dentro no toldo da fuſta. E aſſim ſe ſahio D. Paulo de Lima, deixando muito bem vingada a morte dos Fidalgos aventureiros, que alli matou o Melique Tojar á treiçaõ, e ſatisfeitas as affrontas, que eſte Mouro tinha feito ao Eſtado.

Dada á véla a Armada, chegou a Goa com a Armada inimiga na popa da ſua, com o que veo dando

dando huma fermoſa ſalva pelo rio dentro, acodindo ao Caes toda a Fidalguia, e povo de Goa a receberem eſte Capitaõ famoſo, a quem Deos tinha feito tantas mercês, e chegando ao Caes, poz as prôas nelle. Aqui ſuccedeo huma galantaria de D. Martinho da Sylveira. Tinha elle empreſtado a D. Paulo huma copia de prata de ſeu ſerviço para o da ſua galeota, e pondo ella a prôa em o Caes, o primeiro que entrou foy elle, e chegando a D. Paulo, lhe diſſe eſtas palavras: *Senhor, mande me V. m. dar a minha prata, porque lha naõ empreſtey para a arriſcar tantos por tantos.* Ao que lhe elle reſpondeo: *Que onde ſe arriſcava hum tamanho ſervidor ſeu, tambem ſe podia arriſcar a ſua prata.* D. Paulo deſembarcou com todos os ſeus Capitães, e ſoldados, armados com

com as meſmas armas, com que pelejaraõ, e foy-ſe a caſa do Viſo-Rey D. Luis de Ataide, que o veo receber á porta da ſala, e o levou nos braços, dizendo-lhe eſtas palavras: *Senhor D. Paulo, que determina V. m.? Quer que lhe demos todos peçonha?* D. Paulo com muita graça lhe reſpondeo: *Peçonha trazem as minhas armas para os inimigos em tempo de V. Senhoria, cujos eſtes effeitos, e vitorias todas ſaõ.* E depois abraçou todos os Capitães, e ſoldados, com que naõ ſe teve palavras, ſenaõ obras, porque a todos fez mercês, e deo muito dinheiro; e alli diſſe a D. Paulo que ſe reformaſſe logo, e tornaſſe a correr aquella coſta, o que D. Paulo fez com muito goſto. E no principio de Março ſahio pela Barra fóra muy bem negociado, porque o Viſo-

Viſo-Rey D. Luis era muy próvido de tudo. E depois delle partido, dahi a dous dias falleceo o Conde D. Luis, porque nos dias, que D. Paulo ſe deteve em ſe aviar, adoeceo, e em fim morreo, e lhe ſuccedeo Fernaõ Telles, que eſcreveo a D. Paulo, dizendo que eſtava eſperando por elle com outras tantas galeotas á tôa. Eſte Fidalgo foy ſua derrota a Dámaõ, por levar Regimento que foſſe a Surrate impedir que naõ ſahiſſem duas náos, que ſe faziaõ preſtes para Meca; e em Dámaõ ſoube do Capitaõ, e Veador da fazenda, que já tinhaõ dado fiança a tornarem a pagar os direitos nas Alfandegas de ElRey, com o que voltou; e vindo-ſe recolhendo, para que nem aquella vez foſſe ſem preza, encontrou huma fuſta de Malabares, que neſte Capitaõ tinhaõ

K o ſeu

o ſeu flagello, a qual tomou, tra-zendo comſigo grande copia de navios de mercadores, a que veo dando guarda até a Cidade deGoa, que ficou cheia de fazendas.

CAPITULO XV.

Cabe a D. Paulo de Lima entrar em a Fortaleza de Chaul: no caminho toma hum paró de Malabares.

FIcou D. Paulo de Lima deſcançando de quantos trabalhos tinha levado em ſeu deſterro, e no ſerviço de ElRey até Abril de 83, em que lhe cabia entrar na Capitanía da Fortaleza de Chaul, de que eſtava provído, para a qual o Conde D. Franciſco Maſcarenhas o deſpachou muito bem, com muitos favores, e liberdades; e no

no tempo acima dito ſe embarcou para ſe ir para ella, levando em huma galeota ſua mulher D. Beatriz, indo na ſua companhia alguns navios de mercadores, a que foy dando guarda. E porque naõ lhe ficaſſe jornada, em que os inimigos naõ provaſſem ſeu ferro, inda neſta indo com ſua mulher tomou hum paró de Malabares, e a todos paſſou pela eſpada. Chegou a Chaul, tomou poſſe da ſua Fortaleza, em que eſteve tres annos, taõ bemquiſto de todos, que quando acabou ſeu triennio, ficaraõ chorando por elle. Foy Capitaõ recto de juſtiça, pouca cobiça, nunca avexou os moradores no meneio de ſua fazenda; porque como era Fidalgo virtuoſo, temia a Deos em materias de encargos, e aſſim ſem elles tirou da ſua Fortaleza ao redor de ſetenta mil

xarifes, com que ſe veo para Goa com tençaõ de paſſar logo ao Reyno, e apoſentou-ſe alli até ſer chamado para ir deſtruir a Cidade de Jor, como logo direy.

CAPITULO XVI.

D. Paulo de Lima he eleito para ir ſoccorrer a Fortaleza de Malaca, que o Rey de Ujantana tinha de cerco.

SEndo mez de Março de oitenta e ſete chegaraõ a Goa cartas de Malaca, em que o Capitaõ, e povo repreſentavaõ ao Viſo-Rey D. Duarte ficar ElRey de Ujantana com groſſo poder ſobre aquella Fortaleza, affirmando que ſe naõ a ſoccorreſſem, ſem duvida ſe perderia. Pelo que o Viſo-Rey chamou logo todos os Capitães

velhos

velhos a conſelho, e lhes mandou ler as cartas pelo Secretario, e ſobre iſſo mandou a Jeronymo Rebello lhe déſſe relaçaõ das couzas daquella Cidade, como fez. O que viſto por todos, votaraõ que ſe lhe mandaſſe huma poderoſa Armada com poder baſtante para caſtigar aquelle inimigo, porque outra vez naõ intentaſſe ſemelhantes danos; porque ſe diſſimulaſſem com elle, eſtava muito certo ſer ſempre viſinho muy moleſto, e importuno, e que cada anno meteria a India em revolta; pelo que o bom ſeria de huma vez cortar-lhe as raizes, e deitallo fóra daquelle lugar.

Com eſta reſoluçaõ quiz logo o Viſo-Rey pôr em ordem aquelle negocio, e mandou logo concertar os navios para aquella jornada, e ajuntar mantimentos, munições, e petrechos neceſſarios.

E por-

E porque o Eſtado eſtava falto de dinheiro, e de ſoldados, e navios, por andarem darmada, naõ vio donde melhor ſe pudéſſe valer, que das Cidades do Eſtado, que para ſemelhantes ſoccorros eſtiveraõ ſempre preſtes com grande lealdade, e zelo do ſerviço de Deos, e de ElRey: Deſpedio Manoel Rebello ſeu Capitaõ da guarda, e com elle Jeronymo de Lima com cartas para as Cidades de Chaul, e Baçaim, e para as peſſoas principaes dellas, nas quaes lhe repreſentava as neceſſidades do Eſtado, e o trabalho, em que a Fortaleza de Malaca ficava, pedindo-lhes o ſoccorreſſem com dez, ou doze mil pardáos de empreſtimo, dos quaes ſe pagaſſem em ſi proprios nos fóros de ſuas aldeias; para o que logo lhe paſſou Proviſoẽs muito largas, e eſcreveo a Balthaſar

de

de Siqueira Veador da fazenda daquellas Fortalezas lhe mandaſſe com muita preſteza todos os mantimentos, munições, remos, cifas, cotonias, e todas as mais couzas neceſſarias para o provimento da Armada.

Deſpedido eſte recado, que foy logo, fez chamamento dos officiaes da Camera da Cidade de Goa, a qual ſempre eſteve offerecida a eſtes ſucceſſos do ſerviço de ElRey, em ſatisfaçaõ dos quaes a tem os Viſo-Reys, e Governadores taõ atada, e lhe guardaõ taõ mal ſeus privilegios, que muitos delles, té eleições que ſaõ livres, ſe naõ faz ſenaõ o que querem: ſobre o que tem clamado aos Reys, e mandado ao Reyno ſeus Procuradores, ſem terem mais reſpeito que tornarem-na a meter logo nas mãos dos Viſo-Reys, os quaes nunca

nunca haõ de largar a maõ da jurifdiçaõ, que fobre ella tem tomado. E deixando efta materia, em que havia bem por onde cortar a penna, tornemos aos Vereadores, que foraõ chamados, aos quaes o Vifo-Rey reprefentou com muitas palavras o grande rifco, em que ficava a Fortaleza de Malaca, e quanto importava foccorrella logo, porque acontecendo por defcuido hum defaftre, perderfe-hia o comercio da China, e Japaõ, de que todos os moradores da India, e o Eftado fe fuftentavaõ; e que pois por entaõ naõ havia, com que lhe poder foccorrer, por naõ haver dinheiro no thefouro, pelas muitas defpezas que eraõ feitas nas guerras, que fe alevantaraõ, que lhes pedia o quizeffem ajudar com aquelle feu taõ antigo zelo, e lealdade, que fempre fe achou naquella

Ja Cidade nas couzas daquella qualidade; porque ſeria deshumanidade perder-ſe á mingoa huma Cidade taõ importante ao Eſtado da India, e na qual todos tinhaõ parentes, e amigos naturaes, e tantos Templos, Religioſos, e innocentes: que lhes pedia em nome d'ElRey, a quem elle repreſentaria aquelle tamanho ſerviço, para que lho ſatisfizeſſem em honras, e mercês, lhe empreſtaſſem vinte mil pardáos, para com elles, e com os mais, que pudéſſem ajuntar, ſupprir a neceſſidade taõ urgente, e neceſſaria, e que delles ſe pagariaõ logo nas rendas de Sallete, as quaes dalli em diante conſignava para iſſo em ſeu poder té ſerem pagos daquella quantia; e que para maior ſatisfaçaõ ſua lhes daria todas as ſeguranças, que mais quizeſſem. Os Vereadores, que

que eraõ Francifco Peixoto, Chriftovaõ da Cofta, e Francifco de Andrade, lhe refponderaõ q̃ muito bem viaõ o eftado das couzas, e a neceffidade de Malaca; que fariaõ chamamento do povo, e o perfuadiriaõ tudo o que pudéffem, que ElRey foffe fervido naquelle particular, e em todos os mais, e que ao outro dia lhe levariaõ a refpofta.

CAPITULO XVII.

Do que mais paffou nefta eleiçaõ.

PAffado aquillo, foraõ os Vereadores á Camera, e fizeraõ logo chamamento das peffoas principaes, e lhe reprefentaraõ o que o Vifo-Rey lhes diffe, e lhes lembraraõ a obrigaçaõ, que todos tinhaõ de foccorrer a Fortaleza de Malaca, que era a chave de todas aquel-

aquellas partes; porque o Estado se via impossibilitado, pelas muitas despezas, que eraõ feitas na guerra: que agora haviaõ todos de mostrar os quilates da lealdade Portugueza, emprestando vinte mil pardáos, que o Viso-Rey pedia, pois eraõ para remediar couza taõ necessaria, significando-lhes as seguranças, que o Viso-Rey lhes dava, para logo delles serem pagos; e depois de muitas alteraçóes, e debates, vieraõ todos a conceder no emprestimo. Logo alli se fez rol de todos os moradores, que podiaõ acodir com alguma couza, e se lhes lançou a quantia, que se lhe alvidrou confórme a sua sustancia; e com isto se foraõ ao Viso-Rey, e lhe disseraõ que elles tinhaõ servido a ElRey naquelle negocio, como sempre o fizeraõ, e fariaõ em as couzas daquella Cidade:

de: que o empreſtimo, que lhe pedira, o povo todo o fazia com muito goſto; que lhes pezava a todos de ſe naõ acharem em eſtado para o ſervirem com mais; e que a troco deſte ſerviço lhe pediaõ todos huma mercê, a qual era, que para aquella jornada elegeſſe D. Paulo de Lima, porque tinhaõ todos confiança em ſeu esforço, e boa ventura, que daria muito bom fim áquella empreza, e a tantos trabalhos, como Malaca cada dia paſſava com taõ ruins viſinhos.

O Viſo-Rey ficou ſobreſaltado com aquelle requerimento, porque ſegundo ſe preſumia tinha feito em ſeu peito a eleiçaõ em ſeu tio Ruy Gonçalves da Camera, aſſim por ſer Fidalgo velho, como por lhe pertencer aquella jornada mais, que a outrem, por Capitaõ mór, e Conquiſtador do Achem,

chem, cujos ordenados comia: mas vendo o que aquella Cidade lhe pedia, e o faziaõ tambem por ſuas cartas o Capitaõ, o Biſpo, e a Cidade de Malaca, que ou Mathias de Albuquerque, ou D. Paulo de Lima foſſe áquella empreza, houve que viria aquillo por Deos; e reſpondeo aos Vereadores, que pois a elles lhes parecia bem aquella eleiçaõ, que era muito contente de lhes fazer a vontade; porque D. Paulo de Lima era Fidalgo, em que concorriaõ as partes, e calidades, que ſe requeriaõ para couza taõ importante.

Os Vereadores eſtimaraõ muito aquillo, e lhe entregaraõ o rol do empreſtimo, e elle lhe mandou paſſar todas as Proviſoēs, que lhe pareceraõ neceſſarias, pelas quaes mandava aos recebedores de Salſete, que no quartel ſeguinte acodiſſem

diſſem á Cidade para pagamento daquelle empreſtimo. Logo mandou arrecadar pela Cidade o dinheiro pelo rol, que os Vereadores lhe deraõ, no que ſe excedeo o modo pelos officiaes; porque alguns, que logo naõ contribuíraõ com o que lhes coube, e pela ventura que o naõ teriaõ á maõ, foraõ prezos, avexados, e executados; e inda iſto ſe ſoffrera bem, ſe ſe pagara aos homens o empreſtado aſſim o deſta jornada, como o de outras muitas, em que ficaraõ por pagar, com lhe empenharem, como agora fizeraõ, os rendimentos de Salſete, os quaes ſe tornou a lançar maõ delles, de que inda hoje ha muito dinheiro por pagar, como inda ha deſte; porque morreo eſte Viſo-Rey, primeiro que pudéſſe fazer o tal pagamento, e muito ordinario he os que ſuccedem

dem naõ pagarem eſtas dividas, poſto que as fizeſſem para couzas taõ neceſſarias, como ſe ſe naõ fizeraõ para o ſerviço d'ElRey; e daõ por rezaõ, porque as naõ pagou o Viſo-Rey, ou Governador, que as fez: e ficaõ aſſim em dividas velhas, que nunca ſe pagaõ: por onde, ſe ſe os homens fecharem, naõ devem de lhe pôr culpas, ſenaõ aos Viſo-Reys, que para pagarem eſtas dividas lhes falta dinheiro, e para mercês, e alvitres, a quem querem, lhes ſobeja. Em fim com eſte empreſtimo, e com dez, ou doze mil pardáos, que as Cidades de Baçaim, e Chaul mandaraõ, e com os provimentos, que Balthaſar de Siqueira ajuntou pelo Norte, ficou o Viſo-Rey pondo as mãos na Armada, e mandou chamar D. Paulo de Lima, a quem com palavras muito

muito honradas cometeo aquella jornada, dizendo-lhe fizesse apontamentos da Armada, gente, e Capitáes, e de tudo o que mais lhe parecesse necessario; porque esperava em Deos, e em seu esforço; e boa fortuna, que aquella empreza havia de ter o fim, que se desejava.

D. Paulo de Lima aceitou a jornada, estimando muito a confiança, que o Viso-Rey mostrou ter delle; e fazendo seus apontamentos, pedia tres galeotas, duas galés, e doze fustas, e galeotas, e setecentos soldados de paga, o que o Viso-Rey lhe concedeo. Declarada esta eleiçaõ, acodiraõ muitos Fidalgos a se offerecerem ao Viso-Rey; e o primeiro foy Manoel de Souza Coutinho, D. Joaõ Pereira herdeiro da Casa da Feira, Francisco da Sylva de Menezes, e ou-

tros,

tros, que logo nomearemos, o que o Viso-Rey eſtimou muito, e aceitou o offerecimento a todos; só a Manoel de Souza Coutinho eſcuſou, dizendo-lhe que o tinha guardado para maiores couzas; como ſe o coraçaõ lhe advinhára, que muito cedo lhe havia de ſucceder naquelle lugar. D. Paulo de Lima foy dando preſſa á Armada, e com o Viſo-Rey fez a eleiçaõ dos Capitáes, que o haviaõ de acompanhar; e porq̃ faltava gente, e navios pequenos, eſcreveo o Viſo-Rey com muita preſſa a Ruy Gomes da Grãa, que eſtava em Panane, e lhe pedio lhe valeſſe naquella neceſſidade, e lhe mandaſſe quatrocentos homens dos que tinha, porque ſegundo as couzas eſtavaõ quietas da parte do C,amorî, lhe baſtavaõ outros tantos, que lhe podiaõ ficar, e mais ſendo

elle Capitaõ; porque por Malaca, que era a chave da India, se havia de deixar tudo, e que com isso lhe mandasse alguns navios com suas chusmas, porque pela pressa naõ havia por entaõ donde se melhor pudésse valer.

Ruy Gomes com estas cartas despedio logo tudo o que se lhe pedia, que chegou a muito bom tempo, e todo aquelle Veraõ faltou; porque té de lanças, que naõ havia nos almazens, se valeo dos Cidadãos de Goa, e andávaõ os Vereadores por suas casas tomando-lhas dos seus cabides, a quem duas, a quem tres; com o que se ajuntou huma copia arrezoada, que naõ podia ser mais miseravel estado, que este, estando com tamanhas duas obrigações, como de Malaca, e Ceilaõ, que nestes mesmos dias tinhaõ chegado as cartas

de

de Joaõ Correa de Brito, em que pedia ſoccorro de gente, e mantimentos, porque ſem duvida ſeria cercado no Inverno; o que deo bem que entender ao Viſo-Rey. E a falta deſtas couzas procedem do deſcuido dos officiaes do Reyno; donde antiguamente vinhaõ todos os annos grande ſoma de lanças, peitos, momorîs, eſpingardas, repartidas pelas náos, com que os almazens de Goa eſtavaõ continuamente muy bem providos. Em fim deixando eſtas couzas, que naõ tem emenda: o Viſo-Rey D. Duarte, como era de grande animo, naõ ſe acanhou com as novas de Ceilaõ; antes com muita brevidade, a voltas da preſſa, com que eſtava das couzas de Malaca, negociou logo huma náo, que lhe mandou carregada de mantimentos, munições, e o dinheiro, que

 pode;

pode; e escreveo a Joaõ Correa que se remediasse por entretanto com aquillo, porque como acabasse com as couzas de Malaca, o proveria muito melhor. E assim deo tanta pressa á Armada, que a dous dias por andar de Abril se fez á véla, achando-se elle com os Vereadores presentes, a despediraõ com grandes bençóes de todo o povo, por ir naquella Armada todo o remedio da India.

Levava D. Paulo todos os poderes do Viso-Rey assim na justiça, como na fazenda, e muitos largos Regimentos do que havia de fazer. Os Capitães, que nesta jornada o acompanharaõ, saõ os seguintes. D. Joaõ Pereira, e Francisco da Sylva em galeões; D. Bernardo de Menezes filho de D. Pedro de Menezes o Ruivo, e Matheus Pereira Sampayo em galés;

nos

nos navios de remo Francifco de Souza Pereira, Diogo Soares de Mello, Antonio Coelho, Balthafar Froes, D. Pedro de Lima irmaõ de D. Paulo de Lima, D. Núno Alvares Pereira irmaõ de D. Joaõ Pereira, Simaõ Dabreu de Mello, Fernaõ Pegado, Gafpar de Valladares, Gafpar Dias, e outro Foaõ Cafado de Chaul, a que naõ foubemos o nome, o qual foy armado á fua cufta. Na Barra fez D. Paulo alarde da gente, que levava, cuidando ferem fetecentos foldados, naõ achou mais de quinhentos; do que naõ ficou fatisfeito, por fe ter penhorado com o Vifo-Rey, e Vereadores na deftruiçaõ de Jor; e do mar lhe efcreveo fobre iffo cartas, em que moftrava alguma defconfiança da jornada, a qual foy feguindo com bom tempo.

CAPI-

CAPITULO XVIII.

Dos successos, que teve esta Armada de D. Paulo de Lima até a costa do Achem, onde tomaraõ hum Embaxador, que mandaraõ ao Rey de Ujantana.

PArtido D. Paulo de Lima de Goa, como dissemos, foy seguindo sua derrota, e a 27. de Mayo chegou háver vista da terra do Achem, a qual foraõ costeando aquella noite, na qual se apartaraõ os navios de Pedralves Dabreu, e os do Froes, e Coelho, que perderaõ o farol. D.Paulo foy com a mais Armada sempre de longo da costa, com tanta falta de agoa, principalmente na galé de D. Bernardo de Menezes, que havia dous dias que á mingoa della

naõ

naõ faziaõ de comer, e para a beber lhe tinha ſoccorrido Diogo Soares de Mello com a que pode; e foy a neceſſidade tamanha, que ordenou D. Paulo fazer agoada na meſma coſta, onde melhor pudéſſe, poſto que ſe entendeo que havia de cuſtar ſangue: mas naõ havia outro remedio, e aſſim deſpedio os navios de remo, nomeando por huma carta, que em ſegredo deo a Simaõ de Abreu, que elle foſſe Capitaõ mór de todos, por ſer hum Soldado velho, muito bom Cavalleiro, e por eſcuſar entre os mais Fidalgos pontos de opiniaõ, arrufos, e deſmanchos, que a enveja ſóe a cauſar. E indo buſcar eſtes a terra, houveraõ viſta de huma embarcaçaõ pequena, a qual ſeguio D. Nuno Alvares, e ja perto da terra a tomou ſem gente, porque toda ſe lançou á praya.

Ao

Ao outro dia, que foraõ 8. de Junho, indo correndo a ribeira, deraõ com hum riacho pequeno, que vinha por huma praya chãa ſahir ao mar por entre duas pontas baixas, mas com muito arvoredo; e por lhes parecer que ſeria doce, ordenaraõ marinheiros com vazilhas para irem enchellas, e foraõ dar-lhe guarda Matheus Pereira, e Diogo Soares, com vinte homens cada hum nas bateiras das galés, chegando-ſe os navios da Armada a ella tudo o que puderaõ para os favorecer; e indo buſcar em terra, foy Diogo Soares para tomar a ponta de diante, onde já appareciaõ alguns elefantes; mas por encher a maré, foy eſpalmando a bateira, pelo que naõ pode vingar mais, que a primeira ponta, onde ja deſembarcava Matheus Pereira, e ſaltaraõ

raõ todos em terra com a agoa pela cinta, deixando cada hũ em sua bateira hum de seus soldados de maior confiança, para as terem no rolo do mar para huma necessidade, se se offerecesse. Matheus Pereira passou hum pouco adiante, e Diogo Soares ficou na ponta com as costas huns nos outros, para se defenderem de muitas, e muy apressadas arcabuzadas, de que eraõ servidos da outra banda do rio de huma copia de gente que acodio, que debaixo do arvoredo se recolheo; e de taõ perto quanto era a largura do rio, que seria menos de tiro de pedra, os marinheiros hiaõ ja por elle acima a buscar agoa bem dentro, porque enchia a maré, e os nossos com a arcabuzaria favorecendo-os, e esforçando-os com tamanho animo, que lhes naõ lembrava estarem na terra do Achem
com

com armas na maõ taõ poucos; onde ſe naõ podia deſembarcar ſenaõ com grande poder, e mais vendo vir engroſſando cada vez mais o corpo da gente, que acodia, e recrecerem mais elefantes.

Os marinheiros, por muito que entraraõ pelo rio, naõ puderaõ chegar a agoa doce; porque a maré tinha entrado muito por elle; e achando-a ja ſalobra, e de feiçaõ, que tornaria para huma grande neceſſidade, encheraõ as vazilhas, e vieraõ-ſe recolhendo, favorecidos ſempre da noſſa arcabuzaria, que naõ ceſſou, porque da outra banda chovia ja muita ſobre elles; e chegados á boca do rio, foraõ-ſe com ſeus barris a nado ás fuſtas, que eſtavaõ perto, e os Capitáes ſe recolheraõ nas bateiras ſeis, e ſeis, ſendo elles os derradeiros. Neſta meſma ribeira

mandou

mandou Affonſo de Albuquerque, indo para Malaca, fazer agoa por D.Joaõ de Lima, Antonio Dabreu, e Nuno Vaz de Caſtelbranco em ſeus bateis; e indo com o primeiro caminho da agoa os dous, ficou ſó Nuno Vaz com a ſua gente, e lhe ſahiraõ muitos negros para o acometerem, e ficando-lhe algumas pipas vazias, fez naquella ponta huma tranqueira dellas, detrás das quaes com ſós oito companheiros ſe defendeo com muito esforço, fazendo ſinal á Armada com huma bandeira, para que lhe ſocorreſſem; o que viſto por D. Joaõ de Lima, e Antonio Dabreu, que hiaõ com a agoa, antes de chegarem á Armada voltaraõ, e os ſoccorreraõ, eſtando já tres feridos, e com ſua chegada ſe foraõ os inimigos.

E tornando a noſſo fio, com eſta

eſta pouca, e ruim agoa ſe remediaraõ os noſſos, e foraõ-ſe ſeu caminho; porque os galeões logo ſe fizeraõ na volta da outra coſta; e indo eſtes navios ja afaſtados da coſta, houveraõ viſta de duas embarcações, huma pequena, e outra de dous maſtros, as quaes Diogo Soares foy ſeguindo; e a maior de apertada foy varar na terra, té donde elle a ſeguio, e logo acodio muita gente com elefantes para lhe ſoccorrerem. Diogo Soares ſe chegou perto, e deſparou nelles algumas falcoadas, com que lhe havia de fazer por força muito dano; e a voltas diſſo deitou alguns marinheiros ao mar com cabos, para os irem dar ao navio para o tirarem para fóra, e apoz elles ſe lançou hum ſoldado chamado Diogo da Sylva Francez de naçaõ, mas criado no Reyno, que

os

os foy animando, e os fez chegar, ſem lho eſtorvarem muitas eſpingardadas, que lhe atiraraõ da terra, e deitando-lhe os cabos por popa á fuſta, a força do remo a foy tirando para fóra; o que quiz fazer, poſto que era velha, e naõ tinha nada, ſó para quebrantar os inimigos, e lhes moſtrar que podiaõ os Portuguezes tirar da ſua terra os navios, e deſembarcar nella todas as vezes que quizeſſem; e para os mais magoar, lhe mandou pôr o fogo á ſua viſta, e como era noite eſcura pareceo aos da terra, q̃ ſe queimavaõ mais embarcações.

Toda aquella noite foraõ os noſſos navios navegando, e pela manhãa ſe chegaraõ bem a terra, para verem, e notarem alguma parte, em que pudéſſem fazer agoa, que naõ foſſe ſalobra; porq̃ a neceſſidade da ſede, que os apertava,

tava, era tal, e o perigo da falta della tamanho, que o haviaõ por menor, que as efpingardadas, e fréchadas, que pudéffem achar em terra. E indo muito perto della, viraõ huma ponta, que lhes pareceo Ilha; e affim era, porque hum pequeno eftreito a apartava da terra; e chegando a elle, mandaraõ ver fe tinha agoa, e achando-a deferta, a neceffidade lhes enfinou a cavar na praya aos pés de algumas arvores, e a poucos palmos acharaõ agoa excellente: e notou-fe aqui huma couza maravilhofa, que em duas póças juntas acharaõ huma doce, e outra falgada. Aqui fez toda a Armada agoada em abaftança, e todos fe lavaraõ, recrearaõ, e refrefcaraõ, e a hum junco, que acharaõ no eftreito vazio, puzeraõ o fogo, pofto que de terra acodio muita gente pelo defen-

defender. Nesta Ilha acharaõ humas arvores com huma fruta quasi como ameixeas brancas, e os pés compridos como peras; e comendo algumas pessoas dellas, logo alli de subito lhes deraõ grandes desinterias com accidentes mortaes, e nestes entrou D. Bernardo de Menezes, em que obrou mais aquella peçonha, ou porque comeria mais, ou por ter a natureza mais mimosa; mas depois tornou com muitas contra peçonhas, como os mais, sem perigo nenhum.

CAPITULO XIX.

Do que mais aconteceo á Armada de D. Paulo de Lima atè chegar a Malaca, e de algumas embarcações de Achens, que tomou no caminho.

SAhidos da Ilha fartos de agoa, e fóra dos trabalhos, que tinhaõ

nhaõ padecido, foraõ seguindo sua derrota largando logo á terra; e vendo hum navio, lhe foy D. Nuno Alvares dar caça, e por ser tarde, e se armar hũ bulcaõ grande, o marearaõ pela agulha, e sem o verem pelo rumo, foraõ dar com elle, e logo foy entrado, e axorado, matando seis pessoas, e tomando quatro, ficando dos nossos outros quatro feridos de crizadas, porque eraõ todos Jáos, gente bellicosa, e esforçada. Com estes cativos se foy D. Nuno Alvares para a Armada, e dos Jáos souberaõ que Malaca estáva quieta, e D. Antonio de Noronha com huma Armada em Jor, e que nenhuma Armada do Achem era sahida fóra; com o que todos os nossos se alegraraõ. Ao outro dia pelà manhãa houveraõ vista de tres lancharas, taõ compridas como galés, duas

ao mar, e huma a terra; e indo-as ſeguindo, foraõ ellas ſeu caminho muito ſeguras, por cuidarem que eraõ Achens; e já quando viraõ ſerem de Portuguezes foy a tempo, que Simaõ Dabreu de Mello, e D. Nuno Alvares eraõ com huma das duas, que ficou atrás, porque as outras foraõ apertando o remo.

Os noſſos em chegando a eſta, lhe deraõ com huma ſurriada de panellas de polvora; das quaes ficou abrazada; e porque os de diante ſe hiaõ eſcoando, e as mais fuſtas vinhaõ perto, deixaraõ aquella, e foraõ ſeguindo as mais. D. Paulo de Lima chegou á lanchára, que elles deixaraõ, e lhe deitou dentro tanto fogo, que abrazou a todos, e com a força delle ſe lançaraõ todos ao mar, ficando dentro ſó hum Jáo, que com hũ criz ſe defendeo de todos os ſoldados

de D.Pedro valerosamente, depois de ter dispendido o seu almazem de fréchas, de que tinha feridos quasi todos. Os que andavaõ a nado, que eraõ mais de setenta, vendo quam pouca gente havia na fusta de D. Pedro, a foraõ demandar com os crizes nas bocas, e pegaraõ della, trabalhando pela entrarem; mas foy a tempo, que a galé de Matheus Pereira, e a fusta de Diogo Soares chegaraõ, que ás espingardadas os fizeraõ outra vez lançar ao mar, andando ja pegados nos remos, e na agoa foraõ mortos muitos, e outros cativos: só Matheus Pereira tomou vinte, em que enttava o Capitaõ mór de certas vélas, que o Rajale mandava ao Achem a persuadilo ao ajudar na empreza de Malaca; o qual era hum homem de tanta autoridade entre elles, que ja havia sido

Emba-

Embaxador na Corte do Turco.
Diogo Soares tomou oito pessoas, entre as quaes foy o Embaxador, que hia ao Achem, e hum filho seu. Tomaraõ-se nesta lanchára tres moças, em que entrava huma muito nobre, que hia visitar a mulher do Achem da parte da do Rajale, com quem se elle criou. Os outros navios foraõ em seguimento das outras duas lancháras, que se foraõ dividindo, as quaes vararaõ em terra de apertadas; e porque tanto que houveraõ os nossos vista das lancháras, levava D. Nuno Alvares por popa a embarcaçaõ, que tinha tomado; por lhe naõ ser impedimento lhe meteo dentro alguns moços, e lhe largou o cabo, mandando que surgisse. E por isto ser perto da terra, e os Mouros della estarem vendo a caça, que os nossos davaõ ás lancháras, meteraõ-

ſe hum magote delles em huma embarcaçaõ, e endireitaraõ com a q̃ viraõ ſó, para a tomarem. Foy iſto a tempo, que Diogo Soares acabava a peſcaria dos Mouros; e vendo vir aquella embarcaçaõ de terra, mandou forçar o remo para valer á embarcaçaõ de D. Nuno Alvares, e foy atirando algumas falcoadas, porque a dos Mouros hia ja chegando; com o que os fez voltar para terra, e elle tomou a embarcaçaõ á tôa, a levou comſigo, e a entregou a D. Nuno Alvares.

Simaõ Dabreu quanto que vio as lancháras varadas, foy ſeu caminho, e mandou levar perante ſi o Embaxador, q̃ hia ao Achem, e delle ſoube ao que hia, e de como o Rajale ficava preſtes com grande poder para ir cercar Malaca; e achando-lhe huma carta, que levava para o Achem, a abrio, a

qual

qual era muito breve, e efcrita em Arabio, e tudo o que ella dizia era por metáforas, como todos eftes Reys do Oriente coftumaõ efcrever, e mandando-a ler, dizia affim: *Malaca he como huma fementeira, fe lhe falta a agoa, fecca-fe; por iffo faze-te preftes, e vem-te: eu com minha Armada, e gente te acompanharey para a tomarmos.* Dizer elle que Malaca era como fementeira, que fe lhe faltaffe a agoa, fecaria; entende-fe pelos foccorros da India, o qual elle havia que lhe naõ podiaõ ir aquelle anno, e faltando-lhe, naõ poderia deixar de fe perder, pela grande neceffidade em que a tinha pofta. Daqui foy a Armada caminhando de longo da cofta do Achem, pela qual foraõ vendo muita gente de pè, e de cavallo, que hia foccorrer a Fortaleza de Pacem, que tinha hum

vifi-

visinho de cerco, da qual elles tambem houverao vista: porque passando pela boca de hum rio, sobre o qual ella está fundada, a forao notando de vagar; e Francisco de Souza se chegou mais á terra, para ver se podia tomar huma lanchára, que hia perto della, a qual lhe varou na praya, e ao som de hum tambor acodio muita gente a ella em seu favor, à qual elle servio de falcoadas á sua vontade.

E indo assim sua derrota, aos quatorze dias de Junho encontrarao seis lancháras grandes a terra, e huma mais ao mar, as quaes erao da companhia da Armada, que levava o Embaxador de Jor. E posto que Simao Dabreu quizera nao se embaraçar com ellas, porque receava chegar a Malaca, foy-lhe forçado cometellas, porque lhe ficava atrás o navio de Fernao Pegado,

do, que vinha só, e receou que déssem com elle, e assim as foraõ seguindo, e ellas fugindo para a terra. Indo nesta diligencia, começou a apparecer o navio, e foy-se sua derrota, porque as lancháras estavaõ abarbadas com a terra; e passando pela Ilha Polvoreira, fizeraõ sua agoada, e daquella parte, em que houveraõ vista da primeira terra do Achem té ella, havia quarenta legoas, nas quaes sempre de longo della acharaõ fundo para navios dalto bordo poderem surgir hum tiro de bêrço da terra; e tudo muito limpo, sem baixo, nem restinga alguma. Dalli atravessaraõ a outra costa, porq̃ por aquella corriaõ muito as agoas; e ao outro dia foraõ dar em humas Ilhas pegadas á outra costa, que eraõ nove, e por entre ellas entrou toda a Armada á sua vontade, e de

longo

longo da costa foraõ té Malaca ; onde chegaraõ a sinco dias de Julho , e ja lá acharaõ os navios de Pedralves de Abreu,e os do Froes, e Coelho , que se tinhaõ apartado o primeiro dia que viraõ a costa do Achem , e naõ acharaõ novas de D. Paulo , de que logo daremos rezaõ.

CAPITULO XX.

Do que neste tempo aconteceo em Malaca , e de como Simaõ Dabreu com os navios de remo da companhia de D.Paulo de Lima se foraõ para Jor , e D. Antonio de Noronha desembarcou em terra,e ganhou o Forte da praya.

O Rajale de Jor hia fazendo suas preparaçóes , e convocando os visinhos para se acharem com elle naquella jornada ; e ainda o Achem,

o Achem, ao qual mandava aquelle Embaxador, que a nossa Armada tomou, e segundo o grande cabedal, que todos metiaõ para este negocio, e aquella Fortaleza estava necessitada de tudo, parecia que se ameaçava a sua ruina, se Deos naõ acodira com a Armada de D. Paulo; porque na presteza, com que o Viso-Rey D. Duarte a negociou, estando todo o Estado apertado por todas as partes, claramente se viò que Sua Divina Magestade tinha os olhos nella, e naõ queria que seus Sagrados Templos fossem profanados, nem tantas donzellas violadas, e tanto innocente mal tratado. E caminhando aquella Armada de D. Paulo de Lima por todo aquelle caminho sem contrastes, deparando lhe por elle tantas vitorias, como atrás contámos; porque assim troca Deos pensamentos

vãos,

vãos, que fez ſentir o Rajale ſobre ſua Cidade, o que elle cuidava que faria ſentir a Malaca; e as armas, que ajuntava para ſua ruina, lhe foſſem depois neceſſarias para ſua defenſaõ.

Preſtes os bantins, partiraõ-ſe para Jor, e por acharem o tempo contrario, tornaraõ a arribar, quando ja era chegada a Armada de Simaõ Dabreu, como atrás diſſemos. E vendo o Biſpo, e Vereadores, que tardava D. Paulo, pediraõ áquelles Capitães que ſe foſſem para D. Antonio de Noronha, para entre tanto fazerem correr alguns mantimentos: e parecendo a todos bem, aſſim na meſma ordem em que hia, ſe partiraõ a doze de Julho, tornando em ſua companhia a Armada dos bantins, que tinha arribado; e aquella noite deo hum tempo tamanho, que aparton a Ar-

a Armada, e os bantins ſe recolheraõ ao rio de Muar, e as galés, e fuſtas foraõ correndo com tranquetes em popa. E indo a fuſta de Diogo Soares ſó, ouviraõ della brádos piedoſos, e governando ao ſom delles, acharaõ huma embarcaçaõ pequena, a que chamaõ baga, quaſi alagada, e dentro nella hum homem, que foy tomado, e diſſe que era Chriſtaõ, e que havia algum tempo que eſtava cativo em Padaõ, e que vendo a Armada de dia, tivera modo para fugir, e ſe meter naquella embarcaçaõ para a ir buſcar; e aſſim eſcapou o pobre de dous perigos grandes, cativeiro, e morte, que ſe lhe naõ eſcuſava, ſe naõ fora dos noſſos ouvido. Paſſado o tempo, ajuntouſe a Armada, e foraõ entrando o eſtreito de Sincapura, e poſto que eſtava entupido com as patayas, toda-

todavia eſtavaõ de feiçaõ, que bem podiaõ por elle paſſar as náos, ſe naõ foſſem muito carregadas. Por todo eſte eſtreito acharaõ os noſſos muitas embarcaçóes de peſcadores, que chamaõ celetes, a quem compraraõ peixe.

Chegada a Armada ao rio de Jor, onde ja acharaõ D. Antonio de Noronha, foraõ-ſe todos os Capitães ao ſeu galeaõ a ſe lhe offerecer, e Simaõ Dabreu deſiſtio de Capitaõ mór daquelles navios, e deo a obediencia a D. Antonio, ſobre o que houve muitos cumprimentos de parte a parte. Ao outro dia deraõ os navios de remo tôas aos galeóes, e foraõ entrando pelo rio dentro, porque ja os noſſos naõ ſe contentaraõ de lhe ter tomado a Barra, ſenaõ de lhe ir fazer guerra á ſua Cidade. O Rajale, que teve avizo que a Armada hia

entran-

entrando, deitou a ſua fóra, que era huma galé, e vinte navios cheios de muita gente, para que foſſem cometer, e pelejar com os noſſos. Fernaõ Pegado que hia diante com a tôa do galeaõ, em os vendo, largou o cabo, e o meſmo fizeraõ os mais Capitáes., e ſe prepararaõ para pelejarem com os inimigos, e D. Antonio de Noronha ſurgio logo com os galeões. Fernaõ Pegado endireitou com a galé, que vinha diante, e ambos ſe deraõ ſua ſalva de artilharia, de que feriraõ a Fernaõ Pegado alguns marinheiros; e paſſando avante para inveſtir a galé, foy ella virando com toda a mais Armada inimiga, porque viraõ a determinaçaõ, com que todos os noſſos navios hiaõ cometellos, e com muita preſſa ſe acolheraõ para a Cidade. Mas os navios de D. Nuno Alvares Pereira,

ra, e Pedralves Dabreu, que eraõ mais ligeiros, chegaraõ aos trazeiros, e pondo as prôas em cada hum ſeu, naõ eſperando os de dentro golpe de eſpada, lançaraõ-ſe ao mar, ficando-lhe os navios, e Fernaõ Pegado foy ſeguindo a galé té ſe meter debaixo de humas grandes caſas, que elles tem armadas ſobre o mar, a que chamaõ Pangóes, e da terra lhe atiraraõ muitas bombardadas; de que quaſi o deſtroçaraõ.

D. Antonio de Noronha tanto que ſurgio, vendo ir a Armada apoz a dos inimigos, meteo-ſe em hum bantim ligeiro, e foy fazellos recolher; porque os achou ás bombardadas com os da terra, que lhe atiraraõ aſſim de cima da Cidade, como hum Forte a que chamavaõ o Coritaõ, que tinhaõ feito de madeira ſobre hum tezo,

hum

hum pouco afaſtado da praya, para defender a deſembarcaçaõ, o qual ſeria capaz de duzentos homens, que nelle eſtavaõ de guarniçaõ, e com trinta peças de artilharia, entre groſſas, e meudas. Com eſte Forte ſe puzeraõ os noſſos navios ás bombardadas, e lhe derrubaraõ alguns páos, e lhe mataraõ muita gente, e foraõ ellas de feiçaõ, que lhe fizeraõ largar o Forte, e ſe recolheraõ todos a hum palmar, que ficava perto. Antonio de Andria Capitaõ mór dos bantins de Malaca vendo aquillo, fallou com os ſeus, e todos juntos ſe baldearaõ em terra, ſem fallarem com D. Antonio, e remettendo com o Forte, o entraraõ, e mandaraõ recolher a artilharia delle pelos marinheiros, e depois deraõ fogo ao Forte, em que todo ſe conſumio.

Feito

Feito iſto, levaraõ-ſe nos bantins, e de longo da praya, quanto diz a face da Cidade encontra o arrabalde, foraõ dando fogo a muitas embarcações commuas, que eſtavaõ á borda da ribeira varadas; e chegando ás caſas, que alli havia, que eraõ de madeiras, e palha, lhe puzeraõ fogo, o qual foy lavrando de huma em outra té dar em huns almazens, outras cevas muito grandes, cheios de drogas, e fazendas, nas quaes elle tomou tanta poſſe, e fez tamanho dano, que parecia que ardia o Mundo. Fernaõ Pegado, D. Nuno Alvares, Pedralves Dabreu, Simaõ Dabreu, e outros meteraõ-ſe debaixo deſtas caſas armadas ſobre o mar, e lhe deraõ fogo por muitas partes, com o qual todo ardeo, e ſaltou no arrabalde, de que a maior parte ſe conſumio. Em todo

eſte

eſte tempo aſſim da terra, como do mar era huma confuſaõ de eſtrondo de artilharia, cuja fumaça encobria o Sol, e cujo terremoto enſurdecia a todos; com o que tiveraõ tempo alguns Portuguezes, que eſtavaõ prezos no tronco do arrabalde, de ſe ſoltarem, e fugirem para os noſſos ſem ſerem viſtos dos inimigos, que andavaõ acodindo á ſua fazenda, nos quaes a artilharia das fuſtas fez muito grande eſtrago. E recolhendo-ſe os noſſos com eſta primeira vitoria, naõ ſó deixaraõ feito muito dano nos inimigos, mas ainda os deixaraõ taõ amedrontados, que andavaõ como paſmados; porque o primeiro dia que ſentiraõ o ferro dos noſſos, aſſim lhe foy cruel, e eſpantoſo, que ſe cometeraõ entaõ a Cidade, ſem duvida a ganhariaõ.

N Aqui

Aqui aconteceo hum caſo, que ſe tève por milagroſo; e foy, que eſtando o arrabalde àrdendo na mór força do fogo, ſe armou hum choveiro, como ſóe acontecer os mais dos dias naquella terra, por eſtar chegada á Equinocial, o qual ſe desfez em hum deluvio de agôa, que parecia que os navios ſe alagavaõ, e o meſmo aconteceo na Cidade; mas no arrabalde, que ficava em meio ardendo em fogo, naõ cahio huma ſó gota de agoa: com o que queria Deos moſtrar aos inimigos quanto favoreria aos ſeus Fieis. Os que andavaõ em terra ſe recolheraõ carregados de deſpojos, e cativos; e foy o feito tal, que naõ deixou de cauſar enveja nos de fóra, porque os peitos Portuguezes o que menos ſoffrem he verem outros metidos nos perigos, em que elles naõ ſejaõ companhei-

ros,

ros, ſenaõ quanto lhe iſto mais entra nos feitos q̃ obraõ naõ ſómente ſeus naturaes, mas ainda ſeus proprios pays, e irmãos. O que naõ he tanto com os eſtranhos, e naçóes differentes; porque aſſim como Deos Noſſo Senhor lhes deo hum valor taõ conhecido no Mundo, tambem lhes deo confiança para haverem, que nenhuma outra naçaõ póde cometer feito taõ arriſcado, no qual ſe ſe elle viſſe, lhe naõ foſſe facil de cometer, e acabar. E naõ nos envergonhamos de dizer iſto dos noſſos naturaes, porque he verdade muy ſabida por todas as partes do Mundo, a qual por alguns eſtranhos lha naõ poderem negar, lha diſſimulaõ em muitas couzas, como nós vimos, e lemos em alguns; como ſe o encobrir o louvor alheio naõ foſſe furto manifeſto. Em fim recolhidos

os noſſos, ao outro dia chegou a Armada mais á Cidade, para de mais perto a baterem. Aconteceo eſte ſucceſſo a 21. de Junho hum Domingo. Eſtimou-ſe a perda das fazendas, e embarcações em mais de duzentos mil cruzados; com o que o Rajale ficou muy quebrantado, porque nunca lhe pareceo que os noſſos cometeſſem aquella deſembarcação tão apreſſada, e aſſim o caſo foy acelerado, e ſem conſelho algum.

CAPI-

CAPITULO XXI.

De como D. Antonio de Noronha tratou de cometer a Cidade, e foy contrariado dos Capitães da Armada de D. Paulo, e de como contra parecer de todos desembarcou, e das couzas que lhe acontecerão.

TOda aquella noite passarão os da Armada com grande regozigo, e porque o feito todo foy dos homens de Malaca, ficarão elles tão golosos delle, que aconselharão a D. Antonio, que pois lhe Deos dera hum tão grande principio de vitoria, seguisse sua fortuna, e cometesse a Cidade, porque segundo os inimigos ficarão atemorizados, serlhe-hia muito facil de entrar; e que pois a occasiaó, e a ventu-

ventura lhes offerecia huma grande vitoria, naõ a quizesse guardar para D. Paulo. D. Antonio como era ambicioso de honra, e bom Cavalleiro, foy-lhe facil de persuadir aquella empreza, e determinou de a tentar, posto que o feito èra muito arriscado; mas como os fins de tamanha gloria naõ se podem pertender sem risco de grande ventura, quiz ver onde a sua chegava; porque se para elle estava guardado negocio taõ importante, vindo à ter fim por suas mãos, naõ tinha mais que desejar.

Com esta resolução mandou chamar os Capitães todos ao seu galeaõ, e lhes propoz aquelle negocio, persuadindo-os a que seguissem a sua fortuna, pois lhe começava ja a dar sinaes muito certos dà vitoria; porque os inimigos estavaõ todos medrosos, e

que-

quebrantados da perda paſſada, e elles com as armas ainda tintas no freſco ſangue, e com o furor, e animo alvoroçado, e quente: que lhe parecia bem naõ o deixar arrefecer, e cometerem a Cidade, a qual eſperava em Deos que faciliſſimamente ſeria entrada; porque ſe tamanho dano, como elles receberaõ o dia dantes, foy ſó pelas mãos de quatro batineiros de Malaca, que ſe eſperaria quando tantos, e taõ esforçados Capitães, e valeroſos ſoldados como alli eſtavaõ, puzeſſem os pés naquella terra? que por ſem duvida tinha que tudo ſe lhe renderia.

Os Capitães da Armada de D. Paulo de Lima, que ja eſtavaõ advertidos do para que os chamaraõ, e hiaõ reſolutos no que haviaõ de reſponder, votando hum, e hum, vieraõ a concluir todos confór-

confórmes, que naõ era bem que ſe arriſcaſſe toda aquella gente, e aquella Armada em couza taõ deſigual, como era com menos de trezentos homens, que alli podia haver, cometerem huma Cidade cheia de muitos, e fortes baluartes, e provìdos de muita, e muito baſta artilharia, e com dez, ou doze mil homens de armas muito determinados a defenderem a ſua Cidade, ſuas caſas, ſuas fazendas, e ſobre tudo ſuas mulheres, e filhos; porque ſe aconteceſſe algum deſaſtre, ficava D. Paulo ſem Armada, ſem Capitães, e ſem ſoldados para o effeito, para que o Viſó-Rey o mandava. E o peior ſeria que tendo o inimigo (o que Deos naõ quizeſſe) vitoria delles, eſtava muito certo morrerem no feito todos os Portuguezes de honra, e que ficava o inimigo taõ ſoberbo,

que

que tomando toda aquella Armada, iria com ella pôr cerco a Malaca, que segundo eſtava piedoſa, ſó Deos lhe poderia valer. E que dado que Deos lhe déſſe a elles vitoria, teriaõ que dar conta a Deos, a ElRey, e a D. Paulo, de quem todos eraõ ſoldados, da honra que lhe furtavaõ: que o negocio eſtava em termos, que naõ perdiaõ occaſiaõ, nem havia nenhum perigo na tardança, porque o inimigo ja naõ podia ſer ſoccorrido de fóra; e que ſe eſperaſſe por D. Paulo, e entretanto ſe bateſſe a Cidade, e que ſe quebrantaſſem os inimigos com aſſaltos; e que depois vindo D. Paulo, fazendo-lhe Deos mercê de lhe dar aquella Cidade, a honra era de todos, e a elle D. Antonio lhe naõ podiaõ negar a mór parte della.

Só D. Bernardo de Menezes, que

que era parente de D. Antonio; foy de parecer que se cometesse a Cidade logo, porque segundo a fraqueza, que os inimigos mostraraõ na defensaõ do seu arrabalde; e no Forte do Coritaõ, e elles estavaõ medrosos, que sem duvida a tomariaõ; e que quando a vitoria estava hoje certa, que esperar para a manhãa naõ era bom conselho. D. Antonio lhe disse que aquella era a verdade, e que aquelle seu voto era de Scipiaõ. Disto ficaraõ todos tomados, e Diogo Soares disse que os Scipiões com a espada na maõ se veriaõ, quando se a Cidade cometesse. Os Capitães das fustas, e bantins, que estavaõ affeiçoados a D. Antonio, votaraõ que se cometesse a Cidade, dando as rezões de D. Bernardo; mas como os Capitães da Armada de D. Paulo eraõ mais, e de mór authoridade,

ridade , ficaraõ os outros votos vencidos , e aſſentou-ſe que ſe bateſſe a Cidade , e que ſe quebrantaſſem os inimigos com aſſaltos té vir D. Paulo. E com iſto ſe recolheraõ.

Ao outro dia, que foraõ 23. de Julho , meteo-ſe D. Antonio no ſeu bantim , e paſſou pelas fuſtas , e deo recado a todos os Capitáes que ſe chegaſſem a terra, e que começaſſem a bataria , o que elles fizeraõ. Os galeões deſpararaõ logo aquella tempeſtade de eſperas , camellos , e outras peças groſſas , e juntamente com elles as galés , e fuſtas; e foy a couza de feiçaõ , que parecia fundir-ſe o Mundo. A Cidade tambem fez terremoto grãde , moſtrando que por toda ella á roda naõ havia covado de muro ; que naõ tiveſſe a ſua peça de artilharia , com que ſe defendeſſe ; e aſſim

aſſim com o eſtrondo de huma, e outra parte ficou o dia parecendo huma carranca infernal, por ſe naõ ver em todo elle outra couza, que fumo, e fogo, e naõ ſe ouvir mais, que trovões, e terremotos.

CAPITULO XXII.

D. Antonio de Noronha deſembarca em Jor, acompanhaõ-no os Capitães da Armada de D. Paulo de Lima, e das couzas que ſuccederaõ na deſembarcaçaõ.

DOm Antonio de Noronha andava no bantim acompanhado de todos os de Malaca, e das ſuas duas fuſtas, muito perto de terra; ou foſſe que o furor o levaſſe, ou foſſe ſobre determinaçaõ, que depois do conſelho geral tomaria com os ſeus, pondo os eſporões

porões em terra, saltou nella com huma bandeira, em que trazia pintada Nossa Senhora do Rosario, e D. Manoel de Almada com elle, e toda a gente dos galeões, fustas, e bantins de Malaca, e começou a marchar a diante, endireitando para hum caminho, que hia da praya subindo muito ingreme, té ir dar em huma porta, que a Cidade tinha para aquella face: e hia taõ avaro, e cioso daquella honra de cometer a Cidade, que não fez caso dos Capitães da companhia de D.Paulo. Elles vendo-o em terra, posto que fora contra o que ficou assentado, tocados de desconfiança endireitarão com a terra, e saltaraõ nella, sendo os primeiros D. Nuno Alvares Pereira, Simão Dabreu de Mello, e Pedralves Dabreu, porq̃ estes tinhão navios mais pequenos, e puderão logo chegar.

Póstos

Póstos em terra, foraõ seguindo D. Antonio, e chegaraõ a elle ja no caminho ingreme, e lhe perguntaraõ que lhes mandava que fizessem? D. Antonio lhes perguntou se viraõ Pedro Velho, que era hum homem da terra bantineiro de Malaca, havido por Cavalleiro, o qual parece tinha com elle praticado aquella desembarcaçaõ, e o levava para guia do caminho, por saber muito bem as entradas daquella Cidade; o qual parece que o zonido dos pilouros, que assoviavaõ pelas orelhas a todos, o tinhaõ ausentado dalli. Os tres Capitães lhe tornaraõ a perguntar o que fariaõ; e elle sem lhes responder a proposito, lhes tornou a perguntar pelo Pedro Velho; do que elles desconfiados, foraõ-se adiantando, e tomando o caminho da Cidade com sessenta, ou oitenta solda-

ſoldados, que neſta occaſiaõ os ſeguiaõ.

Ja neſte tempo eraõ ſahidos da Cidade muitos Mouros, que apertavaõ rijamente com D. Antonio, com os quaes elle andava ás eſpingardadas: os mais Capitães da companhia de D. Paulo foraõ deſembarcando em terra, como melhor puderaõ, e foraõ-ſe encaminhando para onde D. Antonio hia, o qual ja naõ apparecia; e o Froes, e o Coelho Capitães daquelles dous navios da companhia de D. Paulo, pondo os pés em terra, não vendo D. Antonio, e vendo que os inimigos hiaõ recrecendo, meterão-ſe no Forte do Coritão, que o dia dantes tomarão, e inda eſtava em pé, e o fogo não tinha queimado mais, que alguns páos; para dalli defenderem que não acodiſſem os inimigos

gos á praya. Matheus Pereira, e Franciſco de Souza Pereira forão tomando o caminho do palmar, a tempo que da banda do baluarte ſe alevantou huma voz de Mouros na praya; com o que tornarão a voltar para ella, porque ſe não foſſem apoderar das embarcações, que ficavão ſós.

Os tres Capitães D. Nuno Alvares, Simão Dabreu, e Pedralves Dabreu, e hum Foão de Figueiredo Capitão de huma das fuſtas de D. Antonio de Noronha, forão encaminhando para a Cidade pelo tezo acima, té deſcobrirem a porta a tiro de eſpingarda della, a qual logo virão abrir para recolherem hum magote de Mouros, que hiaõ fugindo, e parece vinhão daquella parte por onde D. Antonio hia; e em ſe a porta abrindo, gritou hum Frade de S. Fran-
ciſco

ciſco Leigo, homem virtuoſo, e de animo, que levava hum Crucifixo arvorado diante, que déſſem Santiago, e que cometeſſem aquella porta para entrarem de envolta com os inimigos; mas os Capitães pararaõ, por lhes parecer temeridade cometerem-na elles ſós. O Figueiredo da companhia de D. Antonio, em o Frade brádando, appellidou elle Santiago, e foy arremetendo adiante; do que os tres Capitães deſconfiados, foraõ por diante para a porta: mas aſſim foraõ ſervidos de eſpingardadas, de que feriraõ alguns, que os fizeraõ deter, e alguns de ſeus ſoldados ſe começaraõ a deſmandar.

Os tres Capitães de D. Paulo havendo por opiniaõ perderem o que tinhaõ ganhado, ajuntando-ſe todos fizeraõ roſto aos inimigos, com os quaes travaraõ hũ

bem arriſcado jogo de arcabuzaria, de que hum pilouro atraveſſou hum braço a Pedralves Dabreu, do qual ficou aleijado; com o que lhes foy forçado recolheremſe todos, e ja o fizeraõ com muito trabalho, pelejando ſempre com os Mouros, que apertaraõ muy bem com elles. D. Antonio de Noronha foy pelo caminho, onde eſtes Capitães o deixaraõ, com tençaõ de cometer a Cidade por aquella porta; mas tanto que os inimigos viraõ para alli as bandeiras, acodiraõ muitos, e cometeraõ com grande determinaçaõ, e elle os recebeo com muito valor, e travou com todos huma áſpera batalha, em q̃ houve dano de ambas as partes. Mas como os Mouros eraõ muitos, apertaraõ tanto com os noſſos, que ſe começaraõ os ſoldados a recolher poucos, e pou-

poucos. Vendo-ſe D.Antonio com D. Manoel Dalmada (que eſte dia deo grandes provas do ſeu esforço) ſó, e com poucos, que nunca o deixaraõ, foy-ſe recolhendo para a banda da praya, té chegar a huma tranqueira de páos, que eſtava ſó da banda do arrabalde; e por ir muito apertado dos inimigos, poz nella as coſtas, e alli ſe defendeo com muito valor, porque ja hiaõ recrecendo os Mouros cada vez mais. Diogo Soares de Mello com outros Capitães foraõ ſeguindo outro caminho, e metendo-ſe por hum palmar, por naõ ſaberem por onde D. Antonio hia, ou que era feito delle; e por aquelle caminho foraõ encontrando alguns ſoldados da companhia de D. Antonio, que ſe hiaõ recolhendo para os navios, e deſtes vinhaõ alguns feridos, e outros taõ medro-

fos, que perguntando-lhes Diogo Soares, logo entendeo ſer aquillo medo, e pelejando com elles, lhes diſſe que era mentira, e que naõ diſſeſſem tal; que voltaſſem com elles, e lhe foſſem moſtrar, onde elle ficava; o que alguns fizeraõ, inda que contra ſua vontade. E indo aſſim eſtes Capitães recolhendo alguns deſmandados, acharaõ hũ que lhes diſſe a parte, onde D. Antonio ficava apertado dos inimigos, e tomando eſte comſigo, encaminharaõ para lá, e chegando a D. Antonio, o acharaõ ja metido na tranqueira, e pelejando por entre os páos, que eraõ largos, com hum grande corpo de Mouros, que o tinhaõ cercado: e ja a eſte tempo naõ era mais que elle, e D. Manoel Dalmada, e dez, ou doze ſoldados, que eſte dia fizeraõ muitas façanhas, e muy grandes

des cavallarias, e pelo chaõ eſtavaõ ja mortos quatro, ou ſinco dos noſſos de eſpingardadas, e alguns feridos.

Diogo Soares com os companheiros chegou com grandes brádos dando Santiago, e da primeira ſurriada derrubou alguns dos Mouros, e todos os mais ſe recolheraõ, vendo ſoccorro de freſco; e ficando ja D. Antonio hum pouco deſapreſſado, lhe diſſe ſe foſſe recolhendo, que eſtava cançado, e com os companheiros feridos; e que elle iria tendo o pezo aos inimigos; o que elle fez: e Diogo Soares ficou atrás ás eſpingardadas com os Mouros, com o que os foy entretendo té chegarem todos á praya, onde os noſſos navios eſtavaõ, e os inimigos naõ quizeraõ paſſar avante com medo da artilharia. D. Antonio vindo-ſe reco-

recolhendo, mandou de paſſagem pôr o fogo a quatro galés novas, que eſtavaõ no eſtaleiro, as quaes arderaõ todas. Póſtos na praya, onde Matheus Pereira, e Franciſco de Souza eſtavaõ em guarda, e ás eſpingardadas com os Mouros, embarcaraõ-ſe todos, e o meſmo fizeraõ os que eſtavaõ no Forte do Coritaõ, indo D. Antonio bem deſconfiado do ſucceſſo, e ſegundo a couſa foy arriſcada, pudéra ſucceder huma deſaventura: perderaõ-ſe dos noſſos ſeis, a fóra muitos feridos, que naõ perigaraõ. Aſſim ficaraõ continuando na bataria, e dando alguns aſſaltos nas povoações dos Mouros pelo rio acima, em que lhes fizeraõ muito dano.

CAPITULO XXIII.

De como chegou a Jor D. Paulo de Lima, e do conselho que tomou sobre a desembarcaçaõ, e do sitio, e fortificaçaõ da Cidade de Jor.

DOm Paulo de Lima, depois que se apartou na terra do Achem da Armada de remo, foy com os galeões seguindo sua derrota; e achando tempos contrarios, quando chegou a Malaca, era ja em Julho, e surgindo na Ilha das Náos, foy logo visitado do Bispo, e Cidade, e alli lhe deraõ informaçaõ do estado, em que as couzas estavaõ, e do successo da sua Armada em Jor em companhia de D. Antonio; com o que logo determinou de se partir, e mandou

mandou dar preſſa á agoada, e nas couzas que mais eraõ neceſſarias para a Armada, as quaes o Biſpo negociou com dinheiro ſeu, e de partes, que para iſſo tomou empreſtado, no que gaſtou D. Paulo todo aquelle mez; e na entrada de Agoſto ſe fez á véla para Jor, onde chegou a ſeis do meſmo mez. Tanto que na Armada ſe ſoube da ſua chegada, largaraõ os ſeus navios todos, e foraõ buſcallo, ſendo levado o ſeu galeaõ ás tôas té ſurgir defronte da Cidade no pouzo, em que eſtavaõ os outros galeões. Dalli ſe poz a notar o ſitio da Cidade, que ſe deſcobria aquella face toda, por eſtar no alto; e poſto que naõ vio grande mageſtade de edificios de pedraria, muros, torres, curuchéos, nem outra alguma fermoſura das Cidades da Europa, vio todavia huma

muito

muito fermoſa Cidade eſtendida de longo daquella ribeira, e inda que os muros eraõ de madeira, e as caſas cubertas de folha de palma, tambem vio outras torres, outros muros, e outras architeƈturas de mais fermoſura, e fórtaleza; que era groſſo povo, e gente muito luſtroſa, que enchia os lugares altos, e baixos, que eſtavaõ á viſta da ribeira, e tanta, e taõ baſta artilharia, que té por cima das arvores ſe moſtrava, e por todos os baluartes, guaritas, e eſtancias muitas, e differentes bandeiras de cores de ſedas desfraldadas, e com diverſas tençóes confórme aos dos ſeus Capitáes.

Tudo iſto notou de vagar, ſem nenhuma couza das que vio, nem ouvira fazerem algum abalo em ſéu animo; antes mandou logo a toda a Armada que ſalvaſſem a Cida-

a Cidade ſem pilouros, aſſim por bizarria, como para moſtrar aos inimigos o alvoroço com que os hia buſcar; o que ſe fez com tanto terror, e eſpanto, que parecia repreſentar o final Juizo, afuzilando fogo, vaporando fumo, atroando os ares, eſcurecendo o dia; de ſorte que tudo eraõ carrancas medonhas á viſta dos da Cidade, que bem ſabiaõ que a furia de toda aquella Armada havia de ir a quebar em ſuas tranqueiras. O Rajale poſto que em ſeu peito fez aquillo grande abalo, todavia naõ ſe lhe entendeo; mas antes muito inteiro, e ſeguro mandou tambem ſalvar a Armada ſem pilouros, e andou correndo as eſtancias, e provendo nas couzas, que lhe pareceraõ neceſſarias. E porque naõ temos dado relaçaõ do ſitio deſta Cidade de Jor, ſerá rezaõ fazermolo

molo aqui, para moſtrarmos ſua fortificaçaõ, e ſe eſtimar em mais a vitoria, que os noſſos alcançaraõ.

CAPITULO XXIV.

Quem era eſte Rajale Rey de Jor, e do ſitio em que eſta Cidade eſtá.

O Rey de Malaca, a quem Affonſo de Albuquerque tomou aquella Cidade, chamava-ſe Mamed Xá, o qual depois que a perdeo, ſe paſſou para Ujantana, e fundou a Cidade de Jor, onde fez ſeu aſſento; e alli ſendo muito velho o cativou ElRey do Achem, e o levou para a ſua terra, onde morreo. Succedeo lhe no Reyno Soltan Alaudin, que fez ſempre muitas guerras a Malaca. Por morte deſte lhe ſuccedeo ſeu filho

Mala

Mala Faxá, que ficou menino em poder de ſeu tio, que he eſte Rajale Rey de Jor, contra quem D. Paulo de Lima foy; o qual depois por tempos matou o ſobrinho, ſendo ja caſado com huma filha do Rey do Achem, com a qual elle logo ſe caſou, e lhe tomou o Reyno, e ſeu proprio nome he Soltan Abdal Jalel; e aſſim fica conhecido. Agora faremos hũa deſcripçaõ deſta Cidade de Jor, para tambem ſe ſaber ſeu ſitio, e fortificaçaõ.

Eſtá ſituada na ponta daquella lingua da terra de Malaca; fóra de todos os baixos, em altura de gráo e meio do Norte, duas legoas por hum rio dentro; muito largo na boca, e dentro no mais eſtreito de hum tiro de berço, todo taõ limpo, e de taõ bom fundo, que hum pouco afaſtado da

praya

praya podem ſurgir grandes náos, e por toda ella pôrem os navios de remo as prôas em terra. Eſtende-ſe a Cidade ſobre hum alto de longo a longo da praya diſtancia de hum tiro de falcaõ, cercada de muros de madeiros muy groſſos de duas faces com outros atraveſſados, e rodeados de andaimos para a gente de peleja. No meio deſta face da Cidade, que fica fronteira ao ſurgidouro, ſe fazia hum baluarte como cavalleiro muito alto, o qual jogava huma ſerpe, e hum camello de bronze; e logo abaixo delle, onde eſtava huma arvore, jogava hum leaõ mouriſco, e por cima da arvore, que era grande, e frondoſa, havia muitos chichorros, peças que ſaõ abaixo de meios berços. Deſte forte acima para a banda do mar eſtava outro, a que chamavaõ Cotabato, que he o meſ-

o meſmo que Fortaleza da terra, por ſer de taipas muy groſſas, ſolhado de vigas muy grandes, por lhe ficar debaixo hum almazem: tinha quatro bombardeiras, que jogavaõ hum camello, dous camelletes, e hum falcaõ. E porque neſte Forte eſtava a força da Cidade, o tinhaõ muy repairado, e fortificado; e para mais fortaleza fazia para a banda de fóra huma maneira de couraça, que o cingia todo, das meſmas taipas, e dentro ficava huma praça, e terecena á roda, para gazalhado dos ſoldados da ſua guarda: e da parte de dentro cercava o Cotabato outra tranqueira de páos muy groſſos com huma eſcada, e huma porta para ſua ſerventia, a qual hia ſahir á rua, que vay dar nas caſas d'ElRey. Da parede, que eſtá para a banda do primeiro baluarte, ſe enfia outra
com

com ſeis travezes da meſma taipa, a qual vay dar em huma guarita de revés, antes da qual ha huma grande porta, que he a principal da Cidade, da qual corre huma rua direita, que he a principal da Cidade, e vay dar nos Paços, a qual atraveſſa toda a compridaõ da Cidade, que ſerá de hum tiro e meio de falcaõ. Tudo iſto da tranqueira té a guarita he muro de taipa, e por cima della tranqueira de páos muy groſſos com ſeus traveſſoẽs pegados.

Daqui avante para a maõ direita corre tudo tranqueira de páos, e maſtros groſſos metidos em vallos muy grandes, e pelo certaõ he cercada de huma tranqueira ſimples, ſem torre, nem baluarte algum, porque daquella parte ſe naõ temiaõ: tinha toda á roda na face huma fermoſa cava cheia de agudos,

dos, e perigoſos eſtrepes ; e o que fazia a Cidade mais forte, era ficar quaſi como Ilha, porque de ambas as partes a rodeavaõ alguns eſteiros, que o rio dalli faz, e a Cidade por dentro tinha as ruas todas tapadas nas entradas com tranqueiras de madeira groſſa. E de longo do mar corre o arrabalde, que he aquelle que D. Antonio de Noronha queimou. Em fim que a Cidade á viſta de fóra eſtava a mais ſoberba couza, que podia ſer ; porque por todas as partes, por onde ſe via, ſe lhe enxergava muita, e groſſa artilharia, té por cima das arvores, como ja diſſemos. Mas o que ſe via mais para temer, era a muita, e fermoſa guarniçaõ, que por dentro tinha, de ſoldados Malayos, Manacabos, Jáos, e oútras nações fortes, e bellicoſas, de que o Rajale ſe foy apercebendo de vagar,

gar, convocando a ajuda dos visi-
nhos, e amigos, como dentro ti-
nha, e porque parece que o cora-
çaõ lhe denunciava os males, que
sobre si veo, e que havia mister
ajuda de todos, e inda de outros
Reys de mais longe, se os pudé-
ra acarretar. Assim sendo elle de
antes o que sem ajuda, nem favor
de nenhum delles por algumas ve-
zes cercou a Fortaleza de Malaca,
e se apresentou com grossas Arma-
das, e exercitos diante de seus mu-
ros; mas agora parece entendeo,
que naõ só havia de resistir a huma
grossa Armada, guarnecida da me-
lhor Fidalguia, e soldadesca da In-
dia, mas que tinha contra si hum
Capitaõ muito venturozo nas cou-
zas da guerra; porque a boa for-
tuna he principio de vitoria: pelo
que se quiz valer de tudo, e tinha
metido na Cidade doze mil homens
 esco-

eſcolhidos com alguns Reys amigos, como o do Tugual, de Dadragir, de Campar, afóra outros Senhores, com o que lhe parecia eſtava ſeguro.

D. Paulo ao outro dia, depois que alli chegou, chamou a conſelho todos os Capitáes, e tratou ſobre a deſembarcaçaõ; porque determinava de pôr logo as mãos áquella obra, porque ſe lhe os inimigos viſſem dilatar aquelle acometimento, cobrariaõ animo, cuidando que os receavaõ. E depois de debatido ſobre iſſo muito, aſſentaraõ com parecer dos praticos da terra, que ſe cometeſſe a Cidade pelo canto, que vay defronte do Forte Coritaõ, porque por alli ſó naõ tinha cava. Reſoluto niſto, mandou o Capitaõ mór que ſe chegaſſem os galeões a terra tudo o que pudéſſem por rigeiras,

ras, e que bateſſem a Cidade, para terem quebrantado os inimigos. Continuando a bataria o primeiro dia, ſahiraõ do rio, que corre pela ilharga da Cidade, huma copia de navios cheios de gente luſtroſa, e foraõ cometer as noſſas fuſtas, ſó por divertirem a bataria, e meterem a Armada em revolta. Os navios de remo em vendo os inimigos, tomaraõ o remo na maõ, e remeteraõ com elles; os quaes ſe lhes foraõ retraindo para a terra, a fim de irem meter os noſſos navios nas bocas das bombardas, que tinhaõ para aquella parte, e ao meſmo tempo appareceo pela banda da Barra outra Armada de quarenta vèlas com os meſmos intentos de inquietarem os noſſos, que lhe ſahiraõ, e os fizeraõ voltar; mas o Capitaõ mór entendendo-os, mandou que ſe recolheſſem, e que

ſe continuaſſe a bataria dous dias; nos quaes foy tal o terremoto, que andavaõ todos ſurdos do eſtrondo da artilharia.

CAPITULO XXV.

De como os noſſos deſembarcaraõ na Cidade de Jor, e a cometeraõ, e de como a entraraõ; e da eſpantoſa; e duvidoſa batalha, que dentro nella tiveraõ com os inimigos, e dos caſos, que nella ſuccederaõ.

COmo o Capitaõ mór D. Paulo de Lima era muito devoto da Aſſumpçaõ da Virgem Noſſa Senhora, que cáe a quinze de Agoſto, foy dilatando o tempo da deſembarcaçaõ té chegar o ſeu dia, e em todos aquelles dias foy dando ordem ás couzas da deſembarcaçaõ,

çaõ; e informando-se da terra, e do modo da fortaleza: e aos quatorze do mez vespera da Senhora mandou da outra banda de Jor armar hum altar, e desembarcou com toda a gente, e se lhe disse huma devota Missa, na qual commungou com todos os Capitães, e a mór parte da sua gente; porque quiz elle registar aquellas couzas primeiro com Deos; porquanto Elle quer que se entenda que todo o bom vem delle, e que nos homens naõ ha poder para nada. Feito este acto de Christaõ com muita devaçaõ de todos, ao outro dia no quarto da alva começou aquella espantosa batalha dos galeões, e o Capitaõ mór se mudou aos navios de remo com toda a gente da Armada, e foy cometer a terra, deixando toda a Armada encarregada a Luis Martins Pereira, que se passou

ſou a huma galé, e elle com todo o poder cometeo a terra ao ſom de muitas trombetas, tambores, e pifaros; levando ordenado tres batalhas de toda a gente, de que naõ quiz fazer alardo, por ſe naõ ſaber quam pouca era; e todavia naõ paſſavaõ de quinhentos Portuguezes.

A primeira batalha encomendou a D. Antonio de Noronha, a quem cometeo a dianteira, com a qual havia de ir toda a gente de Malaca; e com elle a D. Joaõ Pereira, e ſeu irmaõ D. Nuno Alvres, D. Manoel de Almada, D. Fernando Lobo, Sebaſtiaõ de Souza, Franciſco de Miranda, Martim Affonſo de Mello, e outros Fidalgos mancebos, que hiaõ aventureiros, e deſejavaõ de ganhar honra. A ſegunda batalha deo a Matheus Pereira de Sampayo, e com elle D.

Ber-

Bernardo de Menezes, Sebaſtiaõ de Miranda, e a gente dos bantins. E a terceira batalha tomou o Capitaõ mór para ſi, com a qual ficaraõ Franciſco da Sylva de Menezes, D. Pedro de Lima, Diogo Soares de Mello, Simaõ Dabreu de Mello, Franciſco de Souza Pereira, Pedralves Dabreu, que inda que naõ mandava bem o braço, quiz-ſe achar alli, e os dous Capitães Froes, e Coelho, e cometeo a terra. E o primeiro que nella poz os pés foy D. Joaõ Pereira com a ſua bandeira, e logo D. Antonio de Noronha com a de Noſſa Senhora do Roſario, que ſempre tirou neſta jornada; e em terra acharaõ hum grande corpo de inimigos, de que era Capitaõ Rajama Cotta, que o Rajale mandou a defender a deſembarcaçaõ, com o qual D. Joaõ Pereira travou logo com grãde

de animo, levando-os logo da arrancada; mas como o Rajale vio gente em terra, mandou mais poder, que chegou áquelle tempo, e carregando ſobre D. Joaõ, foy-lhe a elle forçado recolher-ſe no Forte do Coritaõ, onde deteve os inimigos, que os fizeraõ recolher para hum palmar, que ſe fazia da banda do mar, ficando D. Antonio, e D. Joaõ Pereira eſperando pelo Capitaõ mór, que eſtava deſembarcando.

Tudo o que neſte tempo ſe ouvia eraõ coriſcos, e trovões aſſim da Armada, como da Cidade, que deſparou todas as ſuas carrancas; porque como ſe guardava para eſte dia, que havia de ſer o ultimo dos trabalhos, toda a defenſaõ, e força nos inimigos, e nos noſſos todo o cabedal de esforço para cometer huma Cidade taõ forte,

te, e bem provída, aſſim ſe desfazia tudo em trovões, e terremotos, que naõ havia poder ninguem entender-ſe. Ja neſte tempo eraõ a manhã clara, e a gente naõ acabava de deſembarcar, pelo impedimento das eſtacadas, em que alguns dos navios ſe embaraçaraõ, e muitos ſoldados vendo ja o Capitaõ mór em terra ſe lançaraõ á agoa, por naõ lhes ſoffrer o coraçaõ eſtarem ſem poder chegar. O Capitaõ mór depois de poſto em terra, vendo andar alguns ſoldados deſmandados, mandou a Diogo Soares que os foſſe recolher; o que elle naõ pode fazer, e chamou Franciſco de Souza Pereira, que achou mais perto, e ambos recolheraõ os ſoldados, e alguns ja bem eſcalavrados do encontro, que haviaõ tido com os Mouros. E porque o Rajama Cotta, que ſe tinha recolhido ao palmar,

mar, affrontava os noſſos com a ſua arcabuzaria de longe, mandou o Capitaõ mór meter hum Capitaõ com alguns ſoldados no Forte do Coritaõ para dalli afaſtar os inimigos, o que elle fez com morte de alguns.

Deſembarcada toda a gente, poz-ſe o Capitaõ mór no campo com hum fermoſo eſcoadraõ, e ſobre a parte, por onde ſe havia de cometer a Cidade tornou háver differentes pareceres. Porque os bantineiros de Malaca, que aquillo ſabiaõ bem, alguns andavaõ quaſi areados, do que o Capitaõ mór ſe enfadou, e mandou que ſe apartaſſe a dianteira, e cometeſſe o caminho da Cidade, e que algumas peças de artilharia de campo, que eſtavaõ encomendadas a Fernaõ Pegado, ſe eſcuſaſſem, por alguns inconvenientes que ſe offereceraõ.

Os

Os da dianteira começaraõ a marchar, e logo apoz elles o Capitaõ mór com todo o reſto do exercito, com aquella determinaçaõ, e furor Portuguez, que ſe naõ contenta de menos feitos, que daquelles, que na imaginaçaõ dos homens ſaõ havidos por duvidoſos; e aſſim paſſaraõ avante, ſem temerem os eſtrondos infernaes de tantos pilouros; como os que lhe zoniaõ pelas orelhas, como ſe todos elles foraõ feitos debaixo de alguma conſtellaçaõ, que lhes naõ pudéſſem empécer. Os Fidalgos da dianteira os tres delles D. Antonio de Noronha, D. Joaõ Pereira, e D. Manoel de Almada apartaraõ-ſe para cada huma ſua parte com os parentes, amigos, e quem mais os quizeſſe ſeguir, e foraõ pelejando com o Rajama Cotta, que apertou tanto com os noſſos, que duas vezes os

fez

fez tornar té o forte do Coritaõ; mas como elles naõ puderaõ consentir acorrilarem-nos, tornaraõ com grande furia á rebentar, e a dar nos inimigos de feiçaõ, que com morte de muitos os foraõ levando té o palmar.

D. Paulo de Lima acodio áquella parte, onde ja os nossos andavaõ embaraçados, e travados com os inimigos em huma áspera batalha de espingardaria de huma, e outra parte, que se affirma encontrarem-se os pilouros nos ares huns com os outros; e assim foraõ os nossos em huma continua escaramuça levando sempre os inimigos diante de si, té os da dianteira se pôrem em cima do tezo; por onde fazia hum caminho, que hia dar ao canto da Fortaleza, naquella parte que ficou sem cava, e por elle foraõ té chegarem aos muros; e D.

e D. Antonio de Noronha chegando á tranqueira ſe abraçou com hum daquelles páos, como quem os ſaudava, ou tomava poſſe delles. D.Joaõ Pereira rompendo ſempre por nuvens de pilouros, que de todas as partes choviaõ ſobre elle, e vendo-ſe huns, e outros pegados á tranqueira (que era como diſſemos de entenas muy groſſas) remèteraõ a ella, e a começaraõ a abalar com as mãos; porque as couzas neceſſarias para aquillo faltaſſem a D.Paulo por prover, porque por todas as bandeiras mandou repartir grande ſoma de machados, codolis, enxadas, alviões, e outras couzas deſta ſorte; mas porque as peſſoas a quem ſe encomendaraõ naõ eraõ inda chegadas, e aſſim ferrados todos nos páos, trabalharaõ e yaõ por tirar algum, eſtando
ban

banda de dentro muitos inimigos, a quem aquella parte era encomenda, que assim ás espingardadas, como ás lançadas trataraõ de rebater os nossos.

Vendo isto dous soldados de D. Joaõ Pereira, hũ chamado Francisco de Sá, e outro Manoel Pestana, que desejavaõ de serem os primeiros, que entrassem naquella Cidade, e assim o levavaõ determinado, começaraõ a subir pelos páos com só espadas, e rodellas, e póstos em cima, com aquelle mesmo furor com que hia se lançou dentro Manoel Pestana, que logo foy despedaçado, e subindo juntamente com elle Francisco de Sá, foy entre os páos alanceado; naõ lhe deixando sentir o desejo daquella honra o perigo daquella morte. D. Antonio de Noronha, e D. Joaõ Pereira pegados aos páos

deraõ

deraõ-lhes tantos vaivens, que os abalaraõ, e ſem terem dever com a grande multidaõ de lanças, que lho defendiaõ, trabalhando tudo o que puderaõ, huns para derrubarem os páos, e outros para afaſtarem os inimigos da tranqueira, para os que trabalhavaõ o fazerem mais deſapreſſados; mas os de dentro como homens que queriaõ defender a ſua Cidade, ſuas mulheres, e filhos aſſim pelejavaõ determinados, que no lugar em que ſe hum punha, alli lhe tirava a vida o pilouro, que o treſpaſſava, e a lança, que o atraveſſava, ſem fazerem pé atrás. Aſſim os deixaremos neſte trabalho, por continuarmos com o Capitaõ mór.

D. Paulo de Lima foy entrando pelo palmar guiado de hum Chriſtaõ, que ſabia a terra; e por ir muito cançado do trabalho com

o pezo

o pezo das armas, se assentou hũ pouco sobre huma pedra, e perguntou por D. Antonio de Noronha, de que naõ havia novas. Neste tempo chegou Diogo Soares a elle, e lhe disse que ja ficava pegado com a tranqueira da Cidade, porque tanto que vio ir D. Antonio por aquelle tezo acima, o foy seguindo com muito trabalho sempre ás espingardadas com os inimigos, até que descobrio os nossos na tranqueira, e voltando deo as novas ao Capitaõ mór; com o que elle ficou desaliviado, e começou a endireitar para onde Diogo Soares foy guiando, indo em huma continua escaramuça com os inimigos; porque era chegado de refresco em favor do Rajama Cotta outro Capitaõ com mil e quinhentos escolhidos, e juntos assim se determinaraõ com os nossos, que

que como homens offerecidos a morrerem ſe metiaõ pelas lanças, e chegaraõ á eſpada, e ás punhadas, e aſſim ſe travou alli huma batalha a pé quedo, e de roſto a roſto muito cruel, e arriſcada; mas como os inimigos eraõ tantos, apertaraõ de feiçaõ com os noſſos, que começaraõ a ſe desórdenar.

O Capitaõ mór vendo aquillo, e entendendo que naõ eſtava em mais perder-ſe, que em começar a deſconcertar-ſe, arrancando de huma fermoſa eſpada lançou-ſe no meio dos inimigos com ella levantada em alto, dizendo: *Aqui Cavalleiros de Chriſto, aqui: ah Cavalleiros, ſegui-me; porque aqui eſta o caminho da vitoria*; e com aquelle furor deo em os inimigos, aos quaes fez bem ſentir os fios da eſpada. Vendo os Capitães, e todos os mais a ſeu Capi-

 taõ

taõ mór naquelle riſco, rompendo como leões por tudo, foraõſe-lhe pôr diante, e alli obraraõ taõ altas cavallarias, que foy eſpanto, fazendo nos Mouros tal eſtrago, que de o naõ poderem ſoffrer ſe foraõ recolhendo para o palmar. Indo ja o Rajama Cotta ferido, e outro Capitaõ ficar eſtirado de muitas cutilladas, e ja morto, os noſſos os foraõ ſeguindo, e como logo adiante havia hum mato, receando D. Paulo que nelle lhe tiveſſem armado alguma cillada, tocou a recolher, e alli naquelle lugar, onde os inimigos ſe foraõ recolhendo, ſe aſſentou elle hum pouco de muito cançado; e depois tomou o caminho pelo tezo acima, por onde Diogo Soares o guiou, o qual, com ſer muito ingreme, foy o Capitaõ mór por elle taõ apreſſado, e animoſo, que parecia

naõ

naõ ter paſſado trabalho algum, dando na alegria do roſto, que era muito gentilhomem, huma muito certa eſperança de vitoria. E aſſim chegou a D. Antonio de Noronha, a tempo que tinha tirados dous páos, e feito caminho para entrarem.

Eſta chegada foy hum eſpectaculo eſpantoſo, e que pudéra meter medo a muitos; porq̃ achavaõ aquelle campo cheio de mortos, e feridos, e hum Padre confeſſando aqui a hum, e por outra parte lembrando o nome de JESU a outro, que eſtava ja expirando: huns gemendo, outros brádando por panellas de polvora, por lanças de fogo, por machados, por enxadas, e pelo Capitaõ mór; de ſorte que tudo era huma confuſaõ, e labyrinto formado. Os inimigos trabalhavaõ de dentro tudo o que

podiaõ por defenderem a ſua Ci-
dade, dando tambem ſuas gritas,
e chamando pelos ſeus Capitães.
Em fim eſte foy o dia dos mais aſ-
ſinalados, e em que os Portugue-
zes mais moſtraraõ os quilates do
ſeu esforço, e valentia.

Chegado D. Paulo (como
diſſemos) áquella parte, a tempo
que os dous páos eraõ derrubados,
entrou logo pela abertura dentro
Sebaſtiaõ de Miranda homem fidal-
go, filho de Diogo de Miranda
Dazevedo, e logo hum Foaõ Soa-
res o Alferes de D. Antonio de No-
ronha, que era hum valente Ca-
valleiro, com a bandeira de Noſſa
Senhora do Roſario muito alevan-
tada, brádando, e aclamando por
ella, e chamando os noſſos que o
ſeguiſſem: apoz elle entrou D. An-
tonio, D. Joaõ Pereira, ſeu irmaõ
D. Nuno Alvres, D. Manoel de
Alma-

Almada, e os mais Fidalgos, e Cavalleiros, que os acompanhavaõ, recebendo todos muitos golpes mortaes, e perigoſos, de que alguns cahiraõ. D. Paulo vendo aquillo, começou-os animar, e a louvar com palavras muito honradas, as quaes dando nas orelhas dos que hiaõ entrando, e nas dos que eſtavaõ ja da banda de dentro em batalha com os inimigos, aſſim ſe animaraõ todos, que ſe metiaõ pelas lanças, matando, e derrubando tantos, que dos outros naõ poderem aturar aquelle eſtrago, foraõ-ſe recolhendo para dentro.

CAPI-

CAPITULO XXVI.

Do que aconteceo a D. Paulo de Lima dentro na Cidade até a deſtruir de todo.

TAnto que D. Paulo de Lima entrou na Cidade, indo ſempre diante D. Antonio com os Fidalgos, que o acompanhavaő, e logo a ſegunda batalha de Matheus Pereira, D. Bernardo de Menezes, Franciſco de Souza Pereira, Sebaſtiaő de Miranda, e outros Fidalgos, e Cavalleiros, foraő entrando pela rua, que era eſtreita, e cheia de lama, pela qual foraő levando os inimigos ſempre diante pelejando muito valeroſamente; e por toda eſta rua de cima das janellas, e guaritas cahiraő ſempre ſobre os noſſos muitos dardos de arreme-

arremeço, infinitas fréchas de peçonha, e outros muitos inſtrumentos mortaes, que todos ſe empregaraõ bem, por irem os noſſos muito apinhoados pela eſtreiteza do lugar, dos quaes alguns cahiraõ logo mortos, e outros paſſaraõ muito mal feridos. Vendo Matheus Pereira, e os da ſegunda bandeira, que aquella rua hia maciça com os de diante, e que aſſim de cima das janellas, como das bocas das traveſſas, que hiaõ ſahir áquella rua, eraõ todos muito mal tratados, ſem ſe poderem menear bem, achando hum caminho, que hia para o muro, foraõ ſubindo por elle té ſe pôrem em cima dos andaimos, donde hiaõ pelejando com os inimigos mais á ſua vontade, e mais deſafogados. D. Antonio de Noronha foy paſſando avante, rompendo por todos aquelles peri-

perigos mortaes, recebendo feridas, e tiros de arremeço, e ſatisfazendo-ſe logo de muitos dos imigos, que cahiaõ ataçalhados de ſuas mãos, paſſando por cima de ſeus corpos, que tambem lhe naõ foy pequeno eſtorvo.

Neſta rua tiveraõ os noſſos grande trabalho, e ſe viraõ algumas vezes perdidos; mas o animo, e o furor os levou ſempre por diante, fazendo taõ altas cavallarias, que ſe naõ podem particularizar. E indo ja no cabo da rua, que hia dar á outra grande, onde eſtavaõ os Paços d'ElRey, foraõ recrecendo os imigos, e apertaraõ tanto com os noſſos, que eſteve a couza muito arriſcada a ſe perder tudo. Mas todavia o esforço de D. Antonio, de D. Manoel Dalmada, e de todos os mais, que ja nomeámos, que hiaõ na diantei-

ra,

ra, ſuſtentaraõ aquelle pezo á cuſta de muitas feridas, e das vidas de muitos, e entre elles a de D. Bernardo de Menezes, que tinha moſtrado o valor que ſempre nelle ſe achou, ao qual quiz à deſaventura que lhe déſſem huma eſpingardada pelo peſcoço, da qual logo cahio, indo armado de armas, que os pilouros naõ podiaõ offender por todas as mais partes do ſeu corpo: a qual morte parece que o coraçaõ lhe advinhava; porque eſtando-ſe armando para deſembarcarem, diſſe a hum ſeu amigo que ja tomara ſahir daquella guerra com huma perna menos; e ao deſembarcar em terra o viraõ taõ triſte, e malenconizado, que elle meſmo ſentio em ſi outros differentes affectos dos dias paſſados, que parece ja ſe lhe repreſentava a triſte morte, que alli lhe haviaõ
de

de dar, a qual foy muito ſentida de todos, pela perda que naquelle tempo fazia ſua peſſoa, por ſer muito bom Cavalleiro, e em todas as couzas, em que na India ſe achou, que foraõ muitas, ſempre muito grandes moſtras deo do ſeu esforço. E porque nos naõ pareceo rezaõ paſſar aqui por hum caſo eſpantoſo, que lhe aconteceo, o contaremos, porque ſirva de exemplo para os homens mancebos nos perigos, como eſtes, fazerem conta com Deos, pois arriſcaõ tanto a vida pelas couzas della; e o caſo foy eſte.

Era eſte Fidalgo criado, e naſcido na India, e dado ás delicias, e laſcivias della como mancebo, poſto que ja o naõ era: parece que ſabia outro Fidalgo ſeu amigo, que andava por confeſſar, e como os que tem eſte nome, e ſan-

ſangue o haõ de moſtrar mais nas couzas, que pertencem á alma, que nas do corpo, o perſuadio o outro a ſe confeſſar, e inda o levou comſigo a huma fuſta, onde hum Padre hia, e o deixou a ſeus pés. Succedeo na meſma noite eſtando na camara da ſua galé querer fazer ſeu teſtamento, e eſtando começando, paſſou-lhe hum rato por cima do papel por ſinco, ou ſeis vezes, que tantas começou a querello continuar; e tantas couzas fez, e arranhou, que deixou o teſtamento, e ſe deitou a dormir, e em tomando o ſomno, lhe roeo o meſmo rato hum pé. Ao outro dia quando deſembarcaraõ em terra, lhe aconteceo o que acima temos contado, e ſe nos naõ lembra mal, tambem nos diſſeraõ que cahira no mar.

E tornando ao noſſo fio, D.

Antonio eſteve no cabo da rua perdido, e lhe mataraõ diante delle alguns homens, e a elle deraõ huma eſpingardada pela fralda do capacete, ſem receber dano; mas naõ ficou ſem elle de huma fréchada de peçonha, que lhe deo na maçãa do roſto, da qual ſe lavou todo em ſangue; mas todavia ſempre foy paſſando avante, e pelejando com muito valor. O Capitaõ mór, depois que Matheus Pereira tomou por cima dos andaimos, ficou na retaguarda de D. Antonio mandando-lhe gente de refreſco, e vendo, e notando tudo o que ſuccedia, para prover, e acodir ao que foſſe neceſſario. Em fim tanto trabalharaõ os da dianteira, que ſahiraõ á rua grande d'ElRey, onde eſtava todo o poder com a peſſoa do Rajale, e dos Reys da liga, e toda a

frol

frol de ſeus Cavalleiros Jáos, e mancebos; os quaes arremeteraõ com os noſſos, por ſe moſtrarem diante dos ſeus Reys, e com tanto impeto deraõ na dianteira, que fizeraõ parar a todos, derrubando alli alguns dos noſſos, e ferindo outros muitos de differentes feridas. Aqui foy o mór perigo, em que os noſſos ſe viraõ, no qual eſtava o fim daquella contenda, e em que naõ havia mais, que vencerem, ou morrerem todos; porque alli naõ havia mais ſoccorro, que o de Deos, e o de ſeus braços, a que ſe elles encomendaraõ, pondo os olhos em N. Senhor crucificado, que hia em meio delles alevantado em huma haſte, e na figura da Virgem Noſſa Senhora, que hia na bandeira de D. Antonio, e ſe lhe encomendaraõ de todo o coraçaõ, meneando todos as mãos

na defenſaõ de ſuas peſſoas. Mas todavia, como alli acodio o poder todo, e os Reys animavaõ os ſeus a defenderem a ſua Cidade, ficou a couza taõ ſuſpenſa, e arriſcada, que de ver D.Paulo quaſi tudo perdido, mandou alguns Fidalgos da ſua companhia que ſoccorreſſem D. Antonio, que eſtava diante com D. Manoel Dalmada fazendo todos taõ altas cavallarias, que era eſpanto; e apreſentando-ſe os do refreſco diante, ſuſtentaraõ aquelle impeto dos Mouros hum pouco, e todavia pararaõ, porque elles eraõ muitos, e de todas as partes cahiaõ ſobre os noſſos coriſcos, e todos os inſtrumentos mortaes.

D. Paulo de Lima vendo o feito taõ arriſcado, receando que alguns dos de diante ſe deſmandaſſem, no que ſó eſtava ſua perdiçaõ, paſſando por todos com a eſpada

padà na maõ, apreſentou-ſe aos inimigos aclamando Santiago, dizendo aos ſeus: *Ah Cavalleiros de Chriſto, avante, avante*; e dando nos Mouros, que eſtavaõ diante, os começou a cortar com tamanho animo, e ſegurança, que nunca o furor da batalha lhe fez perder a obrigaçaõ de Capitaõ; porque meneando as mãos em dano dos Mouros, mandava, e governava tudo. Os Fidalgos, e Cavalleiros da ſua companhia vendo o ſeu Capitaõ mór metido no maior perigo, paſſaraõ a ſe lhe pôr diante, fazendo todos obras memoraveis.

CAPI-

CAPITULO XXVII.

De como os nossos ganharaõ o Forte do Cotobato.

MAtheus Pereira, que hià pelos andaimos pelejando com todos os Mouros do Cotobato, e das guaritas, que sahiraõ ao receberem, e achando nelles tamanha resistencia, que como homens determinados a morrerem, se metiaõ pelas armas dos nossos sem temor da morte, ferindo, e derrubando alguns de muitos, e perigosos tiros, que choviaõ sobre os nossos; mas elles passando por tudo foraõ avante, ferindo, e matando nos imigos, que naõ deixavaõ o lugar, senaõ com a vida. Matheus Pereira foy sempre diante de todos sustentando o impeto dos

dos Mouros, fazendo tremer a todos pelo estrago, que lhe viaõ ir fazendo; porque era hum homem muito grande, e membrudo, e sobre tudo de grande animo, e forças, e como hum leaõ ferós foy sempre pondo o peito a todos os perigos, brádando pelos seus que o seguissem, e que ganhassem o Cotobato, que nisso estava o vencimento de toda a vitoria. E indo neste trance emparelhando com a rua d'ElRey, onde os nossos estavaõ naquella perigosa batalha, em que os deixámos sem se declinar, e como hiaõ por cima dos andaimos, descobriraõ toda a rua, e viraõ muito bem o risco, em que o Capitaõ mór estava, e a confúsaõ em que todos se viaõ; e achádo a escada, que hia para a rua, desceo-se por ella Francisco de Souza Pereira, que sempre acom-

panhou Matheus Pereira, e em todos aquelles riſcos foy o primeiro, e com huma furia eſpantoſa, acompanhado de alguns dos ſeus, foy demandar o Capitaõ mór, para ſe achar com elle naquelles perigos; e paſſando por todos, chegou elle bradando por Santiago, e ſe lhe poz diante com a mór parte dos Capitães, que ſempre o ſeguiraõ, e começou a pelejar muito animoſamente.

D. Paulo de Lima moſtrou neſte dia o remate de todo o ſeu valor, e prudencia, porque tambem aquelle foy o mór perigo, em que nunca ſe vio, e em que todos ſe acharaõ em tanto aperto, e riſco, que eſteve a couza por algumas vezes duvidoſa. D. Manoel Dalmada, que hia na dianteira fazendo façanhas, e dando-ſe a conhecer aos imigos, que hia aſſinalando

lando com os fios da ſua eſpada, depois de ter feito tudo, o que ſe pôdia eſperar de hum eſpirito muito deſejoſo de honra, pela qual deſprezou ſempre todos os perigos, em que alli ſe vio, chegada a ſua hora lhe deraõ com dous zargunchos de arremeço, e hum por baixo da barriga, de que logo ficou mortal; mas como o animo eſtava ainda prompto, trabalhou por ſe alevantar, e ſatisfazer-ſe daquella injuria, o que naõ pode fazer, porque a ferida era mortal, e tornou a cahir ſem mais fallar. D. Antonio de Noronha, que eſtava junto delle, ſe lhe atraveſſou diante para ter tempo de ſe alevantar, cuidando naõ ſer a ferida taõ perigoſa; mas vendo que era acabado, foy fazendo ſeu officio, pelejando, e animando os ſeus com muita ſegurança, e com grande má-

goa, e dor da morte daquelle Fidalgo, que em todos aquelles trabalhos lhe fora sempre companheiro, e no qual se perdeo muito, pelas esperanças que tinha dado para couzas muito grandes.

D. Paulo de Lima esteve muitas horas sustentando aquelle impeto, porque pela rua recreciaõ cada vez mais os imigos, e como huma arrebatada torrente vinhaõ a rebentar em os nossos, como sóe a força da agoa fazello em alguma dura rocha, se se lhe atravessa diante. Estes encontros esperavaõ os nossos taõ firmes, e seguros, que naõ havia couza que os abalasse, sendo o partido taõ differente; porque além do numero ser taõ desigual, que havia vinte para cada hum, andavaõ os nossos cançados, carregados de armas, afogados da calma, mal tratados das feridas,

e sem

e ſem eſperança de mais ſoccorro. O que tudo tinhaõ os imigos tanto da ventagem; porque andavaõ folgados, e em ſuas caſas, diante dos olhos dos ſeus Reys, e por defenderem a ſua Cidade, ſuas mulheres, e filhos, que viaõ muito arriſcados a ſerem cativos dos Portuguezes; o que tudo obrigava a fazerem maravilhas, e a deſprezar a morte. A eſpingardaria dos imigos era tanta, que ſe os mais dos que andavaõ na dianteira oppoſtos á ſua furia naõ trouxeraõ armas de prova, ſem duvida tudo ſe desbaratara; porq̃ ficaraõ poucos, que naõ recebeſſem eſpingardadas, ſenaõ quanto a D. Fernando Lobo, que hia nos mais dianteiros, e tinha dado grande prova de ſua peſſoa, recebeo quatro juntas, e huma dellas lhe foy rompendo a ponta da orelha, de que an

dava

dava todo banhado em ſangue, e como era muito gentilhomem, aquillo o fez parecer tanto mais, que bem lhe puderaõ todos os de redor ter enveja, ſe elles tambem naõ andaraõ para ſer envejados dos outros.

Aqui deraõ tambem huma zarguncha da a Franciſco da Sylva de Menezes (que todo aquelle dia trabalhou por igualar a todos, os que mais ſe aſſinalaraõ) da qual cahio no chaõ; mas tornou-ſe a levantar com grande animo. Neſte paſſo houve algum dos noſſos, que brádaraõ que déſſem fogo á Cidade, o que o Capitaõ mór ouvio, e brádou: *Avante, avante, Cavalleiros de Chriſto: ganhemos eſta vitoria por noſſo braço; naõ queiramos que a gloria della nola leve o fogo.* E aſſim foy dando alguns paſſos adiante, e ferindo nos imigos,

imigos, que naõ havia forças humanas que os pudéssem mover, porque estava a rua maciça, e só aquelles saltavaõ contra os nossos; os quaes elles derrubavaõ, e com os pés em cima delles pelejavaõ com os imigos, porque naõ havia lugar para mais. Neste grande, e perigoso conflicto, que esteve suspenso, e sem se declarar, se abrio huma porta, que hia para huma ilharga do Cotobato sahir á praya, pela qual se foraõ recolhendo alguns dos nossos, por haverem a couza por acabada, e perdida; mas quiz Deos que os que estavaõ fervorosos na batalha, naõ attentassem nisso, porque como os mais estavaõ cançados, e desconfiados, pudéra tudo correr risco, e pôr-se em desbarato. Matheus Pereira foy por fóra dos andaimos levando os Mouros até os recolher no Coto-
bato,

bato, e de fóra ficou pelejando com elles valerosamente; e pondo os olhos na rua, em que o Capitaõ mór estava, vendo aquella confusaõ, e o poder dos imigos, teve o negocio por muito duvidoso: pelo que determinou de morrer, ou entrar o Cotobato; porque metendo-se nelle, que era o principal Forte da Cidade, e succedendo alguma desaventura aos nossos, poderse-hiaõ recolher todos dentro, e dalli se remediarem; o que foy consideraçaõ de Capitaõ muito esperto, e a principal occasiaõ da vitoria. E com este discurso, como se fora hum leaõ brabo, arremeteo com o Cotobato para o entrar acompanhado de alguns muitos bons, e esforçados Cavalleiros, que nunca o deixaraõ, fazendo alli todos couzas muito espantosas aos imigos, as quaes elles senti-

sentiraõ bem, e suas carnes.

Aqui aconteceo outro caso, que tambem houvera de ser perdiçaõ de todos, e foy, que vendo alguns dos seus aquella porta, que dissemos, aberta, desconfiados da vitoria, foraõ-se descendo abaixo, e sahindo-se por ella; e outros a que talvez o medo naõ deo tanto vagar, se lançaraõ dos andaimos abaixo para a banda de fóra, e cahiraõ dentro na cava, onde se encravaraõ nos estrepes, de que estava cheia, e chegou a desconfiança a tanto, que naõ ficaraõ com Matheus Pereira mais de quinze pessoas, tendo elle entrado pelos andaimos com mais de cento e sincoenta, em que entravaõ de redor de cento de espingardas. Vendo-se elle taõ só, houve-se por perdido, e encomendando-se a Deos, com grande confiança nelle arremeteo

ao

ao Cotobato com os que com elle ficaraõ para morrer dentro nelle; mas achou tal defensaõ, como aquelle, que tinha a melhor gente da Cidade, que a poder das feridas, e sangue seu o sustentaraõ. Neste passo taõ arriscado brádou hum soldado da companhia por Matheus Pereira, e disse alto: *Alli está a Virgem Nossa Senhora sobre o Cotobato, que nos chama que entremos nelle.* A este brádo, e nome taõ suave acodio Matheus Pereira, e pondo os olhos em cima, naõ vio nada; e todavia com grande confiança arremeteo com o Cotobato chamando pela Senhora, que lhe valesse, e rompendo pelas armas dos imigos, a poder de golpes entrou dentro, e com elle todos os companheiros, com tamanha furia, que naõ podendo aturar os Mouros, largaraõ o Forte, e se

e ſe recolheraõ para outro, que eſtava adiante. Matheus Pereira vendo-ſe dentro deo graças a Deos, e de ja ſe naõ poder ſuſtentar nas pernas de cançado do trabalho, e do eſpirito, aſſentou-ſe para cobrar algum alento.

CAPITULO XXVIII.

Do mais que ſuccedeo a D. Paulo de Lima té chegar ao terreiro dos Paços de ElRey.

O Capitaõ mór trabalhou tanto, e os Capitáes, e Cavalleiros, que hiaõ na dianteira tamanhas cavallarias fizeraõ, que foraõ arrancando os Mouros, e levando-os hum pouco por diante. Vendo D. Paulo aquillo, teve-o por ſinal de vitoria, e naõ ſe eſquecendo da ſua obrigaçaõ, chamou

mou a Francifco de Souza Pereira;
que lhe tinha dado novas de Matheus Pereira, e lhe diffe que fe
foffe para elle, o que fez, e ja o
tomou dentro no Cotobato, e affentado fem fe poder bolir; e perguntando-lhe o que faria, lhe mandou que viraffe algumas peças de
artilharia para outro baluarte, onde os Mouros fe recolheraõ, e outras para a rua direita, por onde
o Capitaõ mór hia, affim para fe
fegurarem alli, onde eftavaõ, dos
Mouros de outro baluarte, fe o
quizeffem cometer, como para favorecerem os noffos, que pelejavaõ na rua. Francifco de Souza Pereira com os companheiros, que
comfigo trouxe de refrefco, fez
logo aquella obra, mandando desparar algumas bombardas no baluarte; com que os Mouros o defampararaõ de todo, e fugiraõ para
a rua

a rua grande, onde o Capitaõ mór pelejava, e as outras peças, que apontou para aquella parte alevantando-lhe o ponto, porque fobrelevaffem os noffos, foraõ dar nos imigos, que eftavaõ lá pela porta do Paço, e pelos que eftavaõ no cabo da rua, nos quaes fizeraõ grãde eftrago. Vendo os Mouros ifto, e entendendo que o Cotobato era tomado, foraõ deixando a rua aos noffos, que ja hiaõ levando os imigos de arrancada mais defafogadamente. As novas da tomada do Cotobato chegaraõ ao Capitaõ mór, as quaes affim para elle, como para todos foraõ de exceffiva alegria, porque niffo fe acabava de arrematar a vitoria.

Em todo efte tempo naõ ceffou a Armada de bater a Cidade, fem faberem nella o que dentro hia, ouvindo hum grande efpaço

ceffar

cessar os tambores do Cotobato; em que tinhaõ os olhos todos, sempre as bandeiras imigas arvoradas nelle, com o que estavaõ em grande confusaõ: té que Matheus Pereira de Sampayo, depois de cobrar algum alento, as mandou tirar, e alevantar a sua; o que da Armada se festejou com grandes gritas de alvoroço, deixando logo a bataria, por lho ter assim mandado.

Declarada a vitoria, e havendo-se aquelles Reys por perdidos, puzeraõ-se em elefantes com suas mulheres, filhos, e couzas mais estimadas, que de passagem puderaõ tomar, e foraõ-se recolhendo por huma parte do certaõ. Os nossos com alvoroço da vitoria puzeraõ por algumas partes fogo á Cidade, sem ordem do Capitaõ mór, o qual se ateou com tanta brabeza, por serem as casas de madei-

madèira, que naõ foy possivel aguardarem os nossos dentro; pelo que o Capitaõ mór tocou a recolher, e foy sahindo para fóra das tranqueiras, té tornar o fogo a dar lugar para a poderem saquear, se lhe ficasse alguma couza por queimar. Mas elle como andava brabissimo, e achou materia disposta, pegou té nos páos das tranqueiras, os quaes arderaõ mais de duas braças debaixo do chaõ, e ainda nos mesmos vallos, em que elles estavaõ metidos, ardeo em chammas, e labaredas. Era isto ja horas de meio dia, quando se sahiraõ para fóra.

CAPI-

CAPITULO XXIX.

Do que ſuccedeo a D. Joaõ Pereira pela parte, em que entrou, e do mais que fez o Capitaõ mór.

DOm Joaõ Pereira com a gente da ſua bandeira, pela parte por onde entrou, foy dar com elle hum daquelles Reys em cima de hum elefante com huma grande tropa de gente, que vinha acodir alli, e vendo os noſſos, remetteo com grande furia para os lançar fóra; mas D. Joaõ Pereira lhe teve o encontro, e ſeu irmaõ D. Nuno Alvres ſe atraveſſou diante do elefante, e lhe deſparou na teſta a eſpingarda, que levava, com cuja dor elle voltou para trás atropelando alguns dos ſeus. Os Mouros, que eraõ muitos, foraõ remetendo

téndo com os noſſos com tanta determinaçaõ, que os tornaraõ a levar té ás tranqueiras, por onde tinhaõ entrado, pelas quaes ſahiraõ alguns; mas D. Joaõ Pereira, ſeu irmaõ D. Nuno Alvres Pereira com outros Fidalgos, e Cavalleiros tiveraõ todo o pezo dos imigos com as coſtas na tranqueira, onde obraraõ couzas muy dignas de memoria. O Alferes da bandeira de D. Joaõ foy derrubado de hum golpe; mas hum ſoldado de alcunha o Troviſcada filho de Malaca alevantou logo a bandeira no ár, e com ella ſe poz diante de todos appellidando o Apoſtolo Santiago; com o que os noſſos cobraraõ dobrado animo, e D. Joaõ Pereira naõ ſó fez aqui o officio de Capitaõ, mas ainda de muito esforçado Soldado, ſuſtentando aquella parte com os poucos, que lhe ficaraõ,

caraõ, com muito valor, e grande dano, e eſtrago dos imigos, ſem ſaber o que era feito do Capitaõ mór, que era o que o tinha bem cançado. Os ſoldados, que ſe lhe tinhaõ ſahidos, tornaraõ-ſe ajuntar a elle, com o que D. Joaõ Pereira carregou ſobre os imigos, e com grande eſtrago, que nelles fez, os arrancou do campo, e lhes foy ganhando aquella rua; atè que a Cidade tomou fogo, que ſe alevantou com tanto eſtrondo, que lhe foy neceſſario tornar-ſe a ſahir para fóra, ſem ſaber o que era acontecido ao Capitaõ mór. De longo do muro foy buſcar a porta, por onde D. Antonio entrou, e vio as bandeiras no campo, e indo demandar o Capitaõ mór, elle o recebeo com grandes honras, e palavras de louvores ſeus, e de todos. Alli lhe chegou hum recado

do de Matheus Pereira de Sampayo, em que lhe mandava pedir gente, por eſtar com poucos ſoldados, porque ſe ſe ajuntaſſem os imigos, correria riſco. E vendo elle ſer aquillo o mais importante de tudo, tornou a entrar a Cidade com todo o exercito, e recolheoſe ao Cotobato, que por ſer de taipas naõ lhe tocou o fogo, e deixou na porta alguns Capitães em guarda della. O fogo foy tomando tamanha poſſe da Cidade com tamanha brabeza, que parecia hum diluvio delle, por eſtar toda recheada de fazendas de muito valor, que todas ſe conſumiraõ, e dentro nas caſas muitas mulheres, e meninos, que naõ puderaõ fugir; do que lhe ao Capitaõ mór pezou muito, porque deſejou de ganhar aquella Cidade pelos fios da eſpada, para dar nella hum ri-

co ſaco a ſeus ſoldados; porque ja que elles por ſeus braços, e valentes corações diante delle fizeraõ taõ altas cavallarias, quizera vellos cevar nas couzas, que elles tanto á custa do ſeu ſangue compraraõ.

CAPITULO XXX.

De como ſe arrematou a vitoria, e ſe deſtruio, e aſſolou a Cidade toda, e dos deſpojos que nella ſe tomaraõ, e dos mortos, e cativos, que houve de ambas as partes, e do modo que D. Paulo foy recebido em Malaca.

DOm Paulo de Lima Pereira deitou logo eſpias ſobre os imigos para ſaber delles, e foy avizado ſerem metidos por eſſe certaõ. Pelo que, em o fogo abrandan-

brandando , mandou o Capitaõ mór pôr guardas nas portas , que hiaõ para o certaõ , e ao outro dia pela manhãa largou a Cidade aos ſoldados para a ſaquearem , ficando elle no Cotobato mandando embarcar a artilharia , que era muita. E porque naõ paſſemos pelos favores , e mercês de Deos N. Senhor, e da Puriſſima Virgem ſua Mãy , para edificaçaõ dos que pelejaõ por ſua Fé , para cometerem todas as couzas com grande confiança nelle, ſe ha de ſaber que tanto que Matheus Pereira de Sampayo entrou no Cotobato , que deſcançou hum pouco , perguntou pelo ſoldado que vira a Virgem Noſſa Senhora , que lhe brádou que entraſſe no Cotobato, que ella os chamava ; e entre todos , os que com elle ſe acharaõ , naõ houve quem tal viſſe , nem depois que o contou a D.Paulo

lo de Lima, que mandou por todas as bandeiras inquirir delle, naõ se achou tal soldado: por onde se presumio que aquillo fora algum Anjo, que da parte da Senhora o viera esforçar para entrar aquelle Forte, em que estava ganhar-se a Cidade; mas achou-se hum soldado, que trouxe ao Capitaõ mór hum retábolo de Nossa Senhora do tamanho de quarto de papel, de oleos muito bem obrado, e muito fermoso, com sua guarniçaõ, e porta, e disse q̃ o achara no palmar em baixo, quando andaraõ ás mãos com os imigos, sem saberem donde viera. D. Paulo o tomou nas mãos com muita veneraçaõ, e posto de joelhos o adorou, e mandou logo armar hum pequeno altar, em que poz a Senhora para ser adorada de todos: e querendo saber de quem fora o retábolo, naõ achou

achou em todo o exercito cujo fosse; antes houve algumas pessoas, que affirmaraõ que da parte dos imigos se tirara com elle aos nossos. Mas quanto a nós devia de ser de algum dos companheiros, que em baixo morreraõ, que o traria comsigo, por ser muito seu devoto, a que Ella naõ podia deixar de valer á hora da sua morte, pelo especial cuidado que tem de seus servos.

Este retábolo levou D. Paulo depois comsigo para o Reyno, onde naõ chegou, que só isso guardou dos despojos daquella Cidade, cujo saco durou seis dias continuos; e nella se acharaõ muitas minas de fazendas, ouro, prata, cobre, e alaim, drogas de todas as sortes, em que os soldados se cevaraõ bem á sua vontade, e muitos ficaraõ ricos da jornada. Acharaõ-

se

ſe em hum tronco alguns Portuguezes ferrolhados, que o Rajale tinha cativos, todos queimados, mas inda inteiros, e ſem nenhum delles ter máo cheiro; e naõ contentes do que acharaõ na Cidade, ſahiraõ della alguns deſmandados, e meteraõ-ſe pelos matos a buſcar os embrenhados, mulheres, e meninos, com bem de riſco de ſuas peſſoas, donde trouxeraõ huma copia deſta gente, ſem verem que os ſobreſaltaſſe; donde ſe inferio que foraõ os imigos taõ desbaratados, e medroſos, que naõ pararaõ ſenaõ dahi a algumas legoas: e ſoube-ſe em certo que depois de o Rajale ir desbaratado, deraõ os Jáos nelle, e roubaraõ tudo o que acharaõ, matando tantas mulheres, meninos, e outra gente, que hiaõ com ſeu fato á cabeça, que aſſim á eſpada, como ao paſſar do rio ſe

ſe perderaõ tres mil almas. Na batalha grande, e nos outros recontros morreraõ a mãos dos Portuguezes do redor de quatro mil, a fóra muitos feridos, que depois morreraõ. As peſſoas conhecidas, e Capitães principaes da ſua parte, que morreraõ, e cativaraõ, ſaõ as ſeguintes: Serinará, Serimadaraja, Serpidra, Jalella, Giailate, Siribridaja, e Chegalá Nimalate, Simiranbanca, Ariodraja Capitaõ de Sábaõ, e Baſiderá, que morreo depois no mato, todos Capitães daquelles Reys, a fóra outros muitos a que naõ ſabemos os nomes. Da noſſa parte em toda eſta jornada morreraõ oitenta homens, em que entravaõ D. Manoel, e D. Bernardo; e feridos de redor de cento.

O deſpojo, que ſe tomou; foraõ mais de mil peças de bronze, em que eſtava hum baſiliſco mouriſco,

riſco, huma ſerpe de vinte e tres palmos de comprido, hum leaõ, e hum camello de marca maior; todas as mais camelletes, falcões, e dahi abaixo té chichorros, a fóra muitas peças, que ſe derreteraõ com o fogo. Tomaraõ-ſe mil quinhentas eſpingardas, a mór parte ſem coronhas, por lhas ter o fogo conſumido, e outras muitas armas. Embarcações, entre grandes, e pequenas, tomadas, e queimadas, de redor de duas mil, em que entravaõ galeões, galés, e galeotas, lancháras, bantins, e balões, ſómas, juncos dos Jáos, que alli eſtavaõ de ſoccorro.

Concluída a guerra de Jor, mandou D. Paulo adiante as novas á Cidade de Malaca, e os feridos para os curarem; e depois da Cidade aſſolada, deſtruída, e feita em cinza, embarcou-ſe o Capitaõ

mór,

mor, e ſurgio com toda a ſua Armada no porto de Malaca, onde logo foy viſitado do Biſpo, e Vereadores, dando-lhe muitos, e publicos louvores, e lhe pediraõ ſe detiveſſe alguns dias, em quanto lhe preparavaõ hum recebimento honrozo, que eſtava aſſentado fazer-ſe; porque de taõ próſpera, e glorioſa vitoria lhe era muito devido hum glorioſo, e próſpero triunfo, o qual elle aceitaria daquella Cidade naõ confórme a grandeza das obras, com que o merecera, mas confórme a vontade, que huma Cidade que elle libertara, deſejava de lhe fazer, e confórme a ſua poſſibilidade. D. Paulo naõ pode refuſar aquellas honras, que lhe offereciaõ, attribuindo tudo a Noſſa Senhora, que Ella fora a Autora daquella vitoria, pois em ſeu dia lhe fez taõ aſſinaladas mercês; e aſſim

e aſſim ſe aſſentou que o Sabado ſeguinte, que eraõ ſinco de Outubro, por elle ter chegado em fim de Agoſto, ſe fizeſſe a ſua deſembarcaçaõ, por ſer dia dedicado á Senhora. E aſſim foy a Cidade ordenando o ſeu recebimento, tratando de ſe lhe fazer o mais ſolemne, que pudéſſe ſer.

D. Antonio de Noronha ſendo avizado de como haviaõ de receber a D. Paulo de Lima com pálio, como elle tinha naquella vitoria taõ grande quinhaõ, mandou pedir-lhe o quizeſſe levar comſigo no triunfo debaixo do pálio, pois o elle tambem merecia; do que ſe D. Paulo eſcuſou reſpondendo com aquellas palavras de Chriſto: *Gloriam meam alteri non dabo.* E que naõ era ordem repartir-ſe o triunfo, que elle merecia por Geral daquella empreza, com outrem; que em todas

todas as mais couzas consentira de muito boa vontade. Tomado D. Antonio disto, fallou-se com os bantineiros de Malaca, e convocou soldados seus amigos por toda a Armada, e determinou de fazer por si desembarcaçaõ. E assim o fez, porque vindo o Sabado seguinte, primeiro que D. Paulo desembarcasse, partio elle do seu galeaõ, e todas as mais embarcações dos seus amigos de redor delle embandeiradas todas, e tocando muitos instrumentos, e disparando muitas bombardadas, e espingardadas, e endireitando com o cáes, que estava feito para D. Paulo, desembarcou nelle, e em pondo os pés em terra, se adiantaraõ muitos dos seus soldados, e tirando as capas, e capotes dos hombros, lhos estenderaõ pelo chaõ para elle passar por cima; e assim foy levado té a Igre-

ja

ja com grande regozijo, e louvores de todos aquelles.

D. Paulo de Lima foy avizado daquillo, do que lhe deo pouco; e logo se desembarcou com todos os seus Capitães, e soldados armados, assim, e da maneira, que na batalha se acharaõ, e pondo os pés em terra com a bandeira de Christo diante, e a dos imigos arrastando-se por seus pés, desparando-se naquelle tempo assim da Armada, como da Cidade aquella tempestade de artilharia, que parecia tremer o mar, e a terra; e posto D. Paulo na borda do cáes, deixou desembarcar todos os seus Capitães, e mandou ordenar os escoadrões assim como entraraõ em Jor; D. Joaõ Pereira na dianteira, e logo Matheus Pereira de Sampayo, e o Capitaõ mór na retaguarda. Ordenado tudo, foy o Capitaõ

taõ mór entrando pelo cáes, no qual eſtavaõ todas as Religiões, e Clereſia com ſuas Cruzes, e ciriaes, que começaraõ a cantar *Te Deum laudamus*; e á meia parte eſtava huma alcatifa eſtendida com humas fermoſas almofadas, nas quaes eſtava encoſtado hum devoto Crucifixo, e a ſeus pés huma fermoſa Capella de roſas, boninas, e hervas cheiroſas, e de redór o Biſpo, e os Vereadores com todo o povo. Chegado aqui D. Paulo, poſtrouſe no chaõ, e adorou a figura do Senhor, e o Biſpo tomou logo a Capella, e lha poz na cabeça, e depois o abraçou, dizendo-lhe publicas, e breves palavras de louvores, e o meſmo fizeraõ os Vereadores em huma diſcreta falla; e depois eſtenderaõ hum fermoſo, e rico pálio, e o meteraõ debaixo, e aſſim foy triunfando com a Coroa

na

na cabeça, a qual os Romanos chamavaõ Civica, ou Mural, que ſe dava a qualquer Capitaõ, que livrava, ou deſcercava alguma Cidade; e naquella ordem chegou té a Igreja maior, onde ouviraõ Miſſa, e deraõ graças ao Altiſſimo Deos pelas mercês, que lhe fez, e dalli ſe recolheraõ a ſuas caſas.

COPIA DE HUM CAPITULO de huma carta de D. Paulo de Lima á Senhora D. Helena de Souza em Malaca em 26. de Novembro de 1587.

DEy na Cidade de Jor com quatrocentos ſoldados: tendo oito mil homens de defenſa, e tres Reys de ſoccorro, a tomey, e aſſoley com o favor Divino, e com o esforço de valeroſos Capitães, e ſoldados. Nella tomey mais de mil peças

peças de artilharia de bronze, e os ſoldados muita prata, e ouro, fazenda: mandey dar noutras povoações, e Cidades, e tomaraõ-ſe em todos os lugares mais de mil e duzentas embarcações, em que entraraõ muitas galés, galeotas, e fuſtas. Eſtou de caminho para Ceilaõ, que eſtà de cerco; ſe o fizer alevantar ao Rajào, parece que poderey ir deſcançar, conteſtando com a obrigaçaõ do meu officio, e naõ ſe queixaráõ os parentes, que por parte deſte pobre Fidalgo ſe diminuío, ou apoucou o nome deſte appellido.

CAPITULO XXXI.

Do que D. Paulo de Lima fez em Malaca, e mandou ſeu irmaõ D. Pedro de Lima ao eſtreito de Sincapura dar guarda aos juncos, e do que mais ſuccedeo a D. Paulo em Ceilaõ, e até chegar a Goa.

TEndo eſte Vitorioſo Capitaõ repouzado alguns dias, lhe pedio a Cidade que mandaſſe alguns navios da ſua Armada aos eſtreitos de Sincapura, e Sábaõ a favorecerem os juncos dos Jáos, que começaraõ a vir para aquella Cidade, porque a Armada do Rajale Rey de Jor lhe naõ impediſſe a paſſagem. Pelo que logo deſpedio a eſte negocio ſeu irmaõ D. Pedro de Lima, a que deo duas galés; huma

huma em que elle foy, e da outra elegeo Capitaõ Sebaſtiaõ de Miranda Dazevedo; e lhe deo mais ſeis fuſtas, Capitães, e ſoldados da ſua Armada a elle eſcolher. A 15. de Outubro ſe fez D. Pedro á véla, e de paſſagem entrou no rio de Jor, e vio ainda aquelle grande incendio, que conſumio tudo, e tomou huma embarcaçaõ com alguns Malayos, dos quaes ſoube que ſe eſperava a outro rio por El-Rey, que havia de ir ter a hum certo lugar pelo rio dentro, onde determinava fundar nova Cidade pela de Jor, que perdeo. D. Pedro deſejoſo daver aquelle Rey ás mãos, foy-ſe pelo rio acima, levando na ſua galé os Malayos por guia, e encontrando com ſete navios, de que era Capitaõ mór hum Quiſnadaõ Malayo por nome, que levava alli ſua mulher, e filhos,

 come-

cometeo as fuſtas, e depois de huma teza briga, o renderaõ, e tomaraõ todos, ſem lhe eſcapar huma peſſoa. Alcançada eſta vitoria, ſe ſahio para fóra, e ſe foy na volta de Bintaõ, Cidade ja fermoſa, e próſpera, a qual ſeus moradores deſpejaraõ de medo, e os noſſos lhe puzeraõ fogo, e a abrazaraõ. E por aquelle eſtreito de Sábaõ andou D. Pedro de Lima todo o mez de Novembro, em que deixou feito grandes deſtruições em muitas aldêas, em que houveraõ boas prezas, e muitos cativos, e fez arribar a Malaca todos os juncos de mantintos, e fazendas, que vinhaõ da coſta de Jaoa, com o que ſe recolheo.

D.Paulo de Lima quiz avizar ao Viſo-Rey da mercê, que Deos lhe tinha feito, por ſaber que havia de toda a India eſtar em ſuſtos, e rece-

e receios: ao que despedio Simaõ Dabreu de Mello, e escreveo ao Viso-Rey o successo todo de sua jornada; porque o Simaõ Dabreu havia de ir tomar Cochim, a tempo que achasse inda as náos do Reyno. E em huma náo do Reyno, que aquelle anno tinha vindo a Malaca por contrato, de que era Capitaõ Francisco de Brito do Rio, escreveo a ElRey muito largamente, e lhe mandou algumas peças de artilharia de bronze muy grandes, e fermosas, das que tomou em Jor, para verem na Europa, que naõ pelejavaõ os Portuguezes na India contra salvagẽs com páos, e pedras, senaõ com outras taõ politicas como todas, e contra taõ furiosos, e medonhos basiliscos, e canhões reforçados, como onde melhor se exercita a Milicia. Esta náo naõ partio esta monçaõ, e ficou

cou para o anno ſeguinte; e andando o valeroſo Capitaõ mór D. Paulo dando ordem ao preſidio, que havia de deixar em Malaca, ſendo na entrada de Outubro, lhe deraõ cartas do Viſo-Rey, em que lhe pedia ſe apreſſaſſe, e que com toda a ſua Armada foſſe tomar Ceilaõ, porque eſtava a Fortaleza de Columbo muy apertada do tyranno Rajáo, para elle, e o Capitaõ Manoel de Souza Coutinho darem nos imigos, e os deſalojarem, e que naquella Fortaleza acharia largos Regimentos do que havia de fazer.

Com eſte avizo ſe apreſſou D. Paulo, e deo em breve ordem ao provimento daquella Fortaleza, e lhe deixou para guarda dos eſtreitos huma galé com ſeis fuſtas muy bem provídas de tudo o neceſſario, e deo ordem a outras couzas, porque

que levava os poderes do Viso-Rey na justiça, e fazenda; e quando foraõ 24. de Janeiro de 588. se fez á véla, dando por Regimento a todos os Capitáes, que se se apartassem delle, o fossem esperar na bahia de Columbo em Ceilaõ. E assim foraõ seguindo sua derrota, em que logo se apartaraõ, e se fizeraõ na volta de Columbo, onde chegou primeiro Matheus Pereira de Sampayo Capitaõ da galeaça, e logo ao outro dia D. Joaõ Pereira, e Francisco da Sylva em seus galeões, e as fustas de D. Nuno Alvres Pereira, e a galé de D. Pedro de Lima; porque estava aquella Fortaleza bem necessitada de soccorro, e o cerco muy apertado, que lhe tinha posto o Rajáo Senhor tyranno de toda aquella Ilha.

Havendo poucos dias, que tinha chegado de Goa Manoel de Souza

Souza Coutinho, que logo ſucce-deo na governança da India, que o Viſo-Rey D. Duarte tinha mandado de ſoccorro com huma boa Armada de galés, e de fuſtas para ir deſcercar aquella Fortaleza, lhe deo por Regimento que eſperaſſe por D. Paulo de Lima, para que ambos com o Capitaõ da Cidade, que era Joaõ Correa de Brito, ſahiſſem aos imigos, e que entre elle, e D. Paulo naõ houveſſem pontos de preferencias, guardando-ſe todo o decóro, que ſe devia a Manoel de Souza por Capitaõ mór daquelle ſoccorro, e a D. Paulo de Lima por Capitaõ mór do mar de Malaca, e que vinha com huma vitoria tamanha, da qual aquellas partes, e a India toda ſe ſegurava. E que o Capitaõ da Fortaleza levaſſe a bandeira de Chriſto quando ſahiſſem fóra, e elle, e D.Paulo

lo

lo as ſuas de campo; e que eſta boa correſpondencia, e primor deixava na prudencia delles Capitães, e aſſim o eſcreveo a D. Paulo de Lima, e porque na conformidade de todos eſtava o remedio daquella Fortaleza. O Rajáo quando vio tantas Armadas, e teve logo avizo que ſe eſperava por D. Paulo de Lima, que vinha taõ vitorioſo de Reys taõ potentes, logo determinou de os naõ eſperar, e de ſe deſalojar o mais ſecretamente que pudéſſe; para o que ſe preparou, e começou a recolher a artilharia. De tudo tiveraõ logo os Capitães avizo, e ajuntando-ſe Manoel de Souza Coutinho, e Joaõ Correa de Brito, convocaraõ conſelho geral de todos os Capitães, para lhes proporem ſe ſeria bom ſahirem aos imigos, que eſtavaõ medroſos, e alcançarem delles huma

ma muito grande vitoria, que esperavaõ de lhes dar Deos N. Senhor. Todos os Capitães acodiraõ ao conselho, sómente D. Joaõ Pereira, que mandou dizer aos Capitães que elle era da companhia de D. Paulo de Lima, e naõ se havia de achar em conselho a que elle naõ estivesse: e praticada entre todos esta determinaçaõ, e certificando o Capitaõ que o Rajáo estava movido a se reçolher, que seria bom darem primeiro nelle, e desbaratarem-no, porque se naõ fosse louvando dos danos, que deixava feitos naquella Fortaleza; e debatido o caso, vieraõ a resolver em que se havia de esperar por D. Paulo de Lima, como o Viso-Rey mandava, que poderia ser alli ao outro dia; e que no entretanto tivessem espias sobre o imigo, e que tanto que se desalojasse, déssem

nelle, por se naõ perder aquella occasiaõ. E assim se puzeraõ logo em ordem para isso, repartindo-se todo o poder em tres bandeiras por esta maneira. Manoel de Souza Coutinho, que havia de levar a vanguarda, com a gente da sua Armada, e a de D. Nuno Alvres Datouguia, que a Cidade de Cochim mandou de soccorro, que seriaõ mil Portuguezes, com toda a gente de terra debaixo da Capitanía de Francisco Gomes Leitaõ, o qual Manoel de Souza sahiria com todo o seu escoadraõ pelo baluarte S. Thomé, e se iria senhoriar da pedreira: Bernardo de Carvalho, que tinha antes de D. Paulo vindo de soccorro com huma boa Armada, com a gente della, que foraõ trezentos homens, havia de vir tomando o caminho da lagôa até se pôr na ponta da Ilha: o Capitaõ

da

da Cidade, e da bandeira de Chri-
ſto, com a gente da ſua rolda; e
a de Joaõ Cayado de Gamboa com
a que tinha vindo de ſoccorro de
Goa, e a que veo de S. Thomé, e
Manar; e todos os Capitáes da
Armada de D. Paulo de Lima, que
quizeraõ acompanhar a bandeira
de Chriſto, que paſſavaõ de qui-
nhentos homens, na retaguarda.

Diſpoſto iſto aſſim, deſpe-
diraõ o Modeliar Diogo da Sylva
com trinta ſoldados eſcolhidos pa-
ra irem eſpiar os imigos, e achan-
do que ſe deſalojavaõ, lhes fizeſſe
ſinal com tres eſpingardadas; e pa-
ra os favorecer deixaraõ fóra a D.
Joaõ Pereira com ſeus ſoldados, e
ſeu irmaõ D. Nuno Alvres Pereira.
O Modeliar chegou a ver os imi-
gos, e achando que ſe deſalojavaõ,
fez ſinal, ao qual foy D. Joaõ Pe-
reira abalando, e cometeo a tran-
queira

queira dos imigos com muito animo, e a poucos golpes foy entrada. Os Capitães ouvindo o final, fahiraõ da Fortaleza na ordem, que eftava affentada; Manoel de Souza chegou á tranqueira da primeira cava, onde inda achou hum corpo de gente, e indo-a cometendo, deraõ elles fogo á tranqueira, como o Rajáo lho tinha mandado, e fe recolheraõ; e os da companhia de D. Joaõ Pereira, de Francifco Gomes Leitaõ, e Joaõ Cayado de Gamboa, a quem os Capitães mandaraõ dizer fizeffem o officio de Capitaõ da dianteira, foraõ feguindo o alcanço até a ponte de Matacoré, a qual os imigos, como fe viraõ da outra parte, cortaraõ com muita preffa, na qual os noffos tiveraõ huma grande peleja com os imigos. E porque todos os fucceffos defta vitoria fe contaõ em feu

lugar,

lugar, porque isto he só particular de D. Paulo de Lima, passaremos por elles; sómente diremos que o imigo se recolheo perdido, e desbaratado de todo. Arrematou-se esta vitòria ás tres horas da madrugada, estando os nossos Capitães nas tranqueiras dos imigos, onde esperaraõ a manhãa, que como esclareceo, descobriraõ aquella maquina das tranqueiras, que era hũ labyrinto, as quaes mandaraõ desfazer com muita pressa. Perdeo o imigo neste cerco de redor de dez mil homens, e grande numero de cativos; e dos nossos por todo o discurso delle perderse-hiaõ vinte quatro sómente.

Ao outro dia chegou D. Paulo de Lima, e sabendo a grande vitoria, que Deos N. Senhor deo aos nossos, a festejou muito, e descançando, foy-se logo ao campo,

po, onde os Capitães andavaõ no desfazer das tranqueiras, e delles foy muito festejado, e ajudou a derrubar aquella maquina de baluartes, e cavas, que era hum infinito. Depois de tudo feito, se embarcou D. Paulo na sua Armada, e se fez á véla para Goa; e parece que houve alguma occasiaõ para elle dizer que o imigo se naõ dessalojara, senaõ depois que vira as gáveas do seu galeaõ. Chegou este Capitaõ a Cochim, onde aquella Cidade lhe fez hum grande recebimento; e por ventarem Nortes rijos se mudou aos navios de remo, em que chegou a Goa. Tanto que o Viso-Rey teve recado, disse aos Vereadores que preparassem todo o recebimento possivel na entrada de D. Paulo, e que tirado o pálio, que era do Viso-Rey, tudo o mais merecia pelos seus feitos, e boa ventu-

ventura; e assim fez sua entrada; a mais fermosa couza que podia ser. E desembarcando no cáes, foy recebido dos Vereadores, Fidalgos, e tanto concurso do povo, que naõ havia romper. Desembarcou D. Paulo com hum capote de veludo roxo com muitas guarnições de ouro, gorra com plumas, medalha rica, e fermosissimo collar de pedraria sobre os hombros, e como era hum dos mais fermosos homens do Mundo, levou apoz si os olhos de todos, e daquelle grande tropel quasi nos braços de todos chegou ao terreiro do Paço, onde achou ao Viso-Rey, que o sahio a receber, que remetendo a elle, o levou nos braços, e lhe disse muitas palavras em seu louvor; bem merecido por seu grande esforço, e prudencia; e tendo alli cavallos, o fez cavalgar, e o levou

vou á ſua ilharga, e correraõ as carreiras com muito regozijo, e aſſim ſe recolheo á ſua caſa acompanhado de tudo o qne havia em Goa.

CAPITULO XXXII.

De como D. Paulo de Lima ſe embarcou para o Reyno na nao S. Thomé, e dos grandes, e piadoſos trabalhos, que paſſaraõ até viſta de terra.

POucos dias depois adoecéo o Viſo-Rey D.Duarte de humas febres malignas, andando occupado no provimento de Malaca, e Ceilaõ; e como o mal era de morte, ao ſeteno falleceo, e foy aos 4. de Mayo de 88, com grande dor, e ſentimento de toda a India, e foy levado á Igreja dos Reys Magos acompanhado de todas as Or-

dens, e Cleresia. E estando seu corpo na capella maior, se abrio a primeira Successaõ da governança da India, na qual se achou Mathias Dalbuquerque, que era ido para o Reyno; e abrindo-se a segunda, sahio nella Manoel de Souza Coutinho, que logo foy obedecido. Isto sentio D. Paulo de Lima tanto, por cuidar que merecia aquelle lugar, que logo se começou a fazer prestes para se partir para o Reyno; como fez na Armada, que tinha partido do Reyno, de que era Capitaõ mór Joaõ de Toar Caminha, na náo S. Thomé, de que veo por Capitaõ Estevaõ da Veiga, embarcando comsigo a ossada de seu filho D. Paulo, que seria de sinco, ou seis annos, taõ parecido a seu pay, que era couza de espanto. E assim elle lhe queria tamanho bem, que pasma-

va

va por elle, e quando lhe falleceo, fez extremos ſobrenaturaes, e o enterraraõ em S. Franciſco de Goa no Capitulo pegado á capella, onde lhe puzeraõ grade, e panno de veludo preto. E quando lhe tirou dalli a oſſada, logo a houve eu dos Padres, por eſmola que lhes dey, a meſma cova para meu enterramento: e foy couza juſta, que pois fuy na vida taõ grande amigo ſeu, lhe herdaſſe na morte a ſepultura, que tinha para ſi, e ſeus deſcendentes, da qual tomou poſſe o tenro, e fermoſo Adonis D. Paulo ſeu filho, e ſobre ella tenho hoje minha campa, e letreiro, eſperando cada hora de a ir povoar, como a mais certa morada da terra. Em fim elle ſe embarcou com toda ſua caſa em Janeiro de 89, e porque todas as mais náos da companhia de Joaõ de Toar chegaraõ a ſalva-
 mento,

mento, as deixaremos para continuar com esta, para cuja viagem vou aparelhando as lagrimas, e suspiros, que me custa, cada vez que isto leio.

Tomou esta náo a derrota por fóra dos baixos, e indo demandar a Ilha de Diogo Rodrigues, que está em vinte gráos do Sul, alli lhe deo o vento Susuéste taõ rijo, que logo alevantou os mares de feiçaõ, que indo correndo a náo á vontade do vento, com o trapear que fez abrio pela prôa pela boteladura, por onde lançando fóra a estopa do calafetamento, começou a fazer alguma agoa, a que logo acodiraõ, e remediaraõ muito bem. E abonançando-lhe o vento, foraõ sua derrota té altura da ponta da Ilha de S. Lourenço, em altura de vinte e seis gráos de Goa para cem legoas da terra, onde

de tornou a abrir outra agoa em maior quantidade, que a primeira, por outro lugar mais perigoſo, que foy por prôa abaixo das eſcoas ás primeiras picas, onde he mais difficultoſo de ſe ella tomar, que em toda a outra parte; e acodindo os officiaes, deſpejaraõ a náo por aquella parte, e deraõ com a agoa, que era muito groſſa, por cuſpir as eſtopas, e as paſtas de chumbo, que ſe prégaõ por cima; o que tudo naſceo do calafate, por cuja cauſa ſe perdem muitas náos. No que ſe tem muito pouco reſguardo, e os officiaes muito pouco eſcrupulo, como ſe naõ ficaſſem á ſua conta tantas vidas, e tantas fazendas, como ſe metem neſtas náos.

Achada a agoa, viraõ que era hum torno tamanho, que ſe hum official metia a maõ, a força della

della lha tornava a rebater para fóra; e porque se naõ podia tomar sem cortarem as picas, o fizeraõ contra o parecer de muitos, e todavia tendo cortado algumas, tornaraõ a sobre-estar, por ser aquelle lugar o em que se fecha toda a náo, e nella naõ hia pregadura para se tornar a remediar; porque as mais, ou todas estas náos andaõ a Deos misericordia, por pouparem quatro cruzados, e com facas, prégos grandes, e outras couzas entupiraõ o melhor, que puderaõ, aquelle lugar, e com muitos saquinhos de arroz, que meteraõ entre as picas, e liames, para que fizessem pegamaço, ordenando-lhe por cima huma arca, que sustentasse estes saquinhos de arroz por baixo, e os naõ pudésse a agoa suspender. Com isto ficaraõ alguma couza desaliviados, e a agoa começou a ser

menos na bomba, e assim foraõ seguindo seu caminho com bom tempo té altura de trinta e dous gráos e meio do Sul, cento e sincoenta legoas da bahia da alagôa, e oitenta da mais chegada terra do Natal. Nesta paragem lhe saltou o vento ao Ponente da parte do Suduéste, sendo ja onze dias de Março; com o que tomaraõ as vélas, ficando só os papafigos, com que se fizeraõ na volta do Norte, e com o trabalho do vento, e dos mares tornou a agoa a abrir pelo mesmo lugar taõ apressada, que em pouco espaço havia ja seis palmos no poraõ, e toda a gente se meteo em grande revolta, e se começou alijar ao mar todas as couzas do convés para ficarem as escotilhas léstes; e com os aldropes das bombas nas mãos sem descançarem passaraõ toda a noite.

Sendo

Sendo ja mais de dous palmos de agoa, que crefceo, o lastro do poraõ fe começou a cobrir, e as pipas, e páo preto, que por cima ja andavaõ nadando de bordo a bordo, dando no coftado da náo tamanhas pancadas, que abalava toda a náo. E porque à agoa crefcia, atraveffaraõ os officiaes algumas entenas por cima das efcotilhas de popa, e de prôa, pelas quaes ordenaraõ muitos barrís de feis almudes, que defciaõ, e fubiaõ com facilidade; aos quaes fe repartiraõ todos os da náo, fem haver exceiçaõ de peffoa, fendo D. Paulo de Lima, que nella hia com fua mulher, o primeiro, e affim Bernardino de Carvalho, o Capitaõ Eftevaõ da Veiga, Gregorio Botelho fogro de Guterre de Monroy, que levava alli fua filha para feu marido que eftava no Reyno, e ou-

e outros Cavalleiros, e Frades, que na náo hiaõ, que todos de dia, e de noite trabalharaõ nas bombas, e aldropes dos barrís, ſem ſe apartarem delles nem para comer; porque os Frades andavaõ pelo convés com biſcoito, conſervas, e agoa conſolando a todos aſſim corporal, como eſpiritualmente. E com toda eſta diligencia a agoa era cada vez mais, com o q̃ ſe determinaraõ a ir buſcar a terra no mais perto para vararem nella, para onde viraraõ com o tranquete de prôa, e cevadeira, e naõ ouſaraõ de bolir na véla grande, por naõ largarem os aldropes, e bombas das mãos; porque qualquer eſpaço, que o fizeraõ, baſtara para ſe ſumergirem. E indo demandar a terra, ſendo já 14. de Março, ſe acabou de encher o poraõ de agoa, e as bombas de ſe entupir com a pimenta,

menta, que foy ao poraõ; por onde ja deixavaõ de laborar, e os homens a defcorfoar. Mas aquelles Fidalgos, Religiofos, e Cavalleiros honrados com grande coraçaõ, e animo trabalhando fempre, esforçavaõ os mais ao trabalho, perfuadindo a naõ largarem os aldropes das mãos, porque iffo os fuftentava. Os officiaes gaftaraõ aquelle dia em defentupir as bombas, forrando as trempes com folha de flandes, por fe naõ tornarem a empachar. E porque tambem era neceffario alijarem ao mar tudo o que pudéffem, encomendaraõ efta eleiçaõ a certas peffoas, que foraõ deitando á agoa todas as riquezas, e louçaínhas, de que a náo hia riquiffima, ganhado tudo com tanto fuor de huns, e com tantos encargos de outros. Ao outro dia, que foraõ 15. do mez, eftava

tava ja a cuberta de ſobre poraõ cheia de agoa, e o vento era Suduéſte, e de quando em quando vinha com huns ſalſeiros de agoa muito rijos, que lhe davaõ outro trabalho de novo. Em fim que tudo era contra elles, até o léme da náo; que deixou de governar; por cuja cauſa ella ficou atraveſſada ſem vélas, por ſerem todas rotas, naõ acodindo os da náo a nada, por naõ largarem as bombas das mãos, porque niſſo eſtava algum remedio, ſe o havia.

Toda eſta noite de 14. para 15. de Março paſſaraõ com grandes trabalhos, e deſconſolaçóes, porque tudo quanto viaõ lhes repreſentava a morte; porque por baixo viaõ a náo cheia de agoa, por cima o Ceo conjurado contra todos, porque até elle ſe lhe encobrio com a mór ſerraçaõ, e eſcuridade,

curidade, que ſe vio: o ár aſſuviava de todas as partes, que parecia que lhe eſtava brádando morte, morte; e naõ baſtando a agoa, que por baixo lhe entrava, a de cima, que o Ceo lançava ſobre elles, parecia que os queria alagar com outro diluvio, e dentro na náo tudo o que ſe ouvia eraõ ſuſpiros, gemidos, gritos, prantos, e miſericordias, que ſe pediaõ a Deos, que parecia que por alguns peccados dalguns daquella náo eſtava irado contra elles. Ao outro dia em amanhecendo, que ſe viraõ todos ſem nenhum remedio, trataraõ de lançar o batel ao mar, para o que foy neceſſario largar os barrís para ſe abrir a náo, a qual entre as cubertas parecia que andavaõ todos os eſpiritos danados com o eſtrondo das couzas, que nadavaõ, e davaõ humas nas outras,

tras, e que corriaõ de bordo a bordo; de maneira que aos que abaixo desciaõ se lhes representava o ultimo Juizo.

Os officiaes, e outros homens deraõ pressa ao concerto do batel, a que fizeraõ suas arrombadas, e o que lhe mais pareceo necessario para a viagem; o que tudo se fez com grande trabalho, pelos grandes balanços, que dava a náo, por andarem os mares cruzados, os quaes lhe entravaõ pelo portaló, que estava aberto, para por elle alijarem tudo ao mar, o que era causa de se acabar de alagar a náo. Ja neste tempo hiaõ governando a Nor Noroéste, porque se fazia o Piloto muito perto da terra; e assim o estavaõ tanto, que aquelle dia ao pôr do Sol affirmou hum marinheiro que a vira, e brádou de cima da gávea terra, terra; e por naõ

naõ ſaber o Piloto ſe naquella parte haveria arrecifes, aonde ſe naõ encalhaſſe, e perdeſſem todos, pareceo lhe bem deſviar-ſe, e governar ao Nordéſte, para como foſſe de dia a ir demandar para ſe poder ſalvar toda a gente, que toda aquella noite paſſou na mór afflicçaõ de eſpirito, e no mór trabalho do corpo, que ſe podia imaginar.

CAPITULO XXXIII.

Do mais que paſſou atê a gente da náo ſe recolher ao batel, por verem a náo que ſe hia apique ao fundo.

AO outro dia tanto que amanheceo naõ viraõ terra, e lançaraõ o batel ao mar com muito trabalho; porque indo no ár ſobre os aparelhos, ſe lançavaõ os homens

mens a elle como doudos, ſem D. Paulo, que ſe tinha metido dentro com huma eſpada na maõ, lhes poder valer; porque ſe quiz ſegurar dos marinheiros, que ſe naõ foſſem nelle, e o deixaſſem: e ſem embargo de cutilladas, e crizadas, que ſe deraõ em muitos muy deſpiadoſamente, naõ deixou de ſe lançar nelle tanta gente, que em chegando ao mar ſe houvera de ſoçobrar, e com muito trabalho tornou D. Paulo a fazer ſubir alguns para cima, promettendo-lhes que todos os que coubeſſem ſe haviaõ de ſalvar nelle. E ficando o batel em bom eſtado, ſe foy pôr por popa da náo para tomar pela varanda as mulheres, que alli hiaõ, os Frades, os homens Fidalgos; e porque a náo dava grandes balanços, e houveraõ medo, que ſe meteſſe o batel no fundo, afaſtou-ſe hũ pou-
co

co para fóra, e dalli ſe deo ordem para que as mulheres ſe amarraſſem com peças de caças, pelas quaes dependuradas as calavaõ abaixo, e o batel chegava a tomallas mergulhadas muitas vezes com muito trabalho, laſtima, e mágoa de todos.

Neſta obra andava na náo Bernardino de Carvalho, ſobre quem deſcarregaraõ todos os trabalhos daquella preparaçaõ, e de toda a náo; porque D. Paulo de Lima como era bom Chriſtaõ, e temente a Deos, havia que aquelle caſtigo era por ſeus peccados; com o que andava ja taõ acanhado, que naõ parecia ſer aquelle, que em taõ grandes riſcos, e perigos, como os em que ſe vio, nunca perdeo hum ponto do ſeu esforço, e animo, que aqui lhe faltou de todo. Tomaraõ-ſe deſta maneira a mulher do meſmo D. Paulo, D. Ma-

rianna mulher de Guterre de Monroy, e D. Joanna de Mendoça, mulher que fora de Gonçalo Gomes de Azevedo, que hia para o Reyno meter-se em hum Mosteiro desenganada do Mundo, sendo inda moça, Donna muito virtuosa, e que em toda esta jornada deo a todos hum admirável exemplo de sua virtude, como em seus lugares tocaremos; a qual levava comsigo huma filha de menos de dous annos, com quem ella estava abraçada com os olhos no Ceo pedindo a Deos misericordia, e para a amarrarem, foy necessario tiralla dos braços, e entregalla a huma ama sua. Apoz ellas se embarcaraõ os Padres, e Bernardim de Carvalho, e derradeiro de todos o Mestre, e Contramestre, que andaraõ fazendo prestes alguns barrís de biscoito, e agoa, que lançaraõ no batel, e com elles

se entulhou o batel, e foy afastando.
D. Joanna vendo que lhe ficava a filha na náo, a qual via estar no cóllo de sua ama, que de lá lha mostrava com grandes prantos, e lastimas, foraõ tantas as mágoas, e couzas que disse, que moveo a todos a chegarem á náo, e pedirem a menina á ama, dizendo-lhe que a amarrasse a huma caça, e a lançasse abaixo; o que ella naõ quiz fazer, dizendo que tambem a tomassem, senaõ que a naõ havia de entregar: e nunca a puderaõ persuadir a outra couza, por muito que sua Senhora lho pedio com lagrimas, e piadades, que puderaõ mover hum tigre, se tivera a criança em seus braços. E porque nisto houve detença, e a moça estava emperrada, e a náo dava huns balanços cruelissimos, foy forçado afastarem o batel, porque se naõ metesse

teſſe no fundo; o q̃ foy com grande compaixaõ da triſte mãy, que eſtava com os olhos na filha com aquella piadade, com que todas as coſtumaõ pôr nos ſeus, que muito amaõ. E vendo que lhe era forçado deixalla, tornando a moça a teſtificar com a menina, que em ſeus braços a havia de entregar áquellas crueis ondas, que parecia que ja a queriaõ tragar, virou as coſtas para a náo, e pondo os olhos no Ceo, offereceo a Deos a tenra filha em ſacrificio, como outro Iſac; pedindo a Deos miſericordia para ſi, porque ſua filha era innocente; e ſabia que a tinha bem ſegura.

Eſte eſpectaculo naõ deixou de cauſar a todos graviſſima dor naquelle eſtado, em que cada hum tinha bem de neceſſidade de compaixaõ alheia, ſe alli houvera animos livres para a poderem ter dos males

les doutros. Afastando o batel hum pouco, ficaraõ esperando de largo pelo P. Fr. Nicolao da Ordem dos Pregadores, que se naõ quiz embarcar no batel sem confessar quantos ficavaõ na náo; que pois a tanta gente lhe faltava todas as consolações de corpo, lhe naõ faltassem as da alma. E assim confessou, e consolou a todos com muita charidade, chorando com elles suas miserias, e absolvendo-os assim em particular, como em geral, e porque naõ era possivel chegar o batel a tomallo por força, porque estava apostado a se deixar ficar na náo para consolaçaõ daquella gente; mas tantas couzas lhe disse D. Paulo, e tantos protestos lhe fez com todos os mais que hiaõ no batel, que se houve de lançar ao mar, e a nado se recolheo no batel, onde foy muy festejado de todos por sua virtude,
e exem-

e exemplo, que em toda aquella viagem deo, pelo qual era muy amado, e reverenciado, e depois de ser recolhido, foraõ governando para a terra.

Os da náo vendo partido o batel, e naõ lhe ficando outra esperança de remedio, que aquè Deos, e elles ordenassem, fizeraõ algumas jangadas, o melhor que puderaõ, que ja ficavaõ a bordo da náo quando o batel se afastou; mas como Deos N. Senhor tinha escolhido aquelles para acabarem alli, todas se sumergiraõ, e o mesmo fizeraõ duas manchúas, q̃ hiaõ arizadas por popa da náo. E certo que parecia tudo castigo de Deos; porque facilissimamente se pudéra salvar toda a gente desta náo, se os do batel naõ quizeraõ tratar de si sós; porque bem puderaõ dar primeiro ordem a grandes jangadas,

em

em que se toda a gente recolhera com agoa,e mantimentos , as quaes o batel fora guiando té a terra, que estava taõ perto , que ao outro dia se vio , tendo ja para isso tanto espaço de tempo ; que durou a náo vinte e quatro horas sem lhe darem á bomba , nas quaes se puderaõ ordenar as jangadas , que quizeraõ , pois levavaõ entenas , mastos , e vergas , e tanta madeira, que lhe sobejava : porque mais difficultosa foy a perdiçaõ da náo Santiago no baixo da Judia , como na decima Decada fica dito , e fizeraõ-se muitas jangadas , de que algumas chegaraõ a terra , sem favor do esquife, nem batel , durando a viagem oito dias. Mas as pessoas , a que nesta náo se pudéra ter respeito , e que podiaõ mandar fazer isto, eraõ D. Paulo de Lima , que tinha perdido aquelle seu nunca vencido animo,

animo; com ſe ver com ſua mulher naquelle eſtado, e outro Bernardim de Carvalho; Fidalgo muito honrado, muito bom Cavalleiro; mas de natureza taõ branda, que por ver nos officiaes todos huma taõ grande alteraçaõ, diſſimulou com couzas que entendia bem, por ſe naõ perder tudo; porq́ eſta gente do mar em hum caſo como eſte naõ tem reſpeito a nada, nem elles depois foraõ caſtigados por exceſſos, que cometeraõ neſtas viagens.

CAPITULO XXXIV.

Do que ſuccedeo aos do batel até que chegaraõ a terra.

E Tornando ao batel: tanto que cometeo ſua viagem, acharaõ-no os officiaes taõ pejado, por ir muito carregado, e com todo o

groſſo

grosso debaixo da agoa; que fizeraõ grandes requerimentos que se lançassem algumas pessoas ao mar, para se poderem salvar as outras; o que aquelles Fidalgos consentiraõ, deixando a eleiçaõ dellas aos officiaes, que logo lançaraõ ao mar seis pessoas, que foraõ tomadas nos áres, e lançadas nelle, onde foraõ sumergidas das crueis ondas sem mais apparecerem. Este piadoso sacrificio levou os olhos dos que o viraõ tanto trás si, que ficaraõ como pasmados, sem saberem o que viaõ, ou como couza que se lhe representava em sonhos. E posto que estas seis pessoas se despejaraõ, ficaraõ no batel cento e quatro; e indo sua viagem, naõ puderaõ surdir avante; porque a agoa os hia lançando da terra para o mar, porque nem os homens hiaõ para remar de cançados dos trabalhos passados,

ſados, nem o batel hia para ſe marear de muy pezado. E ſendo meia noite, ſe acharaõ da náo ao mar hum bom eſpaço; pelo que tomando o remo, ſe tornaraõ chegar a ella, e viraõ dentro muitos fógos, que eraõ vélas acéſas, porque toda a noite os da náo paſſaraõ em prociſſoẽs, e Ladainhas, encomendando-ſe a Deos N. Senhor com vozes, e clamores taõ altos, que no batel ſe ouviraõ; e em amánhecendo, ſe chegou o batel bem á náo, e fallaraõ com os de dentro animando-os a fazerem jangadas, offerecendo-ſe a eſperarem para os acompanhar. Os de dentro reſponderaõ com grandes gritos, e prantos, pedindo miſericordia em vozes taõ profundas, e piadoſas, que metiaõ medo, e terror; porque como a manhãa naõ era bem clara, fazia parecer aquillo mais medonho,

nho, e eſpantoſo. Deſcoberto o dia, trataraõ de ir algumas peſſoas á não tomar eſpingardas, e mantimentos, ao que ſe lançaraõ a nado tres, ou quatro marinheiros, que em ſubindo acima, acharaõ ja a cuberta cheia de agoa, e a gente toda como alienada com o temor da morte, que eſperavaõ: e todavia tinhaõ no capitéo da popa hum fermoſo retábolo de Noſſa Senhora, de redor do qual eſtavaõ todas as eſcravas deſcabelladas em hum piadoſo pranto, pedindo áquella Senhora miſericordia, eſtando diante de todas a ama de D. Joanna com a menina nos braços, donde nunca a largou, cuja idade lhe naõ deixava conhecer o perigo, em que eſtava, e inda que o ſentira, lho fizera ſua innocencia eſtimar em pouco; porque naõ ha couza que faça parecer a morte mais temero-

za,

za, que o receio da ſalvaçaõ. Os marinheiros lançaraõ ao mar alguns barrís de agoa, e biſcoito, e hum de vinho, que ſe recolheraõ no batel, q̃ deſejou de chegar á náo a deſpejarſe inda de algumas peſſoas, porque naõ eſtava para navegar. Os marinheiros ſe recolheraõ ſem trazerem a menina de D. Joanna, porque os mais deſtes homens ſaõ deshumanos, e crueis por natureza. E porque naõ puderaõ chegar á náo para fazerem aquelle deſpejo. ſe afaſtaraõ, e deixaraõ aos officiaes fazer ſeu officio; os quaes foraõ deitando ao mar algumas peſſoas, que foraõ hum Diogo Fernandes muito bom homem, e muito apoucado, que acabara de ſer Feitor de Ceilaõ, e hum ſoldado chamado Diogo de Seixas, e Diogo Duarte mercador, e Diogo Lopes Bayaõ, que andaraõ muitos annos no Balagate,

gate, onde o Idalxá lhe tinha dado tres mil cruzados de renda, por ser homem de industria, e invenções, o qual tratava de cavallos de Goa para lá, e lhe levava todos os avizos, e inda se sulpeitava que era duvidoso na Fé; pelo que o mandavaõ para o Reyno, do qual na nossa decima Decada démos larga conta; porque foy o que teceo as meadas de se passar á terra firme Çufocan, que o Idalxá desejou de haver ás mãos para o matar, por lhe pertencer o Reyno, e assim desta vez o acolheo por ardîs deste Diogo Lopes, e lhe mandou tirar os olhos. Este Diogo Lopes, quando o tomaraõ para o lançar ao mar, entregou ao P. Fr. Nicolao hum bizalho de pedraria, que diziaõ valer dez, ou doze mil cruzados, encomendando lhe que se o pudésse salvar, o entregasse a seus procuradores,

radores, se fosse a Goa, ou a seus herdeiros, se Deos o levasse ao Reyno; e com estes homens lançaraõ tambem ao mar alguns escravos, que todos logo foraõ sumergidos daquellas crueis ondas.

Feita esta abominavel crueldade por mãos destes officiaes do mar, os quaes permittio Deos a pagassem muito cedo com todos, ou os mais delles morrerem em terra por aquelles matos com grandes desconsolações, começou o batel a tocar o remo para a terra; e sendo afastados da náo, ás dez horas do dia lhe viraõ dar hum grande balanço, e apoz elle esconder-se toda debaixo da agoa, desapparecendo á vista de todos como hum rayo, de que elles ficaraõ como homens pasmados; parecendo hum sonho verem assim huma náo, em que havia taõ pouco hiaõ navegando,

do, taõ carregada de riquezas, e louçaínhas, que quasi naõ tinha estimaçaõ, comida das ondas, sumergida das agoas, entesourando nas concavidades do mar tantas couzas assim dos que nella hiaõ, como dos que ficavaõ na India, adquiridas pelos meios que Deos sabe; pelo que muitas vezes permitte se logrem taõ pouco, como estes. E posto que este espectaculo foy muy temeroso a todos, á desconsolada de D. Joanna de Mendoça foy de mór dor, e paixaõ, porque via sua filha taõ tenra, e mimosa sua, manjar de algum monstro do mar, que póde ser que inda bracejando a tragasse; mas como ella tinha offerecido ja tudo em sacrificio a Deos, com elle praticou dentro em seu coraçaõ suas lastimas, a que elle naõ podia deixar de acodir com alguma consolaçaõ espiri-

eſpiritual, porque na paciencia, virtude, e exemplo, que neſta afflicçaõ moſtrou, ſe podia iſto ſuſpeitar. O batel deo á véla, que ſe lhe ordenou, e com o vento, que era Levante, foy demandar a mais perto da terra pelo rumo que levavaõ, da qual houveraõ viſta á tarde aos 20. dias de Março, e com grande alvoroço (ſe o podia haver em coraçóes que tantas mágoas viraõ havia taõ pouco) ſe foraõ chegando a ella, e por lhes anoitecer, tomaraõ a véla, porque lhe naõ foſſe encalhar em parte, onde ſe afogaſſem todos, já que Deos alli os levara. E certo que he couza muito para ponderar a perdiçaõ deſta náo, e a morte da gente, que nella ficou, porque em muitas couzas ſe vio ſer aquillo juizo de Deos muito evidente; porque ſe aquella noite, que o marinheiro diſſe que

via

via terra, acertára de pela manhãa o Piloto naõ se ir desviando de noite della, em nenhuma fórma pudéra perecer aquella gente, porque estariaõ quando muito della oito legoas, e a náo deo muito largo espaço para o batel lançar fóra aquella batellada de gente em terra, e tornar pela que lhe ficava: e inda pudéra fazer mais, que fora, virem com a náo té encalhar, que inda que fossé duas legoas de terra, ficava-lhe mais perto para se levar toda a gente no batel; e inda que o naõ tiveraõ, em jangadas, que alli fariaõ todos com grande alvoroço á vista da terra, se poderiaõ salvar; mas os peccados taparaõ os olhos a todos, para naõ entenderem isto, e se perderem aquelles, que nasceraõ para aquillo.

Ao outro dia pela manhãa se chegaraõ bem a terra, e surgiraõ

raő na quebrança do mar, por ſer alli tudo limpo, e lançaraő alguns marinheiros fóra, para irem ver ſe havia algumas povoaçóes, os quaes de cima de huns médaős de arêa enxergaraő fógos; e indo os demandar, deraő em humas palhaças, em que moravaő alguns Cafres, que em vendo aquelles homens lançaraő a fugir; mas tornando a conhecer ſerem Portuguezes, pela cómunicaçaő que com elles tinhaő, por cauſa do reſgate do marfim, que todos os annos alli vaő fazer, voltaraő logo a elles muy domeſticos, e em ſua companhia foraő té á praya ſem ſe entenderem, porque naő fallava nenhũ delles noſſa linguagem. Ventava neſte tempo Ponente, pelo que aſſentaraő todos de ſe irem de longo da coſta té o rio de Lourenço Marques, e recolhendo os marinhei-

ros, começaraõ a navegar; mas como o vento foy creſcendo, o fizeraõ os mares de feiçaõ, que lhe foy forçado vararem naquella praya, por naõ irem depois a fazello em outra, que perigaſſem.

Encalhado o batel, puzeràõ-ſe todos em terra com algum biſcoito que levavaõ, e prepararaõ as eſpingardas, e armas para huma neceſſidade, e aquella noite paſſaraõ entre huns médaõs de arêa, onde fizeraõ ſeus fógos, e paſſaraõ com muito boa vigia. Era iſto aos 22. de Março, e ao outro dia puzeraõ fogo ao batel para lhe tirarem a pregadura, por ſer couza eſtimada entre os Cafres, para com ella fazerem ſeu reſgate; e fazendo alforjes de cotonías para o caminho, ordenaraõ algumas borrachas de couros, que acaſo ſe lançaraõ no batel, para levarem agoa

para

para o caminho, e fazendo reſenha da gente, acharaõ noventa e oito peſſoas com as mulheres, das quaes nomearemos as de que tivemos noticia. O Capitaõ Eſtevaõ da Veiga, D. Paulo de Lima, D. Beatriz ſua mulher, Gregorio Botelho, ſua filha D. Marianna mulher de Guterre de Monroy, D. Joanna de Mendoça mulher que foy de Gonçalo Gomes de Azevedo, Bernardim de Carvalho, Manoel Cabral da Veiga, Chriſtovaõ Rebello Redovalho, Nicolao da Sylva, Diogo Lopes Leitaõ, hũ irmaõ da mulher de D. Paulo, Franciſco Dorta Feitor da náo, Antonio Caldeira filho de Manoel Caldeira Contratador das náos, o P. Fr. Nicolao, Fr. Antonio Capucho Leigo, Marcos Carneiro Meſtre da náo, Gaſpar Fernandes Piloto, Diogo do Couto, que ſe tinha perdido na náo
 Santia-

Santiago, e outros marinheiros, e grumetes. As armas, que se acharaõ, foraõ sinco espingardas, outras tantas espadas, hum barril de polvora, alguns morrões; e dos remos do batel fizeraõ hasteas de lanças, e por ferros lhe puzeraõ verrumas dos carpinteiros, e o biscoito se repartio por todos a dous, tres punhados cada hum, e enchendo as borrachas dagoa, começaraõ a caminhar aos 23. de Março, indo diante de todos o P. Fr. Antonio Capucho com hum Crucifixo arvorado, e ordenaraõ das vélas do batel dous andores amarrados em alguns remos para aquellas mulheres caminharem, os quaes haviaõ de levar ás costas os marinheiros, e grumetes, a quem D. Paulo de Lima prometteo huma quantidade de dinheiro. As mulheres, a de D. Paulo, e a de Guterre de

Mon-

Monroy levavaõ jubões brancos, calções compridos até o chaõ, e barretes vermelhos; só D. Joanna hia vestida no habito de S. Francisco, porque como hia com tençaõ de se meter Freira em algum Mosteiro de Santa Clara, quiz vestir alli o seu habito, porque se morresse naquelle caminho, fosse nelle, e assim lhe ficassem seus desejos cumpridos em parte: e depois o cumprio bem, porque ja que na India lhe faltou Mosteiro de Santa Clara, em que se metesse naquelle habito seu, que nunca mais largou, se recolheo para Nossa Senhora do Cabo, onde fez huma cazinha, ou huma cella, em que se foy agazalhar, por estar perto dos Padres Capuchos, que alli fazem vida santa, e ella naõ menos que elles, e assim vive com tanto recolhimento, abstinencia, e oraçaõ,

çaõ, que em nenhuma clausura pudéra ser mais, e sua vida, e exemplo tem consolado esta Cidade de Goa.

CAPITULO XXXV.

Em que se descreve esta parte da Cafraría, em que este batel encalhou, até o Cabo das Correntes, e dos Reys, e Senhores, que ha perto desta parte.

PRimeiro q̃ continuemos com o caminho, que estes perdidos fizeraõ por esta Cafraría, nos pareceo bem fazermos huma breve descripçaõ desta parte, porque de todas as mais a temos feita na nona Decada, onde tratamos das conquistas das Minas do ouro, que por alli andou fazendo o Governador Francisco Barreto, e Vasco Fernandes Homem; e agora a faremos

mos desde este lugar, onde este batel encalhou, até o Cabo das Correntes, onde chegamos com a outra descripçaõ dos Reynos de Monomotapa, e de todos os mais daquelle certaõ, e maritimo desta Ethiopia interior.

A esta parte, em que este batel encalhou, chamaõ os nossos mareantes cõmummente terra dos fumos, e assim está nomeada nas nossas Cartas de marear; o qual nome lhe foy posto pelos nossos, que por alli primeiro passaraõ, pelos muitos fumos que de noite viraõ em terra. Mas os Cafres naturaes lhe chamaõ terra dos Macomates, por huns Cafres assim chamados, que vivem ao redor daquellas prayas. Encalhou este batel em vinte e sete gráos e hum terço adiante de hum rio, que nas nossas Cartas anda sem nome, que

está

eſtá em vinte e ſete gráos e meio, ao qual os noſſos, que navegaõ de Moçambique para o rio de Lourenço Marques ao reſgate do marfim, chamaõ de Simaõ Dote, por hum Portuguez deſte nome, que a elle foy ter em hum pangayo; o qual rio he pequeno, e capaz ſó de embarcaçóes pequenas, e ſerá ſincoenta legoas afaſtado da bahia de Lourenço Marques para o Sul. Toda eſta terra dos fumos he do Rey chamado Veragune, que ſe eſtende mais de trinta legoas para o certaõ, e pela banda do Sul parte com outro chamado Mocalapata, que ſe eſtende até o certaõ de Santa Luzia, que eſtá em altura de vinte e oito gráos, e hum quarto; e até á primeira terra, onde ſe ajunta com outro Reyno do Vambe, que corre para o Sul, onde tambem os noſſos vaõ fazer reſga-

te

te do marfim. E defte Reyno, que toma muita parte da terra, que chamaõ do Natal, té o Cabo da Boa efperança, naõ ha Reys, e tudo he poffuído de Senhores, a que chamaõ Ancozes, que faõ Cabeças, e Regedores de tres, quatro, e finco aldêas. E tornando ao Reyno de Veragune, que he toda aquella terra dos fumos, vay o Reyno do Inhaca correndo ao Nordéfte, o qual fe eftende até a ponta da bahia de Lourenço Marques da banda do Sul, o qual nas noffas Cartas de marear fe chama o rio de S. Lourenço, que eftá em altura de vinte e finco gráos, e tres quartos; e ainda fenhorêa duas Ilhas, que eftaõ na mefma ponta, huma chamada Choamboene, que he povoada, e tem fete aldêas, que será de quatro legoas, e tem muitas vacas, cabras, e gallinhas; a ou-

tra

tra ſe chama Setimuro, que he deſpovoada, e ſerá de duas legoas; na qual os noſſos, que alli vaõ ao reſgate do marfim, ſe apoſentaõ para eſtarem mais ſeguros dos negros da terra; porque o mór cõmercio que tem he com eſte Inhaca. Tem eſta Ilha muito boa agoa, muitos peſcados, e tartarugas, inda que a caſca naõ preſta para nada; e porque temos chegado a eſta bahia, que he famoſa, e das principaes de toda eſta terra, a que os Geografos chamaõ Africa, faremos della huma demonſtraçaõ, para verem melhor os Reys que vivem de redor della.

Finjamos eſta bahia huma borboleta, que faz duas pontas; eſta do Inhaca, que diſſemos, e a outra da banda do Norte, onde eſtá o Reyno de Manhica, de que logo fallaremos, e ſerá diſtancia

de

de huma boca á outra ſeis legoas, e de fundo da boca para dentro quatorze braças: no meio da bahia faz huma Ilha, a que os noſſos puzeraõ o nome *dos páſſaros*, pelos muitos que alli ha, taõ grandes como patos, e taõ gordos, que de ſuas enxundias fazem azeite para as candêas, e bitácolas dos navios. As azas deſta borboleta, a da banda do Sul, he hum rio, que vay cortando ao Suduéſte, ſobre o qual de huma, e outra parte ſe eſtende o Reyno de Belingane, e aſſim ſe chama o rio. A outra aza da banda do Norte, que vay tirando direito a elle, he o rio de Manhica, do qual o Reyno toma o nome; o qual rio he o mór de todos, os que alli vem esbocar, e hum dos que diſſemos na noſſa oitava Decada na deſcripçaõ do Reyno de Monomotapa, que ſahia da

alagôa

alagôa grande juntamente com o Nilo, e outros; o qual rio ſe vay meter naquella parte, a que chamaõ cõmummente *bahia fermoſa*, que he o proprio rio do Eſpirito Santo. Aqui fazem os Portuguezes reſgate de marfim, e tem alli ſua feitoria, onde reſidem quatro mezes do anno, que dura eſta monçaõ.

O cabo deſta borboleta, que ſe divide em duas farpas, ſaõ dous rios, que da meſma maneira do cabo farpado vaõ meter-ſe naquella alagôa, que he o corpo deſta borboleta, e ſobre a farpa da banda do Norte jaz o Reyno do Bumo, que foy o em que Manoel de Souza de Sepulveda, quando por alli paſſou com ſua mulher, largou as armas, como na ſexta Decada eſcrevemos, e onde ella, e ſeus filhos morreraõ, e onde o meſmo

Manoel

Manoel de Souza desappereceo, metendo-se de mágoa de ver a mulher, e filhos mortos, pelos matos, onde parece foy comido das feras. Estemato dalli a alguns annos o mandou aquelle Rey cortar, e roçar, para aproveitar aquelles campos, no qual dizem os Cafres naturaes, que acharaõ dous anneis ricos de pedraria, que o Rey tem, e mostra ainda hoje aos Portuguezes; que alli vaõ resgatar, e de alguns soubemos estas couzas, e nos affirmaraõ que viraõ estes anneis, os quaes verosimelmente sentem serem do mesmo Manoel de Souza, que os levaria comsigo nos dedos.

A outra farpa do cabo da banda do Sul he hum Reyno, que chamaõ Anzate: e ha-se de saber que entre estes Cafres, tanto que hum succede no Reyno, logo se haõ de appellidar do nome do Rey-

no,

no, em q̃ ſuccede. Parte eſte Reyno com humas grandes ſerranías de mais de vinte legoas, taõ áſperas, intrataveis, e fortes por natureza, que naõ tem entrada, ſenaõ por alguns paſſos muito difficultoſos, e em cima ſe eſtendem muito largas campinas, as quaes ſaõ de hum Senhor chamado Monhipua, o qual por nenhum caſo deſce ábaixo, nem cõmunica com os viſinhos, porque todos huns, e outros ſaõ grandes ladrões. Ha neſtas ſerras infinitos elefantes, e eſte Senhor tem grandes caſas cheias de ſeus dentes, os quaes nunca quer reſgatar com os Portuguezes, porque ſe receia que mandando abaixo lhos tomem os viſinhos. Vive eſte Cafre em cima muito ſeguro de tudo, e ſem haver miſter ninguem, porque a terra lhe dá em cima tudo, o que lhe he neceſ-

ſario

ſario para paſſar a vida. Tem as gentes deſtas ſerras a meſma lingua dos Vumos, e Anzates ſeus viſinhos, e ſaõ todos cõmummente aſſim homens, como mulheres tamanhos de corpo, que parecem gigantes.

Eſtes dous rios, que fazem as farpas do cabo da borboleta dous dias de caminho, donde ſe mete lá em cima ſe faz outro rio, que atraveſſando Anzate té o Vumo, e vay cortando aquella farpa pelo meio, ſobre o qual vive hum Rey chamado Angomanes, cujo Reyno ſe eſtende para o Ponente, e corre eſte rio pelo pé de humas ſerras, em cuja fralda eſtaõ algumas povoações; e hum Portuguez nos diſſe que indo por eſte rio acima ao reſgate em huma embarcaçaõ, fora dar com a gente deſtas povoações, que andavaõ peſcando

do em barcos pequenos, os quaes vio, quando queriaõ alguma couza da terra, chegarem com ſeus barcos á parte que os podiaõ ouvir, e davaõ certos ſilvos, e atitos, aos quaes lhe acodiaõ os da aldêa com tudo o que queriaõ, porque por aquelles aſſuvios ſe entendem; mas naõ deixaõ de ter lingua propria, e muito differente de todas as mais daquelle Reyno.

E tornando á boca do rio do Eſpirito Santo, que he o focinho deſta borboleta, ao rio do Manhica, delle corre hum eſteiro, que vay tirando a Suduéſte, e corta aquella ponta, que fica em Ilha, a que os noſſos puzeraõ o nome *do mel*, da qual vay correndo a coſta direita até o rio dos Reys, a que hoje os noſſos chamaõ do ouro, que eſtá em altura de vinte e ſinco gráos, ſobre o qual da banda do Ponen-

Ponente ſe eſtende hum Reyno, que chamaõ do Inhapula, e da outra banda o de Manhica, que he vaſſallo do outro. Daqui vay encurvando a coſta até o Cabo das Correntes tanto, que faz huma muy penetrante enſeada, de que nas noſſas Cartas de marear ſe naõ faz demonſtraçaõ, á qual quando os navios, que de Moçambique vaõ ao rio de Lourenço Marques, parece que atraveſſaõ hum grande golfo, e de longo deſta enſeada vivem huns Cafres chamados Mocrangas grandes ladrões. No meio della anda lançado hum rio nas noſſas Cartas de marear em vinte quatro gráos menos hum quinto, a que chamaõ da Bazaruta, que alli naõ ha, nem por toda aquella coſta algum deſte nome: ſó ha as Ilhas de Bazaruta, que eſtaõ em vinte e hũ gráos e meio defronte da ponta,

 que

que nas noſſas Cartas ſe chama de S. Sebaſtiaõ, que eſtá em altura de vinte e dous gráos, e hum terço, do qual ja temos dado conta na nona Decada, na deſcripçaõ que atrás diſſemos que tinhamos feita de toda a Cafraría.

No ſertaõ deſta enſeada dos Mocrangas ha dous Reynos, o da Manhica que ja nomeámos, que fica na parte que diſſemos; o outro o de Inhabuze, que vay até hum grande rio que ſe chama Inharingue antes do Cabo das Correntes, que he o meſmo que acabamos de dizer que nas Cartas de marear ſe chama da Bazaruta; mas eſtá mais chegado ao Cabo das Correntes, do que ſe vê nas meſmas Cartas. Sobre eſte rio da banda do Ponente eſtá o Reyno de Pande viſinho ao de Inhambuze, o qual parte com o Reyno de Monhibe-

ne,

ne, que corre delle ao Norte de longo do meſmo rio, o qual vay partir com outro Reyno, que chamaõ do Zavará, que fica para o certaõ. Sobre eſte rio, e da outra banda ha outros dous Reynos, o de Gamba mais para o mar, e o Mocumba ao certaõ. Todos eſtes Reynos deſta deſcripçaõ ſaõ muy conhecidos dos Portuguezes, que vaõ de Moçambique reſgatar marfim áquelles rios, com o que concluímos aqui com elles. E porque he fóra de propoſito tratarmos tambem dos barbaros coſtumes, e leys deſtes Cafres, o naõ trato aqui, porque he fóra de minha tençaõ.

CAPITULO XXXVI.

Do que aconteceo á gente da perdiçaõ no caminho até chegarem ao rio de Lourenço Marques.

POstos os noſſos perdidos ao caminho, como atrás diſſemos, foraõ de longo da praya muito de vagar por cauſa das mulheres, comendo do pouco biſcoito, que levavaõ, e bebendo da pouca agoa das borrachas, que a mór parte della ſe lhe tinha ido pelas coſturas. E aſſim deſta maneira fazendo pouzo foraõ até a noite, que ſe recolheraõ a huns médaõs de arêa, onde ſe agazalharaõ, buſcando em todo eſte caminho ſempre hum lugar ſeparado para as mulheres, e alli fizeraõ ſuas fogueiras, e dormiraõ ſobre a dura arêa, que

naõ

naõ tinhaõ outros colchões, nem outros cubertores mais que o Ceo. Ao outro dia tornaraõ a ſeu caminho, ſem levarem ja que comer, nem que beber, e pela praya foraõ tomando alguns crangejos, que comiaõ aſſados, indo as mulheres ja muy cançadas, e ſobre todas bem deſconſolada D.Joanna de Mendoça, que as outras duas huma levava ſeu marido, e a outra ſeu pay, que as hiaõ ajudando, e conſolando o melhor que podiaõ: ſó eſta Donna hia deſabrigada, e magoada, porque naõ levava entre toda aquella gente huma peſſoa de ſua obrigaçaõ, que em hum trabalho a pudéſſe ſoccorrer; mas como Deos N.Senhor tinha os olhos nella, por levar todo o ſeu coraçaõ poſto nelle, quiz que ſe compadeceſſe della Bernardim de Carvalho Fidalgo de muita virtude, o qual ven-

vendo-a ſó , e cançada , ſe chegou a ella a lhe dar a maõ com tamanha honeſtidade , como ſe devia a huma mulher que tanto ſe tinha morta ás couzas do Mundo, que o proprio dia que poz os pés em terra veſtio o habito de S. Franciſco , e cortou ſeus fermoſos cabellos , fazendo delles ſacrificio ao meſmo Deos , deixando-os por aquellas partes entregues aos ventos , que os levaraõ ; e aſſim por todo o caminho , em quanto durou , deo tal exemplo de ſi , que levava admirados a todos. E aſſim eſte Fidalgo a foy ſervindo com tanto amor , e reſguardo , por ver nella aquella mortificaçaõ , q̃ eſquecido dos ſeus trabalhos , tomou tanto os alheios á ſua conta , que naõ ſey pay, nem irmaõ, que mais pudéra fazer. Aſſim foraõ caminhando com grande trabalho das mulheres , que ja le-

vavaõ

vavaõ os pés empollados, e feitos chagas; o que foy causa de irem taõ de vagar, que ao terceiro dia de jornada trataraõ algumas pessoas de se adiantarem, por naõ se atreverem com caminho taõ vagarozo, e taõ falto de tudo, que naõ comiaõ senaõ crangejos, e alguma fruta do mato, e outras couzas poucas, que foraõ resgatando com os Cafres. A esta desordem dos que se queriaõ adiantar acodiraõ o Capitaõ, e D. Paulo de Lima, e com palavras de muita obrigaçaõ os persuadiraõ a se deixarem ir, affirmando-lhes que Deos os soccorreria; e assim dahi em diante levaraõ melhor ordem, porque se repartiraõ em duas escoadras; D. Paulo de Lima com ametade da gente, e das armas diante, e o Capitaõ com a outra detrás, e as mulheres no meio, que hiaõ taes que cortavaõ os

cora-

corações a todos, e assim se foraõ compassando com ellas.

Ja neste tempo, que era ao quinto dia, hiaõ seguidos de alguns Cafres, que seriaõ de redor de trezentos, que parece levavaõ os olhos em alguns barretes, e naquella pouquidade que viaõ, e assim se foraõ chegando pouco, e pouco, até se desavergonharem a se atravessarem diante em som de cometer os nossos, fazendo suas algazaras, e meneando suas armas, a que elles chamaõ pemberar. O Capitaõ, e D. Paulo vendo aquella determinaçaõ, puzeraõ-se em hum corpo, deitando pela banda de fóra as espingardas, e lanças, levando sempre as mulheres no meio, e foraõ acometer os Cafres, que ja vinhaõ com grandes silvos, e gritos remetendo com os nossos, deitando sobre elles muitos arre-

meços

meços dos páos toſtados, a que chamaõ fimbos, que derrubaõ hum boy, ſe lhe acertaõ, dos quaes os noſſos naõ receberaõ dano; e deſparando nelles as eſpingardas, e ouvindo o eſtrondo, houveraõ tamanho medo, que todos juntos ſe deitaraõ pelo chaõ, e em gatinhas, como bogios em ſaltos, foraõ fugindo para os matos; com o que os noſſos ficaraõ livres delles, e foraõ continuando ſeu caminho.

No meſmo dia lhe ſáhiraõ por entre humas quebradas de humas ſerras outro magote de Cafres, entre os quaes vinha hum muito velho com barba toda branca, e cuberto com huma pelle de tigre, e junto a elle huma Cafra, que parecia ſua mulher; e chegando muito domeſticos aos noſſos, lhe diſſeraõ por acenos que os ſeguiſſem, o que fizeraõ, cuidando ſeria ſenhor

nhor de alguma aldêa, e foraõ pelo meſmo caminho, que elles trouxeraõ, pelo qual foraõ com trabalho, por ſer hum pouco áſpero, té chegarem a huma povoaçaõ, que eſtava ao longo de huma alagôa de mais de huma legoa de comprido: o Cafre lhe offereceo agazalhado, que elles aceitaraõ, onde repouzaraõ o que ficava do dia, e toda a noite ſem inquietaçaõ alguma, e as Cafras da aldêa acodiaõ a ver aquellas mulheres como couza de eſpanto. Toda a noite lhe fizeraõ muitas feſtas, e bailes, que lhe ellas perdoáraõ, porque com a matinada as naõ deixaraõ dormir, tendo bem grande neceſſidade de algum repouzo. Aqui lhe trouxeraõ gallinhas, cabras, peixe crú, e aſſado, maça de farinha de milho, de que faziaõ bolos, que tudo lhe reſgataraõ por pedaços de prégos, e algu-

e algumas camiſas, que para iſſo tiravaõ dos corpos. Paſſaraõ aqui outro dia naquella ruſtica recreaçaõ, e tomou o Piloto o Sol, e achou eſtar aquella alagôa em vinte e ſeis gráos e meio do Sul. He eſta alagôa de agoa doce, mas entra nella a maré por hum riacho, que de baixa mar ſe paſſa pelo joelho, que na boca faz o mar grande quebrança, e por eſſa cauſa a agoa da alagôa he hum pouco ſalobra; mas ha naquella parte muitos póços, de que bebem. Eſte dia foy de Ramos, e pelo muito agazalhado, que aqui receberaõ, puzeraõ áquelle rio nome o da abundancia.

Ao outro dia tornaraõ a buſcar a praya, pela qual acharaõ algumas aduélas de pipas, e hum páo de ſerra, e pedaços de táboas, e de outros páos; e os Cafres, que

hiaõ

hiaõ acompanhando os noſſos, lhe diſſeraõ que aquillo fora de Portuguezes, que alli aportaraõ : pelo que pareceo a todos que ſeria alguma das jangadas da náo Santiago, que ſe tinha perdido no baixo da Judia, que a corrente da alagôa levaria áquella parte; porque algumas das que ſe fizeraõ, naõ ſe ſoube mais que de duas. O mór trabalho, que os noſſos padeceraõ por eſte caminho da praya, foy a ſede que os apertava tanto, que ſe tornaraõ a meter pelo certaõ, inda que foſſe com mór trabalho; e ao outro dia, que partiraõ do rio da Abundancia, foraõ dar com outro riacho, que hia meter-ſe em outra alagôa, naõ menos que a paſſada, a qual paſſaraõ de baixa mar, e nelle tomou o Piloto ao outro dia o Sol, e achou-ſe em vinte e ſeis gráos, e hum quarto.

Daqui

Daqui por diante foraõ entrando pela terra do Rey de Manhica, de que na deſcripçaõ atrás fallamos, o qual ja tinha avizo daquella gente, e os mandou acompanhar por alguns homens ſeus, que os feſtejaraõ muito, e elles ſe alegraraõ em extremo com hum Cafre, que lhes fallou Portuguez muito claro, e lhes diſſe que havia menos de dez dias, que ſe tinha partido do rio de Lourenço Marques huma naveta para Moçambique, da qual era Capitaõ hum Jeronymo Leitaõ, que levava muito marfim. Aſſim neſte alvoroço chegaraõ á povoaçaõ, e á entrada della ſe aſſentaraõ á ſombra de huma fermoſa arvore, aonde acodio toda a aldêa aſſim homens, como mulheres a ver os noſſos, ficando como paſmados de ver as mulheres, couza que nunca

nunca viraõ; e as Cafras vendo-as taõ cançadas, e maltratadas, faziaõ moſtras de compaixaõ, e chegando-ſe a ellas, lhes faziaõ mimos, e caricias, offerecendo-lhes ſuas caſas, e inda as queriaõ logo levar comſigo. Naõ tardou muito ElRey, que logo chegou acompanhado de muita gente: vinha nú, e encachado com hum panno, que lhe cubria as partes inferiores, e cuberto com hum feragoulo de pâno verdozo, que lhe o Alferes mór D. Jorge de Menezes tinha mandado de Moçambique, ſendo Capitaõ. D. Paulo, o Capitaõ, e todos os mais ſe levantaraõ a elle, e o receberaõ com grandes cortezias; e elle com o roſto muito alegre os abraçou, e ſe aſſentou com elles ao pé da arvore, onde os noſſos lhe contaraõ ſua deſaventura, e trabalhos do caminho, e que com todos

todos vinhaõ muy alvoroçados por chegarem a elle, que ſabiaõ quaõ amigo era dos Portuguezes, e que nelle eſperavaõ de achar remedio para ſuas neceſſidades.

ElRey os ouvio muito bem, e lhes mandou reſponder humanamente condoendo-ſe delles, e lhes offereceo tudo, o que houveſſe em ſua terra; e porque pareceo bem aos noſſos darem a eſte homem alguma couza de preſente, porque eſtes Cafres ſempre eſtaõ com os olhos nas mãos, para verem ſe levais que lhes dar, buſcando entre todos alguma couza que lhe offerecer, acharaõ hum panno lavrado de ouro, com que D. Marianna ſe cobria, e huma bacenica de cobre, couza que elles muito eſtimaõ, e hum pedaço de ferro groſſo, e tudo lhe offereceraõ, mandando-lhe dizer que lhes perdoaſſe, que naõ

ſalva-

ſalvaraõ mais que ſuas peſſoas, como elle via, e inda aquelle panno tomaraõ áquella mulher; e aſſim lho lançaraõ por cima das coſtas, com o que ficou taõ ufano, que olhava para ſi de huma, e outra parte, e de alegre ſe ria para os Cafres, vendo que aquelle era o dia de ſeu maior triunfo; e logo deo recado aos ſeus para que lhes trouxeſſem alguma couza de comer, os quaes tornaraõ logo com dous balayos de hum legume, que chamaõ ameixoeira, e huma cabra, e lhes pedio que ficaſſem naquella aldêa, que nella os proveria como pudéſſe, até para o anno vir o navio do reſgate; e que era de parecer ſe naõ arriſcaſſem por terra, porque de longo daquella bahia, por onde haviaõ de paſſar, viviaõ huns Cafres grandes ladrões, que os haviaõ de roubar, e matar, e que ja
ſeu

ſeu pay avizara diſſo a Manoel de Souza de Sepulveda quando por alli paſſara, e que por naõ ter ſeu conſelho ſe perdera. Dizendo mais aos noſſos que ſe ſe naõ haviaõ por ſeguros naquella aldêa, que elle os mandaria pôr em huma Ilha, onde achariaõ inda as caſas, em que os Portuguezes viviaõ, quando alli vinhaõ ao reſgate do marfim, e huma embarcaçaõ pequena para ſeu ſerviço, e que lá os mandaria prover do que houveſſem miſter. Elles lho tiveraõ em mercê, e lhe aceitaraõ o conſelho, pedindo-lhe que os encaminhaſſe para a Ilha, e licença ſua para logo ao outro dia ſe paſſarem para ella.

ElRey quaſi que ſe tomou de taõ apreſſada reſoluçaõ, e deixando-lhe peſſoas para os acompanhar até os pôrem na Ilha, ſe recolheo, e os noſſos ſe ſahiraõ da aldêa, e

Aa foraõ

foraõ paſſar á noite fóra no cam-
po com grandes atalayas, e fógos,
e alli fizeraõ ſeus bolos, e guiza-
raõ ſeu comer; e os Cafres lhe le-
varaõ a vender gallinhas, graõs,
feijões, e outras couzas. Era iſto
em quinta feira de Endoenças, pe-
la qual rezaõ naõ ſe quizeraõ mu-
dar dalli até o dia de Paſcoa de Re-
ſurreiçaõ, que cahio a dous de
Abril. Eſte dia começaraõ a cami-
nhar com mais fogo, mas naõ com
menor trabalho; porque lhes cho-
veo tanta agoa, que os tratou mal:
e á ſegunda Oitava foraõ á viſta da
bahia do Eſpirito Santo, e por ſer
tarde, ſe alojaraõ aquella noite o
melhor que puderaõ, e ao outro
dia ſe chegaraõ ao mar, e os Ca-
fres que os guiavaõ fizeraõ ſinal
aos da Ilha, que eſtava perto, os
quaes logo acodiraõ em duas alma-
dias pequenas, em que ſe paſſaraõ
á Ilha

á Ilha naquelle dia, e no outro, e por ella caminharaó huma legoà; achando-a toda coberta de fermoſo arvoredo, e de paſtos muy viçoſos, nos quaes ſe apaſcentava muito fermoſo gado d'ElRey; e lá no cabo da Ilha ſobre a bahia acharão algumas caſas palhaças, em que ſe agazalharão, e ao outro dia paſſarão daquella Ilha a outra de baixa mar com agoa pela cinta, a qual ſe chama Setimino, de que fallamos em outra parte, onde acharão mais de ſincoenta choupanas, que os Portuguezes do reſgate deixarão feitas, e nellas ſe agazalharão como melhor puderão. Aqui acharão duas embarcações pequenas, e viſtas pelos officiaes da não, acharão que eſtavão muy boas para ſe poderem paſſar á outra banda da bahia, que era tão larga, que ſe não enxergava a

terra de huma parte para a outra; e alvidraraõ que huma, que era mais capaz, poderia recolher setenta pessoas, e a pequena quinze; com o que todos ficaraõ alegres, porque haviaõ que como se vissem da outra parte, teriaõ mais remedio para passar a C,ofalla. E assim começou o carpinteiro a concertar as embarcaçoes, e mandaraõ pedir para isso licença ao Manicha, e algumas peças de prata das poucas, que se salvaraõ, o qual concedenlha, foraõ dispondo tudo para a viagem.

CAPITULO XXXVII.

Como os da Ilha se começaraõ a querer passar a outra banda, e dos novos trabalhos, que passaraõ, e em que se viraõ.

TEndo tudo prestes para a passagem, aos 18. de Abril se come-

começaraõ a embarcar em ambas as embarcaçóes, cuidando que fosſem capazes de levar todos ; e tanto que a gente ſe começou a embarcar , começaraõ ellas a encherſe dagoa , de feiçaõ que os que eſtavaõ dentro brádavaõ que os puzeſſem em terra , porque ſe hiaõ ao fundo; e aſſim ſe tornaraõ a deſembarcar todos molhados , e deſconſolados , e a recolher nas choupanas deſenganados do remedio , que cuidavaõ ter. Os marinheiros todos em hum corpo pediraõ que lhes déſſem as embarcaçóes , que ſe queriaõ aventurar nellas , e que levariaõ recado a Inhabane , onde pudéſſe ſer ſe negociaſſe algũ pangayo para os ir buſcar. Sobre iſto ſe começaraõ a altercar algumas rezóes de parte a parte em gritos , e demazias da parte deſta gente, que neſta carreira he muito alterada , naõ

naõ querendo os nobres, e ſoldados que lhes déſſem as embarcações, aſſim por naõ ficarem deſabrigados ſem ellas, como por ſe naõ dividirem aquelles homens; porque a ſálvaçaõ de todos eſtava em irem juntos: ſobre que houve tantas porfias, e ſobejidões, que parecia hum labyrinto, e confuſaõ, ſem ſe acabarem de entender, nem determinar.

Ja neſte tempo eſtava D. Paulo de Lima recolhido com ſua mulher em huma choupana, porque como deſconfiou de paſſar á outra parte, naõ quiz tratar de outra couza mais, que de ſe encomendar a Deos, ſem querer ver o que hia fóra, nem acodir a nada. O Capitaõ, e Bernardim de Carvalho com os mais nobres, Meſtre, e Piloto, ſabendo o modo de como eſtava, foraõ ter com elle, e

lhe

lhe pediraõ os naõ quizeſſe deſam-
parar de ſeu conſelho, porque to-
dos eſtavaõ apoſtados a naõ ſeguir
ſenaõ ſua ordem, e o acompanhar,
ou alli, ou por onde quer que elle
foſſe. D. Paulo como eſtava reſo-
luto em ſe deixar alli ficar, e a ſe
entregar nas mãos de Deos, para
o que Elle ordenaſſe, lhes pedio
que o deixaſſem, que era velho, e
cançado, e que ſe via com ſua mu-
lher naquelles trabalhos; que eſta-
va determinado de fazer alli vida
eremitica, e paſſar o que della lhe
reſtaſſe em penitencia por ſeus pec-
cados: que lá ſe haviessem; que ſó
lhes affirmava que qualquer gente,
que ſe paſſaſſe da outra banda, e
inda que elle foſſe de envolta, que
tanto que ſe viſſe da outra parte, o
haviaõ deſamparar, e adiantar-ſe,
e que para depois de ſe ver com ſua
mulher ſó por prayas deſertas, e
inhabi-

inhabitaveis, que antes se queria deixar estar alli, até ver o que Deos tinha delle determinado; que quem se quizesse passar, o fizesse em boa hora, porque elle ja naõ queria tratar mais, que da salvação de sua alma, que para o corpo qualquer parte da terra lhe bastava.

Estas palavras, que elle não disse sem lagrimas, que lhe corriaõ por suas venerandas barbas, magoarão a todos tanto, que se não puderão ter que com elle não chorassem; e assim entre ellas, e soluços lhe pedirão aquellas pessoas, a quem elle podia ter mais respeito, que se quizesse consolar, e que se lembrasse daquelle tão grande animo, com que em todas as couzas, em que Deos N. Senhor lhe tinha feito tantas mercês, e dado tantas vitorias, se assinalara tanto; e que pois Elle sobre tanto esforço o dotara

tara tambem de hum muito vivo, e esperto saber, e conselho, que naquelle trance em que era mais necessario, não se havia assim de entregar nas mãos da ventura, que seria tentar ao mesmo Deos, que de tantas partes o dotara; que Elle que o tinha guardado até alli, o faria até o levar a terra de Christãos, onde melhor poderia satisfazer a seu pensamento: que quizesse para isso tratar do que convinha á sua vida, e de sua mulher, pela qual a havia de poupar muito; porque se elle morresse de puro pezar, como não estava muito longe, que na outra vida lhe pediriaõ conta de ser unica occasiaõ de a deixar no meio daquelles barbaros desamparada, e arriscada a huma desesperação: que todos os que alli estavão se lhe offereciaõ, e davão sua fé de nunca jamais em nehuma

nhuma occaſiaõ, e tempo o deſ-
ampararem, e ſeguirem ſua meſma
fortuna, a qual por onde quer que
o levaſſe a elle, os levaria a elles;
e que fizeſſe conta com ſua conci-
encia, e que viſſe que ſe punha a
riſco da alma, em ſe entregar a ſi á
morte por ſua propria vontade:
que ſe queria tentar a Deos, do
qual parecia que deſconfiava na-
quella parte, ſabendo elle certo,
que ſua miſericordia não era limi-
tada, e que ſe não deixaſſe aſſim
vencer da fortuna, que ſempre to-
da a vida trouxera debaixo dos pés.

Depois daquelles Fidalgos
lhe dizerem eſtas couzas, ſe lhe of-
fereceo o Meſtre, como cabeça de
toda a gente do mar, em nome de
todos de nunca em nenhum traba-
lho o deixarem, e ſempre o acom-
panharem té perderem por elle a
vida, e que os marinheiros mais
ſaõs

ſaõs ſe lhe offereciaõ a lhe levar ſua mulher em hum andor, e de a ſervirem por todo o caminho por onde foſſem, como era rezaõ. A eſtas couzas naõ pode D.Paulo deixar de ſe mover, e de ſe entregar nas mãos de todos; e logo alli com ſeu parecer aſſentaraõ que paſſaſſe ametade da gente na primeira barcada, com a qual foſſe o Capitão, e que como ficaſſem da outra parte; tornaſſem as embarcações pelos que ficaſſem. O que logo ſe fez, e o Capitão com o Piloto ſe embarcou na embarcação maior com quarenta e ſinco peſſoas, em que entravão o Guardiaõ, o Sota-Piloto, Diogo Lopes Leitão, Franciſco Dorta Feitor da náo, e Antonio Caldeira; toda a mais gente era do mar. Na outra barca mais pequena ſe embarcou o Meſtre com quinze peſſoas, em que entravaõ

travaõ hum filho ſeu, o P. Fr. Nicolao, e toda a mais gente da ordinaria, ficando na Ilha trinta e ſeis peſſoas, que eraõ os Fidalgos, e Cavalleiros, que naõ quizeraõ largar a D. Paulo, com o qual ficaraõ tambem as outras Donnas.

CAPITULO XXXVIII.

Do que aconteceo à gente deſta almadia até tornarem por D. Paulo de Lima.

AFaſtadas as embarcaçóes da terra, deraõ á véla, e foraõ atraveſſando á outra banda, e ao pôr do Sol ferraraõ nella terra huma legoa do rio do Manhica para Léſte, o que ſouberaõ de huns Cafres, que alli encontraraõ; e por o vento lhe acalmar, ſurgiraõ alli aquella noite, que eſte foy o erro deſta

desta viagem, e dos trabalhos, que ao diante se veraõ. O que tudo nasceo de pouparem hum pequeno de trabalho, porque se tomaraõ o remo na maõ, facilmente puderaõ entrar para dentro, e ir buscar o rio do Inhaca, que lhes naõ ficava atrás mais de huma legoa. Em fim surtos alli passaraõ toda a noite, e tanto que amanheceo, começou a ventar Ponente da banda do Sudu-èste, que lhe ficava contrario para tornarem ao rio; com o que houveraõ por melhor parecer irem correndo a costa até o rio do Ouro, que era dalli treze, ou quatorze legoas, que como o vento se mudasse, se poderiaõ tornar pelos que ficavaõ na Ilha.

Assim foraõ correndo a costa, que era muito limpa; mas sobre a tarde lhes foy o vento escaceando até se pôr em Sulsuéste, que

fica

fica naquella costa sendo travessaõ ; com o qual foraõ rolando para a terra até os pôr na quebrança do mar ; pelo que lhes foy forçado aos da embarcaçaõ grande virarem á outro bordo ; mas a mais pequena surgio , e por lhe quebrarem as cordas, que eraõ de hervas , tornaraõ a dar á véla , com que foraõ hum pouco sem sordirem avante , antes se acharão de todo no rolo do mar ; pelo que se afastarão , e se tornarãõ a marear melhor, e por boa industria do Mestre , e Deos assim o ordenar , forão metendo tanto de ló , que vingarão as pontas , e forão tomar a boca do rio do Inhaca ja pela manhãa , e em terra acharão por novas que na povoação , em que ElRey vivia doze legoas pelo rio acima , estavão alguns Portuguezes ; e com este alvoroço tomarão o remo , e com as-

saz

ſaz trabalho, por irem todos muy fracos, forão entrando pelo rio, e em dous dias chegarão á povoação.

Alli acodio logo Jeronymo Leitão com alguns companheiros, que haveria hum mez tinhão partido do rio de Lourenço Marques, como atrás diſſemos, com hũ pangayo carregado de marfim; com que tinhão dado á coſta no rio do Ouro, onde forão roubados, e ſe tinhão paſſado para a povoação daquelle Inhaca, por ter conhecimento delle; e em ſe vendo, ſe abraçarão com muitas lagrimas, e amor, dando-ſe huns aos outros conta de ſeus trabalhos, e dalli forão levados a ElRey, que os recebeo bem, conſolou, e mandou agazalhar. E porque não ſabiaõ que ſeria feita da embarcação, em que hia o Capitaõ, aſſentou o Meſtre com parecer de Jeronymo Leitão, que ſe man-

mandasse aquella almadia a D.Paulo, porque soubesse o que lhe tinha acontecido, e porque naõ desconfiasse de todo; e elegeraõ tres pessoas para irem na almadia, duas da companhia de Jeronymo Leitaõ, e outra da do Mestre. Mandaraõ dizer a D. Paulo que logo se passasse á outra banda, porque a terra era boa, e que estariaõ mais á sua vontade até vir embarcaçaõ de C,ofalla, que logo mandaraõ pedir: porque juntamente com a almadia despedio Jeronymo Leitaõ hum seu moço com hum marinheiro Mouro da naveta, que se perdeo, com cartas ao Capitaõ daquella Fortaleza, em que lhe dava conta da perdiçaõ da náo, e da gente que della escapara, e tudo o mais que lhe era acontecido; e assim da sua pedindo-lhe mandasse logo hum pangayo, em que fossem.

E as-

E assim deixaremos huns, e outros, por continuarmos com os que estavaõ na Ilha.

Elles vendo que as almadias naõ tornavaõ em sete, oito, e dez dias, naõ sabendo a que o attribuissem, mais que a descuido do Capitaõ, o sentio D. Paulo muito, e de apaixonado se destemperou contra elle; e naõ se sabendo determinar, passou muitos dias em grandes malencolias, e o mesmo aconteceo a todos, que foraõ desconfiando de terem o remedio, que esperavaõ nas embarcações, para se tirarem daquella Iha, assim por lhes faltar ja o mantimento, como por irem adoecendo algumas pessoas. E sendo ja passado quasi hum mez, e que naõ havia novas de outra gente, tomando parecer todos do que fariaõ, assentaraõ que pois naõ podiaõ ter navio de Moçambique

bique senaõ dalli a hum anno, que caminhassem por terra, e rodeassem aquella bahia, porque se alli haviaõ de ficar morrendo á fome, e de doença, que menos mal era arriscar-se a trabalhos do caminho, e encomendar-se a Deos, que Elle os guiaria.

Com esta resoluçaõ mandaraõ recado ao Manhica daquella determinaçaõ, e a pedir-lhe os aconselhasse, e lhes désse licença para partirem dalli. A este recado lhes mandou responder que lhes naõ havia de aconselhar tal jornada, pelo grande risco que por aquelle caminho correriaõ, porque ja agora estavaõ divididos, e que se estiveraõ juntos (inda que naõ sem risco) entaõ lho poderia aconselhar; e que se aquillo era porque lhes faltassem mantimentos, que elle os mandaria prover o melhor

lhor que pudésse, como sempre fizera; e que se todavia a elles lhes parecesse bem aquella jornada, a fizessem muito embora, que elle lha naõ havia de estorvar, porque se naõ dissesse que os queria reprezar em sua terra. Com esta resposta ficaraõ os nossos suspensos, e atalhados, sem se saber determinar no que fariaõ.

Neste mesmo tempo chegou a almadia, que mandava o Mestre, e Jeronymo Leitaõ, a qual quando a viraõ vir pelo mar, acodiraõ á praya, como se nella lhes viera todo o seu remedio; e desembarcados estes homens, foraõ levados nos braços de todos com grandes lagrimas de alvoroço: dalli foraõ a D. Paulo, que estava em sua choupana, e delles souberaõ o que succedera ás embarcaçóes, e que da de Estevaõ da Veiga naõ sabiaõ

dar novas; e lhas deraõ de tudo o mais, que lhe tinha ſuccedido. E que o Meſtre, e Jeronymo Leitaõ lhes pediaõ ſe paſſaſſem logo da outra banda; porque além da terra ſer de hum Rey amigo dos Portuguezes, era muito abaſtada de tudo, e ficavaõ mais perto do caminho aſſim por mar, como por terra.

Com eſtas novas ficou D. Paulo muito alvoroçado, e logo tratou de ſua partida; mas porque naõ cabiaõ na almadia mais de quatorze peſſoas, fez eleiçaõ dos que haviaõ de ir, e ficar, e na primeira barcada coube a ſorte a elle com ſua mulher, e ſeu irmaõ, Manoel Cabral da Veiga, Chriſtovaõ Rebello, e outras peſſoas, que prefaziaõ o numero, ficando em terra para a outra barcada Bernardim de Carvalho, que eſtava muito doente, Gregorio Botelho, ſua filha D. Ma-

D. Marianna, e com ella D. Joanna de Mendoça, por se agazalharem sempre ambas, por naõ terem maridos, e outras pessoas. Apartada a almadia da terra, no mesmo dia foy tomar a boca do rio do Inhaca, e por elle foraõ caminhando tres dias; e chegando ao lugar, foraõ muy festejados d'ElRey, e dos Portuguezes, e alli se agazalharaõ todos em pobres cazinhas, sem mais alfayas que algumas esteiras, e os outros palha seca. E tratando de tornarem a mandar a almadia, naõ houve entre todos quem quizesse ir nella, por estarem fracos, e começarem logo a adoecer de febres.

Os que ficaraõ na Ilha aguardaraõ té o quinto, e sexto dia pela embarcaçaõ, e como lhe faltou nelles, andavaõ como pasmados, sem se saber determinar em nada, nem

nem haver quem os aconſelhaſſe, e animaſse; porque Bernardim de Carvalho, que o podia fazer, eſtava muito mal de febres, e como lhe faltaraõ os remedios, e elle naõ tinha outro mimo, que humas papas de ameixoeira, e o duro chaõ, em que repouzava, cançou a natureza, e entregou-ſe nas mãos da morte, na qual hora elle deo moſtras de muito bom Chriſtaõ na grande paciencia, com que por amor de Deos o ſoffria, e no arrependimento que moſtrou de ſeus peccados. Foy ſua morte muito ſentida, e chorada de todos, por ſer hum Fidalgo muito brando, e de partes, e calidades muy eſmeradas, e que em todos os trabalhos teve elle ſempre o maior quinhaõ, acodindo a toda hora a todos em ſuas móres neceſſidades, principalmẽte a D. Joanna de Mendoça,

doça; que como dissemos, pela ver só, se lhe chegou a ella, e a companhou, e servio por todo aquelle caminho, com tanto resguardo, honra, e virtude, que fez pasmar a todos, principalmente naquella Ilha; porque elle hia ao mato cortar lenha para ella, e a trazia sobre suas costas; hia á fonte acarretar agoa: a gallinha, quando se resgatava, elle a matava; depennava, e guizava, comendo della Gregorio Botelho, sua filha D. Marianna, e D. Joanna de Mendoça, ficando a elle sempre a menor parte, e ainda dessa guardava huma peça para D. Joanna para a noite, ou para o outro dia; e seguindo os mais da companhia, de puro trabalho disto morreo. E o que mais he para lastimar, que sua morte foy certo de mais miseravel mal, que podia ser; porque

que eſtava comeſto de piolhos, que o ſeu corpo criou da humidade do chaõ,e do ſuor dos trabalhos. Foy enterrado ao pé de huma Cruz, que alli tinhaõ os noſſos, nú na terra núa com hum piadoſo pranto de todos, principalmente de D. Joanna, que o ſentio como ſe fora ſeu pay, pelo muito que lhe devia, e pela falta que em ſeus trabalhos lhe havia de fazer, ficando muito deſconſolada, ſem lhe ficar quem della ſe condoeſſe, ſenaõ Gregorio Botelho, e ſua filha D. Marianna, com quem ella ſe agazalhava por honeſtidade.

Falleceraõ mais algumas peſſoas, em que entrou o Contrameſtre, e calafate; e porque totalmente lhes faltava o reſgatarem o de que tinhaõ neceſſidade, paſſaraõ-ſe a outra Ilha, que era povoada, donde mandaraõ recado ao

Manhica do que lhes acontecera, e das grandes neceſſidades, em que ficavaõ; pedindo-lhe os mandaſse prover do neceſsario até vir o pangayo do reſgate, donde ſe lhe pagaria tudo muito bem. Elle lhes mandou dizer que ſe foſsem para a ſua povoaçaõ, porque eſtando perto delle, ſaberia do que tinhaõ neceſſidade para ſe lhe dar; porque eſtando taõ afaſtados, naõ podia ſaber ſe lhes dariaõ o que elle mandaſse. Com eſte recado eſtiveraõ abalados a ſe paſsarem para lá, inda que alguns o contradiziaõ, e todavia deixaraõ-ſe por entaõ ficar; e nós tambem o faremos aqui, por continuarmos com a outra embarcaçaõ, em que hia o Capitaõ Eſtevaõ da Veiga.

CAPITULO XXXIX.

Do que aconteceo á gente da outra embarcaçaõ, em que hia o Capitaõ Estevaõ da Veiga, até chegarem á Fortaleza de Çofalla.

AGora continuaremos com esta embarcaçaõ, que deixámos com o vento travessaõ, que lhe deo, com o qual se fizeraõ em outra volta; mas naõ puderaõ vingar nada, antes se acharaõ sobre o rolo do mar,q̃ os tratava muito mal; pelo que se desenganaraõ, e assentaraõ ser forçado dar á costa antes que a Lua se puzesse (porque era isto de noite) que depois o poderiaõ fazer em parte, em que todos perigassem. E assim foraõ encalhar em huma praya de arêa, onde se deixaraõ ficar o que restava da noi-

te

te com fogueiras, que fizeraõ, e com duas eſpingardas cevadas para ſe foſſem neceſſarias.

Ao outro dia tanto que amanheceo, foraõ ſeguindo ſeu caminho para o rio do Ouro, ſeguidos ja de muitos Cafres que logo acodiraõ, que os foraõ inquietando, e cometendo muitas vezes, té ſe deſavergonharem tanto, que lhes tiraraõ os barretes das cabeças, e os alforjes das coſtas, tudo de pulo com huma ligeireza como bogios, ſem os noſſos os poderem afaſtar de ſi, por muitas vezes que os cometeraõ. E aſſim neſte trabalho, e com grande canҫaço do corpo chegaraõ ao rio do Ouro taõ fatigados, que naõ podiaõ dar hum paſſo; indo a eſte tempo ja com elles hum Cafre chamado Inhatembe de caſa d'ElRey, homem conhecido dos Portuguezes, e que ja

ja tinha ido a Moçambique, que os guiou até á povoação, onde entraraõ com huma hora de noite, na qual pouzava o Rey Inhapula, de que na descripção desta terra fallamos, o qual os sahio a receber humanamente, e os mandou agazalhar a todos em huma casa grande, e lhes deraõ algumas couzas da terra para comerem, mas resgatado por pedaços de prégos. E ao outro dia foraõ visitar o Rey, e lhe deraõ conta dos seus trabalhos, e pediraõ os mandasse acompanhar até Inhabane por alguma pessoa fiel, que lá achariaõ com que lhe pagar. ElRey os consolou, e lhes deo o mesmo Inhatembe, que com elles chegara alli, o qual era Xeque; em satisfaçaõ do que lhe deraõ hũ chapéo pardo, que elle estimou muito, e alli se deixaraõ ficar tres dias, nos quaes adoeceraõ al-

guns companheiros de febres, e por se acharem logo mal sinco, ou seis, foy necessario deixarem-nos alli, para em tendo melhoria se irem a Inhabane; para o que mandaraõ pedir licença a ElRey, que lhe elle deo, e assim se puzeraõ ao caminho, indo os mais delles em estado, que se naõ podiaõ bolir, principalmente o Piloto da náo Gaspar Gonçalves, que hia no cabo.

Este dia foraõ ter a huma aldêa do Xeque, que com elles hia, que os agazalhou muito bem, e alli ficaraõ aquella noite; e ao outro dia lhe chegou pela posta hum Cafre com recado d'ElRey Ampula, que logo tornassem á sua aldêa, e tirassem de lá hum Portuguez, que morrera, e levassem os doentes, porque naõ queria alli ver nenhum morto; porque o Sol se anojaria contra elle, e se esconderia, e naõ deixa-

deixaria chover ſobre a terra, e que naõ daria frutos, nem mantimentos todo aquelle anno. Iſto diziaõ, porque tinhaõ para ſi que os Portuguezes, porque os viaõ alvos, e louros, que eraõ filhos do Sol. Eſtevaõ da Veiga ficou muito enfadado com aquelle recado, e foy neceſſario mandar alguns dos que eſtavaõ mais ſaõs, que foſſem áquelle negocio; os quaes chegando lá, e querendo enterrar o morto, o naõ conſentiraõ, antes logo com muita preſſa lho fizeraõ tirar da aldêa quaſi arraſtos, e os doentes ás coſtas, e fóra no mato deixaraõ o morto cuberto com huma pouca de terra; e dos doentes ſouberaõ que tanto que os Cafres os viraõ com a febre, que deo a todos, como modorra, ſem bolirem com pés, nem maõs, que cuidando ſerem mortos, lhes puzeraõ

raõ fogo nos pés para ver ſe boliaõ, e, deixado o morto, levaraõ os doentes comſigo até a povoaçaõ, em que os noſſos eſtavaõ.

Ao outro dia paſſaraõ o rio do Ouro á outra parte, o qual ſeria de hum tiro de eſpingarda de largura, em cuja barra quebra o mar todo em frol, e dentro naõ he capaz ſenaõ de vazilhas pequenas; e eſtá em altura de vinte e ſinco gráos, e á borda delle deixáraõ dous companheiros ja no cabo com os derradeiros arrancos, dos quaes ſe apartaraõ com grande dor, e compaixaõ, acompanhando-os em quanto tiveraõ ſentido, para lhes fazerem lembrança das couzas da alma, e lhe repetirem o Nome de JESU. Hó por quam bem afortunados ſe podem ter aquelles, que ficaraõ na náo, que todos os ſeus trabalhos ſe concluíraõ em hũ momento!

mento! E por quam infelices se podem julgar estes, que cuidavaõ ter melhor sorte em escaparem della, porque seus trabalhos, riscos, perigos, e em fim morte lhe veo tudo a ser mais penozo, e de mais dura! E certo que cuido que por isto só respondeo aquelle Philosopho a hum, que lhe perguntou que couza era a morte? Dizendo-lhe assim: *Morte he hum sonho eterno, he hum espanto de ricos, hum apartamento de amigos, huma incerta peregrinaçaõ, hum ladraõ do homem, hum fim dos que vivem, e hum principio dos que morrem*; porque tudo isto se achará nos desta perdiçaõ.

Porque, que maior sonho, e que mór espanto de ricos ha, que o que estes viraõ em si? Hum dia taõ ricos, e contentes, indo fazendo sua viagem com huma náo

taõ

taõ potente, taõ rica, e cheia de louçainhas; e ao outro dia ſumir-ſe-lhe debaixo dos pés, e ir-ſe enteſourar tudo nas entranhas das arêas! Que mais laſtimoſo apartamento de amigos, que o que aqui viraõ eſtes, deixando-os por aquellas prayas, acabado ſeu termo, ſem outra conſolaçaõ, e companhia, que a ſolidaõ daquellas barbaras arêas! Que mais incerta peregrinaçaõ, que eſta, que por aqui vaõ fazendo, vendo-ſe cada hora em tantos riſcos, e perigos; e tudo em fim por eſta maneira taõ laſtimoſo, que ſe por aquellas arêas houvera tigres, e leões, certo que ſe puderaõ compadecer mais delles, do que o fizeraõ daquelle eſcravo Androdo, a quem hum leaõ em Africa ſuſtentou tantos tempos em huma cova, por eſtar manco com hum eſtrepe metido por hum pé, o qual lhe o

leaõ tirou, e lambendo a chaga com sua lingua, o sarou!

Estas desaventuras, e outras, que cada dia se vem por esta carreira da India, puderaõ servir de balizas aos homens, principalmente aos fidalgos Capitães de Fortalezas, para nellas se moderarem, e contentarem com o que Deos á boamente lhes der, e deixarem viver os pobres; porque o Sol no Ceo, e a agoa na fonte naõ os dá Deos só para os grandes. Repetimos tantas vezes esta materia pelo discurso de nossas Decadas, porque as grandes deshumanidades, e injustiças, que cada dia vemos usar por essas Fortalezas com os pequenos dellas, nos tem bem escandalizado; mas Deos he taõ justo, que ja que os Reys se descuidaõ com o castigo, o faz Elle com maõ tanto mais pezada, quanto he

mór

mór ſua juſtiça, que a dos homens.

E tornando aos noſſos perdidos: depois de paſſarem o rio do Ouro, foraõ ter ao Reyno do Manhica, que os agazalhou muito bem, e ficaraõ alli tres dias, nos quaes lhes morreraõ ſinco, ou ſeis companheiros da peſſima agoa, que acharaõ, que toda era limos, e ſujidade; cujos corpos os negros da aldêa fizeraõ tirar fóra com tanta preſſa, que arraſtos os levaraõ té os deitarem entre huns bréjos; e entre eſtes foy tambem o Piloto Gaſpar Gonçalves, que eſcapou da perdiçaõ da náo Santiago nos baixos da Judia, como na decima Decada temos contado, para ir morrer a eſta parte com a mór deſconſolaçaõ, que ſe podia imaginar. Daqui ſe partiraõ os que ficaraõ acompanhados de dous fi-

lhos daquelle Rey, que por aquelle caminho os livraraõ de muitos perigos, e treições, que os Cafres lhes ordenaraõ. Neste dia deixaraõ outros dous companheiros estirados nos matos, por ja naõ poderem caminhar de fracos, e mortaes, dos quaes os amigos se despediraõ com assaz de lagrimas, e desconsolações. Aquella noite chegaraõ a huma aldêa de hum Cafre chamado Inhambuze, onde se agazalharaõ, e dalli foraõ ter ao Reyno do Panda, mais chegado ao Cabo das Correntes, a que os de Moçambique cõmummente chamaõ Inhabane, e aquelle Rey os agazalhou muito bem, e os naõ deixou partir dalli senaõ ao quinto dia, por ser muito antigo costume seu fazerem alli deter os amigos, para lhes mostrarem o amor que lhes tem, nos quaes os

banque-

banqueteaõ, e fazem muitas feſtas, como fizeraõ a eſtes perdidos; porque aquelle Rey he muito amigo dos Portuguezes, pelo comercio, e cõmunicaçaõ que tem com os de Moçambique.

CAPITULO XXXX.

Do que ſuccedeo aos perdidos, depois que ſe partiraõ do Reyno do Panda.

DAlli ſe partiraõ acompanhanhados de hum filho d'El-Rey, e aos onze dias de Mayo, dia em que cahio a Aſcenſaõ do Senhor, chegaraõ a outro rio, tamanho como o do Ouro, que eſtá em altura de vinte e quatro gráos e meio, o qual divide os Reynos do Panda, e Gamba, e paſſandoſe á outra banda, foraõ ter á Cidáde

dade deſte Rey Gamba, que ſeria
do rio legoa e meia, o qual por
ſaber ja de ſua vinda, os mandou
receber, e agazalhar muito bem.
Eſte Rey, e ſeus filhos eraõ Chri-
ſtáos baptizados pelo P. D. Gon-
çalo da Sylveira da Companhia de
JESU, que o anno de 60, e 61.
andou por aquellas partes antre
aquelles barbaros prégando a Ley
do Evangelho, e ao Rey poz o
nome Baſtiaõ de Sá, aſſim em me-
moria d'ElRey D. Sebaſtiaõ, que
reinava, como de Baſtiaõ de Sá,
que era naquelle tempo Capitaõ
de Moçambique; e aos filhos, a
hum poz nome Pero de Sá, e a ou-
tro Joaõ de Sá; e aſſim baptizou
outros alguns Cafres, que todos
tomaraõ as alcunhas de Sás. E por-
que lhe era neceſſario paſſar-ſe ao
Reyno de Monomotapa, onde o
martyrio o eſtava aguardando, dei-
xou

xou alli com elles o P. André Fernandes ſeu companheiro , Varaõ verdadeiramente Apoſtolico , de grande doutrina , e ſantidade , pelo qual dizia o ſeu P. M. o B. Franciſco Xavier que era hum verdadeiro Iſraelita ; o qual P. André Fernandes eſteve neſte Reyno de Gamba com grande exemplo de vida ameaçado cada hora do martyrio , que ſua alma muito deſejava padecer por Chriſto N. Senhor , que elle nunca refuſou ; antes cada vez que lhe davaõ rebate , que o mandavaõ matar , eſperava por aquella hora com tanta conſolaçaõ , e alegria , que ja lhe parecia cahia ſobre ſua cabeça aquella fermoſa , e reſplandecente Coroa , que no Ceo ſe dá aos verdadeiros Martyres. Eſte Varaõ Apoſtolico , a que com razaõ poſſo chamar ſanto , pela innocencia de ſua vida , viveo depois

pois nesta Cidade de Goa muitos annos com raro exemplo de virtude; e nella morreo homem de mais de noventa annos, e foy daquelles, que se recolherão na Companhia de JESU em tempo do Beato P. Ignacio seu Fundador. Muitas couzas pudéra dizer da virtude, vida, e morte deste Varaõ santo, porque o communicámos muitos annos, e fomos muito seu devoto; mas porque o P. Sebastiaõ Gonçalves da Companhia de JESU no Compendio que faz dos Varões da sua Companhia, que passaraõ a este Estado da India, trata delle, e do P. D. Gonçalo da Sylveira mais particularmente, o deixamos de fazer, e continuaremos com os nossos perdidos até os pôr em porto seguro.

Deste Reyno do Gamba se partiraõ aos 21. de Março, que foy

foy vespera do Espirito Santo, e chegaraõ ao rio de Inhabane, onde acharaõ hum mistiço chamado Simaõ Lopes filho de C,ofalla, que alli estava fugido por couzas que tocavaõ á Fé, o qual os agazalhou o melhor que pode, por ser pobre; e ja a este tempo naõ eraõ mais de trinta pessoas de quarenta e sinco, que partiraõ. Alli souberaõ de Simaõ Lopes que naõ podia vir pangayo de Moçambique, senaõ em Novembro; com o que tomaraõ seu conselho, e assentaraõ de caminhar por terra, por aquella ser muito doentia, por jazer debaixo do Tropico de Cancro. E depois de descançarem alguns dias, se puzeraõ ao caminho, e em quatro chegaraõ ao rio de Boene muito mal tratados dos Cafres, que por aquelle caminho os saltearaõ; e passado o rio á ou-

tra

tra parte, forão caminhando atê outro chamado Morambele, que por ser muito alto, lhe forão buscar váo muito acima; e nestes caminhos forão acabados de esbulhar desse pouco, que levavão.

Passado o rio, forão ter a huma povoação chamada Sane, que está na ponta daquella terra, que nas Cartas de marear se chama de S. Sebastiaõ, donde começarão a atravessar a enseada da Sava, que de baixa mar espraya tanto, que a sinco, e seis legoas se não vê o mar, e por ella caminharão a mór parte do dia muy apressados, porque a maré os não atropelasse, e se puzerão da outra parte, tendo caminhado por ella mais de sinco legoas, e da outra banda repouzarão; e tornarão pela manhãa a seu caminho até hum lugar chamado Fumbaxe, onde

acha-

acharaõ hum Portuguez com hum lúzio, que he embarcaçaõ daquellas partes, com que alli viera fazer resgate, com o qual ja estava o Guardiaõ da náo, que Estevaõ da Veiga tinha mandado adiante com recado a C,ofalla, para ver se havia remedio para ir embarcaçaõ alguma buscar D. Paulo, e os que ficavaõ na Ilha. E alli estiveraõ todo aquelle dia com grande alvoroço, por verem que se hiaõ chegando para terra de salvaçaõ; e logo se passaraõ á Ilha Bazaruta, onde estava hum filho de C,ofalla chamado Antonio Rodrigues, para elle os encaminhar até C,ofalla, a qual he povoada de Mouros, que agazalharaõ a todos muito bem.

Dalli por ordem de Antonio Rodrigues se embarcaraõ para C,ofalla em embarcaçaõ, que lhe

lhe negociou, e as trinta legoas que ha té aquella Fortaleza, as andaraõ muito depreſſa, e ſem trabalho; e aos quatro dias de viagem entraraõ pelo rio de Cofalla dentro, e ſem ninguem ſaber, deſembarcaraõ em prociſſaõ, e ſe foraõ á Igreja de Noſſa Senhora do Roſario dos Padres Prégadores, á qual ſe offereceraõ com muitas lagrimas, dando-lhe do modo poſſivel os agradecimentos das mercês, que da ſua piadade receberaõ por toda aquella jornada. Alli acodio o Capitaõ daquella Fortaleza com todos os caſados, e os abraçaraõ a todos com muito amor, e cada hum tomou o ſeu hoſpede; e aſſim ſe repartiraõ todos por aquelles moradores, que os agazalharaõ com muita humanidade, mandando-os lavar, fazer cabellos, por irem quaſi feitos

feitos salvagens, e recreando-os de tudo bastantemente, que em breves dias tornaraõ em seu ser, e ja lhes parecia que estavaõ em outro Mundo.

O Capitaõ de Çofalla tinha ja comprado hum pangayo para mandar por D. Paulo, porque por aquella carta, que atrás dissemos de Jeronymo Leitaõ, soube da sua perdiçaõ, e com a chegada desta gente se apressou mais, e mandou embarcar todas as couzas necessarias para os perdidos, e mulheres, e roupas para seu resgate, e vestidos. Este pangayo fez logo véla, e em poucos dias chegou a Inhabane, onde dos que ficaraõ doentes da companhia do Capitaõ da náo Estevaõ da Veiga, eraõ ja mortos tres, e os mais convaleceraõ logo com os remedios, que lhes foraõ no pangayo.

gayo. E porque naõ era poſſivel paſſar ao rio do Eſpirito Santo, por ſer o pangayo pequeno, partio Simaõ Lopes por terra com a roupa, contas, e mais couzas, que tudo levou ás coſtas de Cafres, e o pangayo ſe tornon para C,ofalla com os doentes, que alli achou.

CAPITULO XXXXI.

Do que fizeraõ os perdidos, que ficaraõ na Ilha do Inhaca, e da muito piadoſa morte de D. Paulo de Lima, e do que mais aconteceo a Eſtevaõ da Veiga.

HAvia quaſi hum mez que D. Paulo de Lima ſe tinha paſſado á outra banda do rio de Lourenço Marques, ſem haver quem quizeſſe levar a almadia aos que fica-

ficaraõ na Ilha, por eſtarem todos fracos, e enfermos, trabalhando D. Paulo niſſo tudo o que pode, até acabar com o Meſtre da náo, e Jeronymo Leitaõ, que mandaſſem áquelle negocio os homens, que eſtiveſſem mais para iſſo; e todos elegeraõ tres, que á força de braço ſe paſſaraõ á Ilha, onde acharaõ todos bem deſconſolados, e deſeſperados de poderem vir buſcallos, e todavia alvoroçaraõ-ſe muito com a almadia, e ſe fizeraõ preſtes para ſe paſſar nellas. E porque naõ era capaz de toda a gente, começou a haver entre todos grandes alvoroços, porque os que acertaſſem de ficar eſtavaõ arriſcados a naõ tornarem por elles; mas os meſmos, que trouxeraõ a almadia, os seguraraõ com lhes prometterem, e jurarem, que naõ fariaõ

riaõ mais, que lançarem aquella gente na boca do rio, e tornar a voltar, e para mór ſegurança ſua ſe deixou hum delles ficar em refens; com o que ſe aquietaraõ. E logo ſe embarcou Gregorio Botelho com ſua filha D. Marianna, e D. Joanna de Mendoça, e outras oito, ou dez peſſoas, e atraveſſando a bahia no meſmo dia, foraõ á outra parte, e lançando a gente na ponta da boca do rio do Inhaca, tornaraõ a voltar pelos outros.

Chegaraõ á Ilha ao outro dia, e recolheraõ todos ſem ficar nenhum, mais que os mortos que ficavaõ para ſempre, e a todos os puzeraõ da outra parte; e achando ainda os da primeira barcada na boca do rio, ſe meteraõ todos na almadia, que ainda que pequena, naõ arriſcavaõ nada, porque hiaõ

pelo

pelo rio acima, que era eſtreito, e de longo da terra, e aſſim mal compoſtos, e apinhoados chegarão á povoação, onde os forão receber os noſſos da companhia de D. Paulo, e ſe feſtejarão em extremo, e ElRey os mandou agazalhar pela povoação, ficando ſempre D. Joanna de Mendoça em companhia de D. Marianna. Depois de deſcançarem, ſe ajuntarão todos, e tratarão ſe ſeria bom paſſarem a Inhábane; e Jeronymo Leitão, que era mais pratico na terra, lhes diſſe que ſe não boliſſem dalli até vir pangayo, que ſeria em Outubro, porque elle ja tinha eſcrito a C,ofalla ſobre iſſo, e que naõ era de parecer ſe arriſcaſſem por terra, porque os Cafres, que dalli por diante havia, erão grandes ladrões, e ſobremaneira crueis; que pois eſtavão alli
 em

em terra ſegura , onde lhes não haviaõ de faltar mantimentos, porque o Rey , e ſeus vaſſallos os haviaõ de prover muito bem com o olho no pangayo , que eſperavão, por ſaberem que tudo ſe lhes havia de pagar muito bem , porque que aquelles Cafres não faziaõ nenhuma couza por virtude. Com o parecer deſte homem ſe determinarão todos em ficar ; mas como a terra era doentia , por eſtar debaixo do Tropico , como ja diſſemos , começarão logo alguns a adoecer de febres malignas , de que morrerão depreſſa os mais , em que entrou o Meſtre da náo , cujos corpos ſe enterrarão na corrente do rio , pelos Cafres não conſentirem fazerem-no na ſua terra.

D. Paulo de Lima parece que lhe advinhava o coração algum

gum grande mal naquella parte, e muitas vezes pedio a Jeronymo Leitaõ o quizeſſe levar daquella aldêa, e acompanhallo, e guiallo, fazendo-lhe ſeus offerecimentos, e promeſſas com grande efficacia; mas como eſte homem era variavel, humas vezes dizia que ſim, outras que naõ, pondo ſempre por inconvenientes as difficuldades do caminho, e riſcos dos Cafres; e neſte ſim, e neſte naõ trouxe a D. Paulo muitos dias, ſem determinar nem huma couza, nem outra; de que elle veo a receber tamanho diſgoſto, e dar em tanta malencolia, que cahio em cama, ou para melhor dizer, no chaõ, que eſſa era a verdade, e como era de ſincoenta e hum annos, os remedios nenhuns, os colchões, e lançóes mimoſos a dura terra, ſem conſolaçaõ algu-

ma, mais que a da alma, por ter á ſua cabeceira o P. Fr. Nicolao, que muito devagar o confeſſou, e conſolou, quando foy ao ſetimo dia de ſua cahida deo a alma a Deos Noſſo Senhor a dous dias de Agoſto, em que os Frades de S. Franciſco celebraõ a feſta de Noſſa Senhora da Porciuncula, em que tem Jubileo pleniſſimo, da qual feſta eſte Fidalgo era muito devoto, e ſegundo elle deo moſtras de grande Chriſtaõ, e de arrependido penitente, com hum grande exemplo de paciencia, de preſumir he que ſua alma ſubiria a gozar daquella gloria, que por eſte Jubileo ſe conſegue na eterna Bemaventurança. Sua morte foy para todos a mór deſconſolaçaõ, que ſe podia imaginar, aſſim por verem hum Fidalgo de tantas partes, e calidades boas, de que a natureza

reza o dotou, fallecer no mór desamparo, que se nunca vio, como por se ver ficar sem hum tamanho conselho, como nelle tiveraõ todos em seus móres trabalhos; porque em pondo os olhos naquella sua autoridade, gravidade, e notavel paciencia, todos se lhe moderavaõ, e ficavaõ de menos pezo, e assim foy pranteado como se fora pay de todos.

Deixemos os extremos, que fez sua mulher D. Beatriz, que he melhor passar por elles, por naõ movermos a tantas lagrimas os que lerem esta nossa narraçaõ; mas póde-se julgar quaes podiaõ ser os de huma mulher, que perdia hum tal marido, e mais naquelle tempo, em que ella tinha tanta necessidade delle para seu remedio, e consolaçaõ, vendo-se ficar taõ só, e desamparada em parte, onde só

Deos

Deos N. Senhor a podia soccorrer. E V. m. Senhora D. Anna de Lima bem sey, que ao ler disto, naõ vos haõ de faltar piadosas lagrimas, derramadas com muita rezaõ pela perda de hum irmaõ tanto para amar, como sempre Senhora fizestes, e pelo desamparo, em que acabou, no qual, Senhora, vos houvéreis por muito ditosa de vos poderdes achar á sua ilharga, e dardes-lhe hum pequeno alivio com lhe reclinardes a cabeça em vosso regaço, para ao menos elle morrer com alguma consolaçaõ, e vós naõ ficardes com tamanha mágoa; mas póde-vos, Senhora, consolar muito ouvirdes aqui que nas mostras que deo á hora de sua morte, de sua prudencia, valor, e esforço gloriardevos de tal irmaõ, e depois de vossos largos annos, vossos filhos, netos,

netos, e posteriores jactarem-se de taes proezas, e cavallarias; porque em esta Historia com especialidade vivirá eternamente, inda que naõ taõ alevantado, como elle merecia, ao menos será como pude, que bem desejey de ser muito melhor.

O Inhaca Senhor daquella terra teve logo avizo da sua morte, e com muita pressa mandou que o levassem fóra da povoaçaõ; com o que foy tirado dos braços da cara consorte, e quasi aos tombos foy levado fóra do povoado, e ao pé de duas arvores, que alli ao longo do rio estavaõ, lhe fizeraõ huma cova, em que o deitaraõ, sem outra mortalha, que a pobre, e suja camisa, e calções, com que se salvou, e sem outras pompas funeraes, que as lagrimas dos companheiros, que foraõ muitas,

tas, e ſem outras inſignias, nem troféos de todas ſuas vitorias, ſenaõ os ramos ſecos de todas aquellas arvores, nem outras campas, e pedras marmores, que aquellas arêas, que o cobriraõ, qual outro Pompêo nas prayas do Egypto. Mas poſto que aqui lhe faltaſſem, naõ terá dominio a fortuna neſta ſua Hiſtoria, ainda que abreviada, de ſuas grandes vitorias, que inda hoje entre os inimigos eſtaõ taõ vivas, como ſe paſſaraõ hontem. E certo que com muita rezaõ podemos dizer deſte inſigne Capitaõ, o que Ceſar diſſe de ſi: *Veni, vidi, vici*; porque nunca o mandaraõ, que naõ foſſe; nunca foy, que naõ pelejaſſe; e nunca pelejou, que naõ venceſſe; e de todas eſtas vitorias confio em Deos N. Senhor eſteja no Ceo deſcançando eternamente.

Sua

Sua mulher D. Beatriz ficou algum tempo na Cafraría, e as outras que se salvaraõ, padecendo infinitas miserias, e necessidades, e depois se foraõ para Moçambique, mandando D. Beatriz primeiro desenterrar os ossos de seu marido D. Paulo de Lima, os quaes levou comsigo metidos em hum saco até Goa, e lhe ordenou sepultura em S. Francisco desta Cidade na capella pequena do Serafico Padre, que está entrando pela porta principal á maõ direita, onde estaõ metidos na parede com huma lamina de cobre, em que tem seu letreiro, que diz assim: *Canatale, Dabul, e Jor diraõ que está aqui D. Paulo de Lima Pereira, a quem os trabalhos acabaraõ na Cafraría na Era de* 1589; com as couzas principaes que fez. E naõ deixarey de louvar a esta Senhora esta

obra

obra de trazer a ossada de seu marido pelo meio daquella Cafraría até as embarcar, que foy heroica, e digna de se lhe agradecer. Por outra couza notavel naõ quero passar, que he, que de toda esta gente desta náo cuido que naõ ha hoje viva alguma, mais que estas tres mulheres, D. Beatriz, D. Marianna mulher de Guterre de Monroy, e D. Joanna de Mendoça, que está recolhida em huma casa em Nossa Senhora do Cabo vestida no habito de S. Francisco, pessóa de muita virtude, e em quem toda esta Cidade tem posto os olhos, por seu muito exemplo, recolhimento, e virtuoso procedimento. E com isto dou fim a este breve Tratado, que permitta Deos seja para muito louvor, e gloria sua.

F I M.

Ma-

Manoel de Farìa e Sousa havendo lido esta Historia do Excellente Heróe

D. PAULO DE LIMA.

SONETO.

DEspois que levantaste na Indiana
Plaga troféos dignos de Mavorte,
Tornando em fogo, em sangue, em pasmo, em morte
A soberba implacavel de Ujantana.

Sepulcro horrendo foy Thetis insana
Da Imagem tua, e luz da fiel Consorte,
E logo o foy de ti (misera sorte!)
Pouca arêa de margem Africana.

Se algũ clima te esconde porventura;
Asia o faz; em virtude da Heroîna,
Que soube amar despois da sepultura.

A teu fim mar, e terra se destina:
Fazer cahir naõ pode a Sorte dura
Em espaço menor tanta ruina.

CA

CATALOGO DE LIVROS,

Que ſe vendem em caſa de Luiz de Moraes mercador de livros, na traveſſa do Moinho de vento.

LIVROS DE FOLHA.

FRança á Mendes. 1. e 2. part.
Lima á Ordenaçaõ.
Cardoſo de Jure Creſcendi.
Hiſtoria de Santarem. 1. e 2.
Fernaõ Mendes Pinto.
Solano Suxo de Pegas. 3. tom.
Solano nas Cogitações.
Atalaya da Vida, do Curvo.
Zachias de Sellarios.
Reportorio á Ordenaçaõ.
Portugal Medico.
Almeida de Munere Quinario.
Brito de Locato.
Ferreira de Cirurgia.
Pinheiro de Teſtamentis. 3. tom.

Perei-

Pereira de Revisionibus.
Lima de Gaveles.
Chronica da Piedade.

LIVROS DE QUARTO.

Obra do P. Chagas 7. tom.
Mystica Cidade. 6. tom.
Vida de Rosa Maria Serio.
Antiguidades de Evora.
Supicos dous tomos.
Retiro de Cuidados. 2. tom.
P. Franco Sermões. 12. tom.
Chronica de D. Pedro I.
Vida de Santa Theresa.
Saldanha materia Medica. 1. e 2. p.
Agricultura do Garrido.
Advertencia aos Modernos.
Vida do Principe D. Theodosio.
Sermões do P. Pinheiro.
Baudre de Ceremonias.
Viagem da Terra Santa.
Addições ao Pona dos Orfaõs.
Tratado da Conservaçaõ da Saude
dos Póvos.

Luz

Luz de Arithmetica.
Arithmetica de Pereira.
Director do Coro, e Parocho.
Resumo da Mystica Cidade.
Sermões do P. Collares.

LIVROS DE OITAVO.

Operas do Bairro Alto. 2. tom.
Operas da Mouraria. 2. tom.
Sentinellas contra Judeos.
Semana Santa.
Fenix Renascida. 5. tomos.
Exercicios de Santo Ignacio.
Elogios de Portugal.
Zambuja de Ceremonias.
Combate Espiritual.

Outros muitos livros se acharào em casa do mesmo mercador, de que naõ se faz aqui mençaõ, por naõ ser diffuzo.